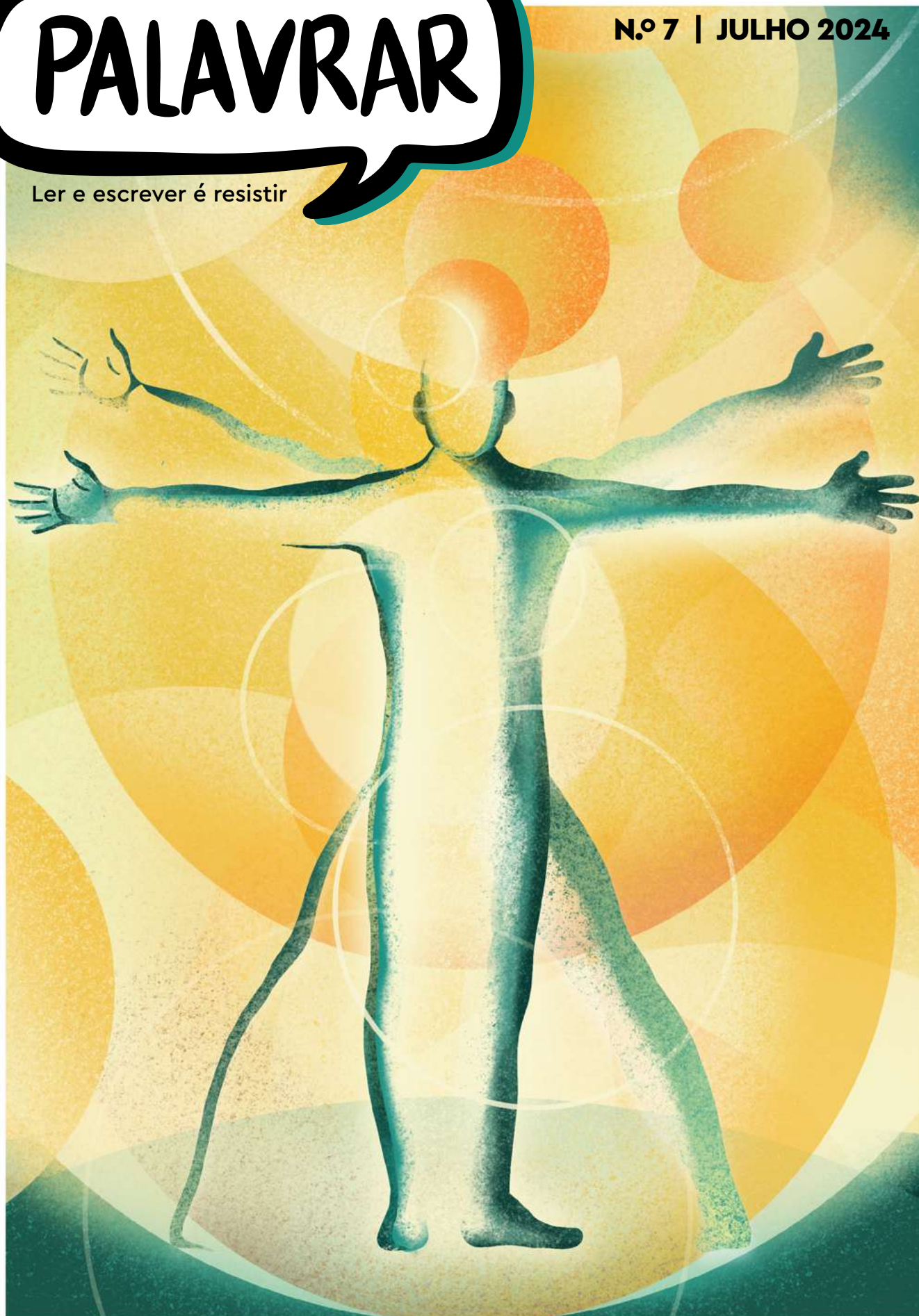


PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 7 | JULHO 2024



JULHO 2024

N.º 7

EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Diana Almeida

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

6 RITA CANAS MENDES

PER FICTA, RESISTERE

8 A VELHA
Ana Paula Campos

12 NERO
Ana Sofia Abreu

16 UMA CURTA HISTÓRIA
Carla Carmona

20 ROUPA AO PELO
Carolina Fidalgo

22 TUDO PODERIA MUDAR
Cidália Santos

26 DEIXA A VIDA FLUIR
Leonilda Pereira

30 POR AMOR À ARTE
Mia Marquez

34 À ESPERA DO BARCO
QUE NÃO CHEGA
Olinda Gil

36 GUIA DE VIAGEM
Patrícia Gomes Lucas

40 ESTAVA MAGRA
Patrícia Lameida

44 A NÉVOA QUE NOS RODEIA
Robson Siebel

48 O VOO DO ANJO
Sónia Fonseca

50 KERVILAHOUEN
Tânia Fernandes

DA PALAVRA À FORÇA

114 O PODER DA (IM)PERFEIÇÃO
Julia Domingues

116 ESCREVA COM TOMATES!
José Batista

LUSOFONIAS

124 MANUSCRITO
João Melo

PALAVRA DE LEITOR

126 MERIDIANO 28
Ana Paula Campos

BESTIÁRIO ARDILOSO

128 A USAGANHA DO GERÊS
Porventura Correia

A LITERATURA PELOS TEMPOS

4 IDADE MÉDIA
A IDADE DE OURO
Gisela Silva

IN METU, VERITAS

54 MAS TAMBÉM
Inês Montenegro

55 SEGMENTOS
Ricardo Alfaia

57 PÉS QUE OLHAM O ABISMO
Susana Silva

58 O TEMPO DAS
DESCOBERTAS
Telmo Amaral

PÉS DE PETIZ

60 A REVOLTA DOS LÁPIS DE COR
Alexandra Maria Duarte

64 CICATRIZES
Ana Costa

66 TUCA - A CANETA MÁGICA
Maria Bruno Esteves

70 A FLOR DE ROSA
Simone Mourão

74 O MEU AVÔ
Susel Pereira Gaspar

76 A COROA DO REI
Teresa Dangerfield

SALTANDO DO PARÊNTESIS

111 ODE À SABEDORIA DA
VELHICE
Analita Alves dos Santos

GAVETA CRIATIVA

118 DISCIPLINA DE ESCRITA
David Roque

LÍNGUA MATRIA

120 QUERIA UM CAFÉ
Marco Neves

CRÓNICA DO VIAJANTE

122 CAMINHOS CRUZADOS
João Ventura

A BIBLIOTERAPEUTA SUGERE

134 DAR O CORPO AOS
PECADOS
Sandra Barão Nobre



RESISTENTIA POÉTICA

80 PECADO
Luís Aguiar

84 IMPÚDICAS VONTADES
Agostinha Pópulo

85 POEMA SEM PECADO
Alexandra Ferreira

86 TATUAGEM
Ana Pinheiro

87 MAIS DO QUE UM PECADO
Ana Ribeiro

88 SOBERBO DESEJO
Ana Silva

89 SEM TÍTULO
António C. Guerreiro

90 A FISSURA
Cláudia Azambujo

91 O OITAVO PECADO
Cláudia Passarinho

92 CARTA DE ALFORRIA
Dulce Pereira

93 DE CARNE E OSSO
Elizabete Fernandes

94 AS DORES
Filipe Piteira

95 SABES QUE PERECEM EM
TENDAS
Inês de Carvalho Eusébio

96 A PALAVRA FEZ-SE CORPO
Isaura Correia

97 VIVER - JOÃO CABECINHA
Viver - João Cabecinha

98 LETARGIA
Laura Vasques de Sousa

99 O CORPO DESCONHECE
Luciana Moraes

100 NO PRINCÍPIO ERA O VERBO
Margarida Correia

101 PEDAÇOS DE MIM
Maria Gaio

102 MENTE SÃ EM CORPO SÃO
Maria Silveria Mártires

103 FOGO-FÁTUO
Mateus Ruas

104 SÃO DOIS DESTINOS
Matilde Garcia

105 ELES NÃO SABEM
Ondina Gaspar

106 NO CENTRO DAS ONDAS,
OS MESES DE NOVO
Pedro Chambel

107 REMINISCÊNCIA
Raquel Gonçalves

110 ANJO CAÍDO
Rúben Marques

SENTENTIA

130 É RICA. MUITO RICA.
James McSill

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Costa, Carmo Marques, David Roque, Isabela Veloso, Laura Vasques de Sousa, Paula Campos e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | Sede da redação e da Editora: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprazerdaescrita.com | Estatuto editorial ©2024 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados. Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, exceto quando a pedido específico do autor.

CORPO AOS PECADOS

Analita Alves dos Santos

Escolher o tema «Corpo aos Pecados» foi uma decisão provocadora, com a expectativa de espicaçar possibilidades criativas e reflexivas nos autores. Quiçá redentoras.

Este é um tópico que permite explorar criativamente a condição humana, trazendo à superfície questões de identidade, ligação à morte, à vida, aos desejos e aos conflitos internos — os monstros escondidos que nos habitam. A dualidade entre corpo e pecado oferece uma tapeçaria de narrativas que dissecam as tensões entre desejo e culpa, carne e espírito, proporcionando uma reflexão crítica sobre a moralidade.

Com as discussões sobre corpo, imagem, género, sexualidade, idadismo e saúde em destaque, este é um tema deveras pertinente. É nossa intenção abordar estas questões de forma literária, oferecendo novas perspetivas, ângulos e considerações.

«Corpo aos Pecados» pretende servir de mote a uma variedade de estilos e géneros, desde poesia e prosa até à ficção especulativa ou o drama, enriquecendo assim esta edição da PALAVRAR com uma diversidade de interpretações e olhares literários.

Assuntos provocadores como este estimulam a criatividade dos escritores, desafiando-os a inovar e a explorar novas formas de expressão — a viver em pleno a sua liberdade inventiva. É o que esperamos e pretendemos nesta PALAVRAR e em todas as outras. Nem mais, nem menos.

O objetivo é apresentar uma revista dinâmica e envolvente, que capte a atenção dos leitores e seja convidativa à reflexão.

A sétima edição da PALAVRAR é arrojada e está disposta a explorar as profundezas da experiência humana e os dilemas morais que nos confrontam. Porque, como disse Lúcia Jorge, «A escrita é

redentora. A escrita faz com que o autor, independentemente do reconhecimento, tenha uma história de vida magnífica. (...) A literatura dir-se-ia um permanente treino da alteridade. Os escritores são seres de liberdade e de libertação dos outros». – Lúcia Jorge, *in* jornal Diário de Notícias (2007)

Diana Almeida

Entramos no quarto ano da PALAVRAR. Seis números volvidos, proporcionamos um sólido palco para a expressão artística da palavra escrita em várias das facetas possíveis. Confesso o orgulho que sinto no trabalho feito, a confiança em toda a equipa de edição e revisão, que tanto de si tem espalhado por estas páginas, e o prazer em ver os textos de tantos autores brilharem connosco.

Ao começar novo ciclo, escancaramos possibilidades com o mote escolhido. «Corpo aos Pecados» soa a tudo, à imensidão de possibilidades e explorações que algum pudor ou superficialismo poderiam condicionar, mas que propositamente abolimos quando o assumimos neste sétimo número.

À medida que recebi textos, espantei-me — pelo que foi explorado e pelo que continuou esquecido, pelos formatos preferidos e por aqueles que foram preteridos. O resultado que se espelha nas páginas adiante é quase um caso de estudo sobre a escrita e o que permitimos de nós, mesmo sem restrições.

Convido o leitor a degustar esta revista. A que, por cada texto, haja espaço, um momento para que as palavras assentem até que se erga o seu eco. Acredito que será possível encontrar um pouco mais de si com o que de nós aqui irá encontrar. Desfrute.

IDADE MÉDIA À IDADE DE OURO

GISELA
SILVA

Se na Idade Média, os trovadores e a poesia lírica constituíram umas das principais manifestações literárias, testemunhadas pelos três Cancioneiros, os finais do século XIV foram o momento em que, para além da poesia, as crónicas fizeram finca-pé, relatando o que se passava na nação. Ora, tal permite-nos afirmar que, desde a crise de 1383-1385, nasceu um outro momento da literatura, e são disso exemplo a heroica história de Nuno Álvares Pereira, na «Crónica do Condestável», e a reconhecida «Crónica de D João I», de Fernão Lopes, cujos relatos, marcados pelo sensorialismo e visualismo das situações descritas, destacam este último como um excelente artista da prosa literária portuguesa, onde o coloquialismo configura também o desejado projeto comum de autonomia política, proclamado pelo povo. Muito importante será também o início do século XV, que se poderá demarcar como o momento da transição do medievalismo para o Renascimento, cujo apanágio se dará no século XVI. A evolução é lenta, como sabemos, mas basta que pensemos na expansão além-mar para que não nos restem dúvidas de que o início do século XV alavancará a produção literária da época. Tratar-se-á, pois, de consolidar a língua portuguesa e trazer à cena temas como a literatura de viagem e enaltecer o Homem. Este será também o século da poesia palaciana e do *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende, referência incontestável de um trabalho laborioso, onde se preconiza já uma linguagem mais elaborada, considerada por muitos de *refinada*. São os passos certos para o advento do Renascimento português que será cultivado por grandes nomes das artes e das letras. São, pois, autores como Sá de Miranda e Luís de Camões que transformam a poesia palaciana, dotando-a da elegância e erudição clássica e renascentista. Falamos, por exemplo, do *dolce stil nuovo* (de Dante), introduzido em Portugal por Sá de Miranda e da clara influência Petrarquista.

Compreendemos, assim, que o século XV vê florescer, ainda que a passos muito lentos, te-



mas representativos do Renascimento que ganharam voz no século XVI com as inovações literárias e temas representativos de uma sociedade em total expansão e orgulhosa de tal. Este período (da denominada *Idade de Ouro da literatura em Portugal*) será marcado por várias obras e autores, cuja intensa criatividade e produção literária terá um impacto profundo e duradouro na cultura portuguesa, pois é o período que vai celebrar os feitos heroicos da nação e explorar temas universais dos ideais clássicos greco-romanos, impulsionados pelas grandes navegações e descobertas portuguesas.

O século XVI em Portugal é, portanto, um período que bebeu importantes transformações culturais advindas do século XV e que se destacou pelo seu *esplendor literário*, cujo expoente máximo se configura em *Os Lusíadas*. São ainda nomes como os de Bernardim Ribeiro e Gil Vicente que engrandecem o panorama literário do século XVI e sobre os quais se tecem os maiores elogios. Bernardim Ribeiro por ter celebrado o amor melancólico e a natureza como nenhum outro e por ter escrito *Menina e Moça* que é, sem qualquer dúvida, uma das pedras angulares da nossa História da Literatura pela profundidade emocional de um amor não correspondido, pela inovação estilística, trazendo para o panorama literário um estilo de prosa lírica que terá influenciado grandemente os escritores posteriores, e ficção narrativa. Quanto ao advento e qualidade literária

do teatro português, não tenhamos dúvidas em relação a dois aspetos: o século XVI foi o *tal* (a sociedade portuguesa alterou-se definitivamente), pois a corte portuguesa tinha um dramaturgo que era Gil Vicente. Atento ao que se passava à sua volta, e certificando-se que o teatro deve ir muito para além das celebrações religiosas, este faz com que as suas peças teatrais retratem temas abrangentes, como terá explicado à rainha, e celebra o riso, sob o lema *ridendo castigat mores*, o que o faz apontar o dedo aos vícios e pecados de uma sociedade tomada pela luxúria e quebra de valores, para regozijo da própria corte. A História da Literatura até ao século XVI é, assim, marcada pela transição das tradições orais e religiosas numa noção, ainda que vaga, da consolidação da nossa língua e da cultura escrita; reflete a expansão marítima e a formação da identidade nacional e consagra a língua portuguesa, elevando a literatura nacional ao nível dos grandes movimentos literários europeus.

Consultas bibliográficas:

Mattoso, José, *A identidade nacional*, Lisboa, Gradiva, 2003.

Pinto Pais, Amélia, *História da literatura em Portugal – uma perspetiva didática*, vol. 1, Porto, Areal Editores, 2004.

Stegagno Picchio, Luciana, «Gil Vicente», in Isabel Allegro de Magalhães (coord.), *História e antologiadada literatura portuguesa: século XVI*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

RITA CANAS MENDES



Rita Canas Mendes (Lisboa, 1984) formou-se em Filosofia e tem uma pós-graduação em Edição. Depois de ter trabalhado em diversas editoras, atualmente dedica-se à tradução literária – tendo traduzido obras de Margaret Atwood, Lucia Berlin, Patricia Highsmith e Edna O’Brien, entre outros – e à escrita. Tem sete obras publicadas, todas em áreas distintas, do guia prático ao livro infantil, havendo outras três em processo de publicação. Em 2021, ganhou uma Bolsa de Criação Literária. *Teoria das Catástrofes Elementares* é o seu primeiro romance.

1 | Qual o principal aspeto da sua personalidade?

O sentido de humor.

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

A solidariedade.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

A solidariedade.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

O entusiasmo.

5 | Qual é o seu principal defeito?

A impaciência.

6 | Qual é o seu passatempo favorito?

Uma bela sesta.

7 | Qual é a sua noção de felicidade?

A consciência tranquila.

8 | Qual é a sua noção de infelicidade?

A solidão involuntária.

9 | Se não fosse você mesmo, quem gostaria ser?

Alguém que não quisesse ser outra pessoa.

10 | Onde gostaria de morar?

Perto do mar.

11 | Qual é a sua cor favorita?

Amarelo.

12 | Qual é o seu escritor favorito?

Lucia Berlin.

13 | Qual é o seu poeta favorito?

Wisława Szymborska.

14 | Qual é o seu herói favorito na ficção?

Little Dog, de Ocean Vuong.

15 | Qual é a sua heroína favorita na ficção?

Matilda, de Roald Dahl.

16 | Quais são os seus pintores e compositores favoritos?

Boticelli, Vermeer e Magritte. Carlos Paredes, Erik Satie e Phillip Glass.

17 | Quais são os seus heróis na vida real?

Todos os que não hesitam em ajudar o outro.

18 | Qual é a sua figura feminina favorita na história?

Rosa Parks.

19 | Quais são os seus nomes favoritos?

Esperança e Liberdade.

20 | O que mais odeia?

Violência dos mais fortes para com os mais fracos.

21 | Quais são as figuras históricas que mais odeia?

Naturalmente, todos os opressores.

22 | Qual é o evento militar que mais admira?

Nenhum.

23 | Que talento natural gostaria de ter?

Bom ouvido para a música.

24 | Como gostaria de morrer?

Em paz.

25 | Qual é o seu estado mental atual?

Em paz.

26 | Por que defeito tem menos tolerância?

As segundas intenções.

27 | Qual é o seu lema favorito?

Está tudo ligado.

No relógio da sala, duas e vinte da manhã. Luísa continuava a trabalhar com afinco. Palavras fluíam da caneta para o papel como se tivessem vida própria. Personagens iam tomando conta dela, direcionando-a, ora num tom tranquilo, calmo, repousante, ora em momentos de alucinantes delírios, guiando-lhe os dedos com frenesim de tresloucamento. Eram sempre mais fáceis as verídicas, fantasmas do seu passado. Com essas não se atrevia a devaneios. Respeitava-lhes os sentimentos e os comportamentos. Sobretudo os pecaminosos. Era muito ciosa dos segredos alheios. Sobretudo dos ímpios. Pior era quando com elas mesclava seres fruto da sua imaginação. E que imaginação, a de Luísa!

Noventa e dois anos. Velha. Aliás, a velha, para os filhos, as noras, a empregada, até para o rapaz da mercearia. A velha. Sabia, melhor do que eles, vítimas da sua rabugice, das suas maldades, que merecia aquele tipo de tratamento desprezível. Durante toda a vida,

«Durante o dia comportava-se como se estivesse a perder as faculdades mentais: levantava-se tardíssimo, ignorava as horas estipuladas para as refeições, fingia esquecer o que não lhe interessava lembrar, dizia o que lhe apetecia. No entanto, mantinha-se lúcida.»

impusera um regime de autoritarismo que não admitia resposta. Senhora de património considerável, usara-o, sempre, como facilitador de uma vida confortável. Glorificava o hedonismo e vivia em conformidade. Fora esposa adúltera, mãe castradora, sogra execrável, patroa exigente. Mas para todos os seus defeitos encontrara fundamentos. Não se arrependia. Agora, em fim de vida, com uma doença grave, divertia-se continuando a enganar os que a consideravam uma velha gagá.

Durante o dia comportava-se como se estivesse a perder as faculdades mentais: levantava-se tardíssimo, ignorava as horas estipuladas para as refeições, fingia esquecer o que não lhe interessava lembrar, dizia o que lhe apetecia. No entanto, mantinha-se lúcida. Assim que a empregada saía, por volta da hora de jantar, começava o seu dia. Com a casa só para si, cozinhava o que lhe apetecia, comia no quarto, frente à televisão, revia antigas fotografias, joias, documentos de um passado que continuava vívido na sua memória. E escrevia. Contava tudo aquilo de que se lembrava — e Luísa lembrava-se de tudo! — e, quando se cansava dos que tinham povoado a sua vida, inventava novas histórias, com novas personagens. Zelar para que os inúmeros cadernos pretos que continham as suas narrativas fossem encontrados depois da sua morte.

Naquela noite, sentia-se feliz. Tinha-se levantado cedo para sair. O assunto levaria algumas horas e era preciso estar em casa à hora do almoço, para a empregada não desconfiar. Chegara ainda a tempo de esconder o envelope, numa das muitas gavetas que mantinha fechadas à chave, porque não tens gabarito para mexeres em coisas finas e podes roubar-me, dizia à rapariga. Rejubilava. Quase lhe apetecia morrer depressa para todos poderem desabafar o ódio que lhe votavam, sem medo. Mas não acreditava no Além. Sabia que nunca desfrutaria do prazer de ver o espanto, a raiva e a desorientação da família. Era agora que tinha de se deliciar com essa antevisão.

**«Naquela noite,
sentia-se feliz.
Tinha-se levantado
cedo para sair.
O assunto levaria
algumas horas e
era preciso estar
em casa à hora
do almoço, para
a empregada não
desconfiar. Chegara
ainda a tempo
de esconder o
envelope, numa
das muitas gavetas
que mantinha
fechadas à chave.»**

Chamou a empregada e mandou-a sentar-se junto dela. A rapariga estranhou a familiaridade e o discurso coerente, mas impensável. — Esta pulseira de esmeraldas é verdadeira. Trouxe-a do Congo Belga. O único bem que possuo. Todas as minhas joias estão no fundo do rio, desde esta manhã. Espalhadas, levou-as a corrente. Queria-as a gorda da minha nora mais nova, para as derreter na comida que vomita. Culpa do imbecil do meu filho, que passa a vida nas casas de meninas.

» A rapariga, habituada às mentiras maldosas da mulher, acreditou tratar-se de mais uma.

— Dinheiro não há. A minha nora mais velha levantou-o quase todo, com a procuração que lhe passei. Devia estar à espera de que as obras da casa se transformassem em notas, ou de que ganhasse algum prémio no casino de Las Vegas, para o repor. Culpa do panhonha do meu filho, que lhe obedece em tudo. O discurso fazia sentido. A família da velha

«Debaixo da cama, as pernas, dois finos canivetes, saíam da camisa de dormir, levantada até à cintura. Não se via mais corpo. Arrastara-o com os pecados para um esconderijo, como quem varre o lixo e o esconde com os tapetes.»

roubava-a, extorquia-a, sob pretextos absurdos. Não eram boas pessoas.

— A pulseira é para ti. Guarda-a durante uns tempos e vende-a longe da cidade. A rapariga não sabia o que pensar daquilo. Guardou-a.

Às oito da manhã, quatro horas antes do habitual, a empregada abriu a porta e os dois filhos e as duas noras irromperam casa adentro. O mais novo ia mandar a rapariga embora. Bastava tê-los avisado de que a mãe estaria perto de ensandecer, já não tinha nada a fazer ali.

Os gritos das noras vieram, em uníssono, do quarto da velha, para onde todos se dirigiram. Debaixo da cama, as pernas, dois finos canivetes, saíam da camisa de dormir, levantada até à cintura. Não se via mais corpo. Arrastara-o com os pecados para um esconderijo, como quem varre o lixo e o esconde com os tapetes.

Enquanto as mulheres gritavam, histéricas, pela querida ainda suposta defunta, os filhos começaram a pontapear portas e gavetas fechadas, procurando dinheiro e joias.

Foi a empregada que alertou para o frasco de comprimidos vazio, junto da mesinha de cabeceira. Pegou no telemóvel para chamar a ambulância, mas foi, imediatamente, impedida de o fazer pelos quatro familiares. Só quando tudo estava rebentado é que o filho mais novo puxou a velha pelas pernas e a virou. Morta. O sorriso desdenhoso no rosto.

Horas depois, num saco de plástico preto, o corpo saía da casa alugada, onde vivera quarenta anos.

Nas mãos da nora mais velha, o testamento. Simples. "Aos meus filhos deixo todos os meus bens: nada."

No bolso da empregada, a pulseira de esmeraldas.



Nero. De pelo brilhante, preto, que espelhava uma luz que incidia no dorso forte e musculado. O tamanho conferia-lhe uma forma atrapalhada de andar parecendo encher todos os lugares e a proeza de deitar ao chão as loiças da casa. Dócil companheiro, cheirou as minhas fraldas e, mais tarde, as minhas ceroulas, voluntariamente impregnadas no seu faro. Se alguma vez fosse necessário encontrar-me, bastaria seguirem Nero e ele indicaria a minha localização, mesmo do outro lado do mundo. No entanto, se eu me perdesse ou fugisse para longe, ele estaria comigo, não havendo ninguém mais para seguir meu rasto. Fixado por galinhas, Nero perseguia-as de forma compulsiva, único momento em que se distanciava de mim, para roubar a pouca paciência dos galináceos e algumas penas, armando confusão na capoeira. Até os galos fanfarrões perdiam as peneiras e altivez e fugiam esganiçados, atrevo-me mesmo a dizer, "esgalinhaçados". À conta das corridas de Nero, as galinhas perdiam o respeito pelos galos vaidosos e já não bastava um

«Fixado por galinhas, Nero perseguia-as de forma compulsiva, único momento em que se distanciava de mim, para roubar a pouca paciência dos galináceos e algumas penas, armando confusão na capoeira.»

simples arrastar de asa, a dança era paulatinamente mais pomposa e demorada. Escusado será dizer que as galinhas, mas principalmente os galos, que tivemos ao longo dos anos, odiavam Nero, pois ele perseguia-os até ao dia fatal da panela. Alguns não duravam, sucumbindo às abocanhadas exercidas sem noção da sua imensa força, e largando-os, de seguida, sem interesse, perante a ausência de esperneio ou agitação.

Dia após dia, o meu pai saturava-se com aquele comportamento temperamental, entre touro e bicho de pelúcia, e castigava-o. Pecado que lhe penava no corpo. Era acorrentado, para considerar melhor o que pretendia da vida canina: melhor comportamento e a minha companhia constante, ou as penugens pelo ar e a ausência do seu adorado humano, com a clausura de uma corrente agarrada ao cimento frio e duro. Enquanto Nero latia e uivava de incompreensão de tão vil tormento, eu chorava e perdia peso. Penava por ele e como ele. Nem só dos nossos pecados sentimos as consequências na pele, por vezes, os pecados dos outros, próximos de nós, marcam-nos de igual forma. De olhos caídos à mesa e o prato de comida intocado, o meu pai acabava por barafustar: – Raios partam o cão!

Soltem-no, mas para a próxima não terá tanta sorte. E de sorte em sorte, como as pedras que vamos encontrando ao atravessar um riacho, fomos caminhando pela vida. Eu e o meu amigo. Cresci com Nero a esperar-me ao fim do dia de aulas, por baixo da grande árvore de copa larga, na rua do passeio cor de barro, perpendicular à escola. Nenhum canino passava por ali sem pôr a cauda entre as pernas e seguir de mansinho. Nenhum o desafiava e nenhum menino se sentia mais amado que eu.

Acompanhava-me com o sol, com a chuva, com a lua, com o vento e com o orgulho de se saber ali comigo. Paciente com todas as minhas tarefas, ansioso por todos os passeios, os mergulhos no rio e as infundáveis procuras de pequenos troncos que eu conseguia, dia após dia, atirar mais longe.

Quando o superei em quilos de peso, Nero ia nos treze anos de vida, mas, ainda assim, com mais força do que eu. Possante e a destinar cada vez mais horas do dia ao descanso em alta e ronca voz, não perdia as minhas rotinas, as nossas brincadeiras e as horas de molenquice na rede que dormia na sombra das duas melhores árvores do nosso quintal.

Mas, um dia, a confusão no galinheiro superou-se em penugens pelo ar e o cacarejar desesperado ouvia-se ao pé do sino da igreja, em pleno toque das seis da tarde. Corri para chamar Nero à razão, com medo na voz,

«Dia após dia, o meu pai saturava-se com aquele comportamento temperamental, entre touro e bicho de pelúcia, e castigava-o. Pecado que lhe penava no corpo. Era acorrentado, para considerar melhor o que pretendia da vida canina: melhor comportamento e a minha companhia constante, ou as penugens pelo ar e a ausência do seu adorado humano, com a clausura de uma corrente agarrada ao cimento frio e duro.»

» imaginando o castigo que nos calharia desta vez. Encontrei o meu pai com dois dos seus empregados com paus nas mãos. Tentavam encurralar Nero num beco, que, pelo olhar de meu pai, não teria saída. Percebi a razão daquele olhar assim que vi Nero a espumar da boca e sem reagir aos meus gritos pelo seu nome. Já tinha ouvido falar daquela doença, que bramia loucura pelos olhos e boca e a fatalidade de não se reconhecer quem sempre se amou. Adoecei naquele momento. Antevi a

**«Mas, um dia,
a confusão
no galinheiro
superou-se em
penugens pelo
ar e o cacarejar
desesperado
ouviam-se ao
pé do sino da
igreja, em pleno
toque das seis
da tarde.»**

sorte a escapar-lhe. A pedra do riacho estava longe demais para alcançar, mesmo com o salto mais diligente...

Naquela altura, quando se apanhava piolhos, rapava-se por completo o cabelo, menino ou menina, sem contemplações, para além do uso de alguma mistela com efeitos secundários duvidosos e sempre malcheirosa. A natureza ditava os anos de vida, sem a ciência para desafiar o tempo e quando desafiava era longe dali, demorava-se a chegar.

Nero tinha tudo contra ele. Naquele beco onde perseguiu a sua última galinha, incapaz de conter o seu impulso, e aguçado pela violenta doença que se lhe abateu sem dó, caiu, pelas mãos calejadas de certeza de que tal infortúnio não podia alastrar a outros. Morreu ali. Nunca um som se colou a uma imagem como naquele momento. Não sei qual foi a imagem a seguir, bloqueei a derradeira, e cá também eu, desfalecido no chão.

Acordei sem noção dos dias, com o cantar dos galos mais intenso e cheio de pompa. A natureza seguia o curso e eu prossegui o meu.

Os ovos das galinhas passaram a ser maiores e mais regulares, menos penas pelo ar e confusão no galinheiro, mas os dias desacompanharam-se de amor e alegria, e assim foi por muito tempo.

Nero marcou-me na vida que percorreu comigo, e na forma abrupta como a morte o apanhou *desvacinado*. Devo-lhe o amor pelos animais e a minha profissão, veterinário. A ciência tem na minha vida um papel ativo e mistura-se na equação em que o tempo e tudo o que o envolve combinam e mexem com as pedras que nos vão, ou não surgindo à frente.

Lembrei-me do meu cão Nero enquanto esperava na fila da farmácia, pensando que, hoje, o meu filho de sete anos não teria de passar por um episódio semelhante com o nosso cão... – Um champô para matar piolhos, com cheiro a cítricos, por favor!



UMA CURTA HISTÓRIA

CARLA
CARMONA

Tranquilidade, paz, ordem, beleza, são palavras que nos ocorrem ao passarmos na via rápida e descortinarmos a Vila no vale. Com o sol a incidir sobre ela, é uma verdadeira paisagem de postal. Mas digo-lhe, caro leitor, ninguém sabe o que se passa dentro daquelas paredes ou que enigmas espreitam pelas janelas.

A rua principal vai até ao largo onde encontramos a junta de freguesia e outros serviços administrativos e do poder local.

Uma casa azul, bem no meio da avenida, é onde vive o Manuel. Os pais eram pessoas abastadas e ele é formado em direito e homem bem-apessoado, se acreditarmos no que dizem as mulheres da vila. Ora, aí vai ele. Todos os dias, pelas 7h30, sai de casa, dirige-se à pastelaria da Dona Rosa para tomar o pequeno-almoço. Local charmoso, decorado como uma típica casa de chá, com vitrine virada para a porta de entrada, onde estão dispostos todos os tipos de bolos, com frutas, chantilly, frutos secos, chocolate, um verdadeiro paraíso para os gulosos.

«Todos os dias, pelas 7h30, sai de casa, dirige-se à pastelaria da Dona Rosa para tomar o pequeno-almoço. Local charmoso, decorado como uma típica casa de chá, com vitrine virada para a porta de entrada, onde estão dispostos todos os tipos de bolos, com frutas, chantilly, frutos secos, chocolate, um verdadeiro paraíso para os gulosos.»

— Então o que vai ser hoje, Dr. Manuel?
— Hoje vai ser meia torrada, um café e dois queques, um de chocolate e o outro de noz.
— Sempre me saíste um guloso.
— São pequenos prazeres.

Senta-se na mesa junto à janela, a mesma de sempre, e delicia-se com o pequeno-almoço, enquanto lê o jornal.

A seguir, vai para o seu escritório. O Dr. Manuel Monteiro e Cunha é o advogado proeminente da vila.

Durante a manhã, verifica vários processos e perto da hora de almoço pede à secretária, Piedade, para ir ao seu gabinete.

— Estes são os casos que não vamos aceitar. Ficamos só os processos do presidente da junta e da fábrica têxtil.

Piedade repara no processo que está no cimo da pilha dos não aceites.

— Não vai defender o Sr. Joaquim? Ele tem os documentos que provam que as terras são dele. É um homem honesto, trabalhador e esta alegação é despropositada.

— Ele não tem como me pagar. Não faço pro bono.

A secretária revira os olhos, mas decide não fazer comentários.

— O Sr. Agostinho passou cá ontem, ao final do dia, para receber o que falta das obras que fez em sua casa.

— Hum, é preciso ter lata, não fez aquilo que pedi para ele fazer e agora quer receber por um trabalho mal feito? Nem pensar.

Faz um aceno com a mão e Piedade sai. Ainda pensou em argumentar, contudo seria um desperdício, ele fazia sempre o mesmo. Pegou na mala e saiu.

Alguém a vigia, espera que ela vá almoçar para serpentar até à porta.

Do outro lado da rua, o Agostinho, que está a supervisionar a obra na sala da Dona Gertrudes, constata que a Dona Carmen, mulher bonita e ainda jovem, casada com o padeiro, logo que Piedade vai almoçar, entra para visitar o advogado. Tem sido assim nos últimos três dias. Quando sai vem meio ofegante e um pou-

**«Aqui tens estes
novos casos
para trabalhares,
quando tiveres as
peças preparadas,
deixa-as na minha
secretária que dou
uma vista de olhos,
temos de conseguir
um veredito que
nos seja favorável.»**

co desalinhada. O empreiteiro fica a olhar para a porta enquanto coça a barba. Tem os olhos brilhantes e um pequeno sorriso.

O nosso douto causídico passa a tarde ao telefone com dois clientes, a referir casos e explanar jurisprudência escusada. Mal termina a última chamada, entra no gabinete o seu assistente.

— Dr. Monteiro e Cunha, o Sr. Juiz decidiu a nosso favor.

— Excelente meu rapaz, ainda te farás um bom advogado. — Entrega-lhe mais três pastas. — Aqui tens estes novos casos para trabalhares, quando tiveres as peças preparadas, deixa-as na minha secretária que dou uma vista de olhos, temos de conseguir um veredito que nos seja favorável.

Pega na pasta, despede-se de Rudolfo e da assistente. Com o bater da porta, Piedade olha para a cara preocupada do colega.

— Já devias estar habituado, o trabalho árduo é para ti, ele anda de mão dada com a Dona Indolência. >

» No caminho para casa vê um Porsche Cayenne branco a aproximar-se, pára no semáforo, aprecia o carro e nota o vidro a descer.
— Gosta do meu novo meio de transporte, Dr. Monteiro e Cunha?

O sinal fica verde, o som da gargalhada e o ronco do motor fundem-se, deixando um Manuel de lábios comprimidos e punhos cerrados a resmungar.

— Como é que o sacana do eletricista conseguiu aquela bomba?

Quando chega a casa ainda vai a ruminar sobre o Porsche. Logo após entrar, a campainha toca. Com a cabeça cheia, abre a porta sem ver quem é.

— Que raios quer você?

Agostinho não lhe dá hipóteses de continuar a falar, invade o seu espaço pessoal, empurra-o e entra em casa. Tal é a perturbação de Manuel, que se deixa empurrar.

**«Nos fins-de-
-semana alivia a
solidão à mulher
do Gervásio,
enquanto
aquele se
entretém nos
campeonatos
de xadrez.»**

— Saia, imediatamente.

— Primeiro vamos falar sobre o que me deve.

— Não lhe devo nada. Você não fez um bom trabalho.

— Isso é o que o Sr. Dr. diz. Na realidade tudo foi feito como estava no projeto, por isso ficou tudo feito e bem feito, porque sou um bom profissional. E o excelentíssimo Sr. Dr. Monteiro e Cunha vai pagar tudo, se não quiser que se saiba que é um homem dado à lascívia. Principalmente com senhoras casadas.

— Chantagem e injúria, é o que é.

— Durante a hora do almoço recebe a visita da D. Carmen. Nos fins-de-semana alivia a solidão à mulher do Gervásio, enquanto aquele se entretém nos campeonatos de xadrez. E quando é preciso dar despacho da papelada, vem a D. Mafalda, esposa do nosso presidente da junta, despachar.

— Filho da mãe, quem achas que és para... Manuel fica muito vermelho e perde os sentidos. Agostinho chama a ambulância e, no meio do alarido dos habitantes da vila, levam-no para o hospital.

Na pastelaria, sentado na mesa junto à janela está Agostinho, acompanhado de um café frio. Piedade, guiada pela fome, entra no café e vê-o ali prostrado.

— Por aqui, a esta hora? — Sem lhe dar hipótese de resposta, senta-se. — Não o via desde o funeral. Sabe, como tratei de tudo para organizar o funeral, pelo certificado de óbito fiquei a saber que o Dr. tinha vários problemas, colesterol, níveis elevados de açúcar, pressão alta, etc. Ele vivia a vida sem se preocupar e, no final, esses pecados levaram-lhe o corpo.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



ROUPA AO PELO

CAROLINA
FIDALGO

«Ouves a água? Já cá estamos.»
«Ouvia: primeiro quase nada, depois mais que tudo. Habituará os ouvidos ao ruído dos passos bruscos e aflitos dos nossos pés, às investidas de bichos armados e nocturnos, ao resfolegar das ervas altas que nos escovavam as roupas. Mas agora: água. O seu crepitar gelatinoso. Era, parecia-me, o som de coisas que se abriam. Com mãos trémulas, começámos a despir-nos junto ao rio. As calças. Botão por botão, as camisas. E também as meias. A roupa interior. Depressa ficámos nus. Não fora a Lua, não o veria. Não nos tocámos. Temíamos tocar-nos. Estávamos tão perto. Do outro lado. «Vestimo-las já?», indaguei. Ele fez que sim. «São mais fáceis de vestir agora que estamos secos.» Assenti e abri a mochila, tapando o nariz. Comecei pelo pé esquerdo, depois o direito. Moldei as coxas. Levou algum tempo a ajustar cada dedo do pé. Quando ficámos prontos, a água ainda corria. Preta e branca, de noite e luar.

«Perdi uma perna clara, e a outra, para o banho gélido. Os pés não gostavam do solo de limo, mas quase não senti dor ao pisar os gumes rochosos.»

«Eu vou primeiro, tu vens atrás. Dás-me a mão se escorregares, sim?», disse ele em surdina. Se fosse de dia, outro dia, teria reclamado um pouco de coragem. Mas era de noite, aquela noite, e a fraqueza assentava-me melhor que o que trazia vestido. Ele aproximou-se da margem, perscrutando com os dedos a vegetação anónima. Acocorou-se antes de deslizar para dentro do rio. Segui-lhe o exemplo. Agarrei num arbusto, às cegas, até sentir espinhos silvestres rasgarem-me a pele. Apercebendo-me do que sucedera, recolhi a mão e evitei voltar a tocar nos vultos pardos em redor. Perdi uma perna clara, e a outra, para o banho gélido. Os pés não gostavam do solo de limo, mas quase não senti dor ao pisar os gumes rochosos. Ele estava mesmo à minha frente. O rio era estreito, contudo a água chegava-nos à cintura e a corrente era forte. Mesmo assim, resisti

a dar-lhe a mão. Como seria: dar a mão.
Àquela mão.

A travessia era de meia dúzia de metros, mas esticava-se sob a pele. Ao dormir, fazia aquela passagem há meses, deixando para trás a miséria da minha terra. Era capaz de abrir mão de tudo, porque tudo era ínfimo, e mesquinho, e magoava. O luar não era forte que bastasse para que conseguisse ver o meu reflexo destrinchando-se na corrente.

Galguei uma última pedra e despi-me da água. Cá estávamos. Tanto imaginara como seria, mas era tal qual o outro lado. Para mais, verificava-me estrangeira. Fiquei envergonhada, sentindo-me seca e estranhamente mal-vestida. A maneira como ele se mexia dava a impressão de que sentia o mesmo.

Mas ainda estávamos nus. E, por isso, tirámos a roupa da mochila.

Apalpei a camisa a medo, apercebendo-me de que não conseguiria ser outra.

«Eles também usam este tipo de roupa? Não vamos deitar tudo a perder por usarmos roupas de preto?», perguntei-lhe, afogueada e consciente de que não éramos bem-vindos. Ele chegou perto e pude ver como os olhos lhe ficavam mal na cara, estranhamente fundos sob a camada de si que não era a sua.

Como um estranho.

«Roupas de preto? É roupa. Veste-te rápido antes que venh...»

A palavra quedou-se-lhe pendurada da boca escancarada, uma boca que, tal como os olhos, lhe ficava demasiado funda. Tombou para o chão, destapando o guarda na sua traseira, que com uma navalha lhe traçara o destino.

Também a mim me tomaram, por trás, abraçando a pele que me abraçava.

«Rouba-peles de merda», rugiu o guarda que o atingira. Agachou-se sobre o seu corpo e, com a lâmina, abriu-o de cima a baixo. Sob a película clara encarquilhando em pregas, a sua linda pele escura era longa e fúlgida como uma ferida.

«A quem é que as roubaram? O que é que lhes fizeram?», intimou o guarda que me agarrava, sacudindo-me, pálida, entre as mãos hirsutas.

A cara da mulher que eu matara apertava o meu rosto.



TUDO PODERIA MUDAR

CIDÁLIA
SANTOS

— Que segredos esconde esse jardim, mamã?

— Amanhã descobrirás o final da história. Agora está na hora de ires dormir.

Helena acariciou o cabelo de Afonso e beijou-lhe a testa.

— Obrigado, mamã.

Desceu as escadas e instalou-se no sofá da sala com uma chávena de chá de camomila na mão. Pegou no telemóvel e verificou que tinha recebido uma mensagem.

— Tenho saudades tuas. Quero ver-te amanhã.

Acenou a cabeça:

— És mesmo néscio! Deves pensar que és o maior do mundo. Atirou o aparelho contra as almofadas. Perguntou a si mesma: "Que vida é a minha?"

Em plena época natalícia, Álvaro estava, mais uma vez, de plantão no hospital.

Helena era designer, mas tinha deixado de trabalhar quando casara há dez anos. O salário do marido permitia-lhes ter uma vida com várias regalias: uma grande casa, dois carros topo de gama, muitas joias e o filho num colégio de elite.

«Helena era designer, mas tinha deixado de trabalhar quando casara há dez anos. O salário do marido permitia-lhes ter uma vida com várias regalias: uma grande casa, dois carros topo de gama, muitas joias e o filho num colégio de elite.»

Todos os anos, a família ia passar férias para o estrangeiro.

Nos jantares de Natal do hospital, onde o marido exercia a sua profissão, as esposas de outros médicos criticavam a sua arrogância, mas no fundo, invejavam-lhe o requinte da silhueta e dos gestos.

Helena vagueava nestes pensamentos, quando a empregada entrou na sala. Avisou-a, de imediato, que iria sair.

Para o encontro, Helena foi à cave buscar a caixa de veludo onde guardava uma lingerie preta, uns sapatos de salto agulha, uma máscara e um chicote.

Ao escolher um colar no porta-joias, acabou por pegar na carta da mãe que guardava no fundo falso. Releu, mais uma vez as palavras que tanto a faziam pensar: "Filha, não cometas o erro que cometi. Não valorizei o amor do teu pai e procurei prazer nos braços de outro homem. Acabei arrastada pelas escadas"

Helena tinha quinze anos e recordava-se bem desse dia. O pai tinha encontrado a mãe com um amante. Ela entrou em depressão e mais tarde embateu o carro contra um muro.

Durante anos, Helena pensava no motivo pelo qual a mãe tinha traído o pai. Este era um homem dedicado à família e nada indicava que ela se sentisse insatisfeita com o casamento. Será que se sentia reprimida sexualmente no casamento, tal como ela?

Helena abandonou as suas inquietações e guardou a carta. Encaixou os seios robustos no *soutien* de renda, borrifou-se com algumas gotas de perfume no colo e pescoço, vestiu um longo vestido preto, colocou uns óculos escuros e por fim vestiu um sobretudo negro.

Seguiu de carro para a alameda da cidade.

Carlos estava no carro azul estacionado junto à fonte. Helena fez-lhe sinal de luzes.

Chegaram em poucos minutos ao motel que ele tinha reservado.

No quarto, estava tudo como tinha sido pedido: velas acesas, uma garrafa de vinho, uma cesta com frutas vermelha. Helena, deixou cair o sobretudo, despiu o vestido preto e ficou apenas de *lingerie*, exibindo o corpo torneado de pele clara e o olhar penetrante. Atirou o homem para

«Ao regressar a casa, guardou rapidamente as coisas e foi tomar banho. A água que deslizava nas suas curvas tentava limpar o cheiro rançoso do homem com quem se tinha encontrado.

a cama e começou a tirar-lhe a roupa. A seguir, colocou a máscara, mordeu os lábios, soltou a cabeleira ruiva e dançou sensualmente. As longas unhas vermelhas arranhavam o peito hirsuto do indivíduo. Helena puxou-lhe os cabelos. Carlos sentia-se extasiado pela atração que aquela mulher exercia nele e pedia-lhe que continuasse. Ela sorriu, amarrou os pulsos e as pernas dele e foi buscar o chicote. Saltou para cima da cama, açoitou-lhe as costas e foi aumentando a intensidade ao ponto de o homem lhe pedir que parasse. Ela recusou. Carlos desatou a chorar, dizendo que estava a magoá-lo. Aborrecida, Helena, pegou nas suas coisas, dirigiu-se ao estacionamento do hotel, mudou de roupa no carro e apagou o contacto dele.

Ao regressar a casa, guardou rapidamente as coisas e foi tomar banho. A água que deslizava nas suas curvas tentava limpar o cheiro rançoso do homem com quem se tinha encontrado. Como se atrevia ele a negar as suas exigências? No espelho embaciado, olhou o reflexo e sen-

» tiu-se sufocar na solidão. De que lhe adiantava a vida abastada que o marido lhe proporcionava, se passava a maior parte do tempo a trabalhar? Além disso, sexualmente, deixava-a insatisfeita. Antes de ir para a cama, Helena foi buscar

«No final do verão, Helena teve alguns sintomas que não eram habituais: cansaço extremo, dores de cabeça, picos de febre e muita perda de peso. O marido aconselhou-a a fazer uns exames de rotina. Contrariada, decidiu marcar uma consulta médica e acabou por ter de confessar que nos últimos tempos andava a ter uma vida desregrada.»

uma garrafa de champanhe francês ao bar da sala e dirigiu-se para a cozinha, onde petiscou algumas bolachas salgadas. Sentiu que alguém a fitava da janela. Era apenas o seu gato persa. Descobria a maioria dos homens com quem se envolvia em sites de encontros. O que a distinguia de uma prostituta? Colocava essa questão várias vezes, mas as respostas que encontrava eram sempre as mesmas: a fuga da solidão e o prazer imediato.

Os meses passavam e os encontros clandestinos continuavam.

No final do verão, Helena teve alguns sintomas que não eram habituais: cansaço extremo, dores de cabeça, picos de febre e muita perda de peso. O marido aconselhou-a a fazer uns exames de rotina. Contrariada, decidiu marcar uma consulta médica e acabou por ter de confessar que nos últimos tempos andava a ter uma vida desregrada. O médico não hesitou em pedir uma panóplia de exames com urgência. No fim da consulta, ficou assustada com os pensamentos que se cruzavam na sua cabeça:

"E se eu tiver contraído alguma doença sexualmente transmissível? Como será a minha vida como seropositiva? Como poderei alertar os homens com quem estive? O meu marido vai querer divorciar-se e levar o meu filho para longe de mim. Os meus familiares vão julgar-me, como fizeram com a minha mãe."

Começou a chorar compulsivamente. Não conseguia acreditar no que lhe estava a acontecer. Tudo poderia mudar de um dia para o outro. Helena fez todos as análises e exames solicitados.

Em menos de uma semana, uma funcionária do laboratório telefonou-lhe a dizer que os resultados já estavam prontos. Na casa de banho do laboratório, abriu o envelope com as mãos trémulas e os olhos lacrimosos. Ao ler os resultados, respirou de alívio. Estava decidida a mudar a sua história.



DEIXA A VIDA FLUIR

LEONILDA
PEREIRA

Miguel fora apanhado pelo neto a comer pão barrado com manteiga e coberto de açúcar.

— Então, avô?

— Apeteceu-me. Em pequeno, havia este hábito.

— Faz-te mal.

— Não tenho diabetes, análises dentro dos parâmetros.

António calou-se, fixou o olhar no volume abdominal de Miguel e tocou-lhe, em jeito de afeto. Uma espécie de aviso velado. Dizer à avó era ouvi-la: — “Não tens cuidado com o sal e com o açúcar...” Uma lengalenga que servia para um encolher de ombros da parte do avô.

Silenciou o incidente, mas ficou atento. Aquele homem terno e rigoroso que o aconselhou, o criou, o ensinou a comer com moderação deixou-se vencer pela gula? A desligar-se da manutenção da saúde?

Ele que o alertou para o problema do tabagismo. De facto, é viciante. A nicotina envolve prazer. Torna-se difícil abandonar o cigarro.

Como poderia ter moral para impedir o avô dessa vontade de doçaria? Esboçou um sorriso e pensou “o avô

«Acabava a chorar baixinho até se erguer e secar as lágrimas com desabafos no papel liso que a apaixonava. Acariciava os cadernos, caneta em punho e as queixas fluíam em vagas altas.»

adora doces e comida. Fica hilariante com uma bela feijoada, um guisado de vitela, uma sobremesa...A avó a tentar que reduza o peso”. O cardiologista sugeriu caminhada, exercício físico. Não fosse ela a promover a hidroginástica, o passeio diário, Miguel passaria tardes e manhãs no sofá, frente ao televisor e o telemóvel nas mãos. Vai dormitando, como se não tivesse descansado durante a noite.

— Miguel, larga a preguiça e vamos fazer a nossa caminhada. Como consegues estar tão mal sentado o dia inteiro?

— Lá vens com as tuas ideias. Algum dia faltei ao trabalho? Agora chegou o momento de relaxar.

As discussões versavam sobre esta falta de vontade de Miguel. Era insuportável vê-lo desprendido de quaisquer afazeres. Colocar uma lâmpada fundida, reparar o tampo da mesa do jardim era ouvir:

"Amanhã faço". Elvira desesperava com este "deixa andar".

Ela encontrou formas de se libertar: integrou-se em atividades seniores promovidas pela Junta de freguesia e pela Universidade. Fora professora, a profissão que a preencheu.

Amava os alunos. Ensinou-lhes matemática de forma a desfazer o mito da dificuldade.

Conseguiu motivá-los, muitos seguiram cursos ligados a essas matérias que considerava imprescindíveis no quotidiano. Os pais dos alunos propuseram-na para o concurso "Professora do Ano". Quis recusar, mas as evidências foram além da escola e dos alunos.

Ganhou o prémio. Ofereceu o valor para a compra de livros para a biblioteca da escola.

Revia esses anos dourados com humildade. Lembrou a inveja de colegas que tentaram denegrir o seu método. Nessa ocasião, promoveu um workshop, desvendando estratégias de aprendizagem. Os colegas, a burocracia impediram-na de outros voos.

Apesar disso, sentia-se realizada. Conjugou com destreza a vida pessoal, familiar e profissional.

Fez estágio com dois filhos, quase gémeos, deu de mamar ao pequenino, sem descurar o mano de dezoito meses, e isso valeu-lhe um princípio de esgotamento. O Miguel ajudou muito. Nessa ocasião, era um jovem determinado, pontual, participativo. Tem saudades desse tempo, da partilha de tarefas e preocupações. Companheiros com sentido de vida comum. Um casal simples, amoroso, mãos dadas e pensamentos positivos.

Rechearam a casa, sem luxos, de forma acolhedora. Trouxeram amigos, organizaram festas de convívio, viajaram bastante durante as férias.

Ao recordar, a urgência em dar sentido aos dias de ambos tornou-se premente. Marcou um jantar de família. Vieram todos: filhos, noras e netos.

Serviu bacalhau espiritual e rolo de carne. O marido enfadado com a elegância da mesa e com o labor de ter o almoço pronto a ser servido.

Acabava por gostar daquele alarido familiar. Ali se corrigiam maneiras descuidadas à mesa: "espera que te sirva"; "limpa a boca antes de beberes água."

Saciados, sentaram-se na sala de estar a degus-

tar o café e o bolo de chocolate. Miguel adormeceu de imediato. Os roncos não tardaram. A caminhada em família, estipulada à chegada, fez-se sem o patriarca. Elvira pediu desculpa aos filhos.

— Custa ver o pai sem ação. Está pesado. Passa os dias aqui na saleta. O médico instigou-o a fazer exercício.

— Lamento, avó, mas é a segunda vez que o apainho a comer açúcar. Ontem pegou num pacote e comeu-o. Não quer aceitar o mal que lhe faz o açúcar refinado.

Tristonha, recebeu ânimo da família. Deram um passeio pelo parque infantil onde os netos mais novos correram e brincaram.

Os filhos, instados pela mãe, prepararam-se para conversar com o anfitrião.

— Paizinho, acorde. Queremos falar consigo. Fomos passear e o pai a dormir. Viemos para estarmos consigo.

— Que querem? Tenho sempre sono. Até adormeço no dentista.

Elvira fervia como panela de pressão, mas deixou que Miguel se desculpasse e os filhos o aconselhassem.

— Paizinho, está aposentado, não está retirado do percurso de vida. Ouviu o seu neto mais velho sobre a sua gulodice. Compreende que o corpo lhe está a dar sinais: excesso de peso, sonolência, pés inchados... A gula e a preguiça de sair do sofá estão a dominá-lo.

— Deixa lá o meu corpo. Quero lá saber da espondilose, da respiração entrecortada, da vontade de comer doces e petiscos. Estou bem. Vê as análises.

O filho mais velho, Xavier, enfermeiro, corroborou a opinião do irmão. Prometeu vigiar-lhe o peso, a tensão arterial e a ocupação do tempo.

— Mãezinha, vamos começar por uma dieta alimentar menos pesada e em menor quantidade. Têm de cumprir as metas de mobilidade que vos coloquei no telemóvel.

Xavier reafirmou os cuidados a ter para uma vida longa e saudável. Importa livrar o corpo dos pecados que o deixam doente.

Voluntarioso, Miguel travava uma batalha entre o útil e o prazer de se deixar ficar preso aos hábitos. A balança revelou o que preferia ignorar. Um

estorvo ao sossego. E os filhos a zanzar à sua volta. Aquela verve despropositada. Urubus. Para seu bem? Gozar de saúde? Como se evita a decadência? Ilusões de quem ainda não se preocupa com a finitude.

Elvira pensa em diversão e rejuvenescimento. Uma criança grande. Uma flor a vingar por entre as silvas dos anos. Queixa-se de falta de conexão. Como se a tira do tempo tivesse parado. — Não, Vira! Mudámos. Evito planos, deslocacões, convívios. Coisas do passado, do cumprimento de conveniência social e profissional. Estou livre de compromissos que me desgastaram durante anos."

Fora um homem reservado, cumpridor, trabalhador. Aquele rosto níveo oval, marcado por olhos negros e perscrutadores, encantaram a esposa. Agora, lê neles fadiga. Parece-lhe outra pessoa. Questiona o que aconteceu. Como? Quando? Não se apercebeu deste desfazer da partilha, do esmorecer gradual da relação. Há em si uma nebulosa. Lamenta a perda. Os beijos sabem a ferrugem, a desgaste. Os corpos, outrora abertos às carícias, perderam a sensualidade. Pesam chumbo e quedam-se como tralha que se guarda no sótão, em vão. Comprimidos para dormir, para as dores, para o coração, amparos químicos de substituição dos afetos. Recorda noites perdidas pela ausência de sexo. Abordou o tema. Referiu a importância do carinho, do desejo. Miguel queixava-se de exaustão, do trabalho, da necessidade de descansar. E ela? Também tinha trabalho. Lidar com adolescentes não era fácil. Acabava a chorar baixinho até se erguer e secar as lágrimas com desabafos no papel liso que a apaixonava. Acariciava os cadernos, caneta em punho e as queixas fluíam em vagas altas. Um oceano tumultuoso que liderava, semeando queixumes espraçados nas folhas brancas. Colocava esses escritos na mesa de cabeceira na esperança que o marido os lesse e reconhecesse o sofrimento dela. Se os leu,

nunca os referiu. Um desdém que a consumia. O desinteresse foi ganhando as noites, propagou-se aos dias e consumiu a relação. Sobraram as cinzas e as memórias de anos felizes. Foram fogo. Arderam de desejo, consumaram o amor que prolongaram até ao ruir de uma das traves. Muniu-se de coragem e conversou com a ginecologista, uma amiga. Fê-lo com leveza. Sem querer manchar a imagem do marido.

— Os casamentos passam por fases, consultem um urologista e exponham a situação.

— Sabes, o Miguel é tímido.

— É um médico. Procura as causas através de exames, sem preconceitos. É uma doença como qualquer outra. Carece de ajuda. Limitou-se a concordar com a cabeça, mas o pensamento esbarrava na libido do marido e na fuga à conversa. Como iria persuadi-lo? Havia um desinvestimento na sexualidade a par da crença que um homem está sempre preparado para o sexo. Considerou que esse cenário perturbaria a relação. Contudo, falou-lhe da consulta e da necessidade de terem uma vida sexual normal.

Miguel percorreu sobre o amor que sentia por ela.

— Sei que me amas, mas sinto falta do que já tivemos.

— Dizes bem, já tivemos. Nenhum de nós tem o mesmo desejo.

— Eu tenho!

— Vira, tem calma. Olha para nós juntos e felizes. Filhos, netos... Aceita!

Elvira desistiu de continuar a focar as suas ansiedades e vontades. Colocou a resolução da questão em si. Um corpo menos apetecível. Falta de vestuário sensual e de uma aparência apelativa. Adquiriu roupa interior sexy, pijamas e vestuário exterior renovados para um recomeço.

Nem uma palavra sobre a mudança de visual.

— Gostas?

— Fica-te bem. Soberbo.

O silêncio irrompeu no meio do espanto da novidade. Uma cegueira para durar?



Levou anos até deixar de se importar e aceitar a condição que doravante lhe serviria como sapato usado que continua a calçar.

Recusou as evidências. Permitiu-se levantar a voz junto do médico de família. Não lhe foi prazeroso expor a intimidade de casal. O doutor Seabra amenizou aquele grito com "é normal haver estas situações, sobretudo na mulher. São muitos os fatores. Vamos começar por fazer exames de rotina a ambos. Conversamos depois dos resultados". Para espanto de Elvira, o marido empenhou-se em marcar análises, radiografias, toda a panóplia de exames. Um passo à gigante. Veio-lhe a brincadeira que faziam com os filhos: "Ó mamã, dá licença?" Queriam passos à gigante. Gáudio, meta à vista. Estes jogos eram uma perdição nas festas de aniversário e em parques públicos. Harmonia entre adultos, crianças e natureza. O sabor do frango, do bacalhau à Brás ou dos panados parecia diferente. Os cinco sentidos em sintonia na chegada do bolo de aniversário, iluminado por velas mágicas que se recusavam a fenecer. Riam, cantavam, batiam palmas. De vez em quando, uma voz de sonoridade desconhecida exclamava "Apaga as velas. Não cuspas o bolo". Era Miguel a surpreender. Sentido de humor para continuar a festa. O jogo de futebol inacabado, as subidas e descidas de skate, as conversas prosseguiram, longe do frenesim da cidade. Dias de sonho, de liberdade.

— Miguel, os resultados dos exames.

O médico suspendeu o veredicto e analisou o fácies dos pacientes. Elvira tranquila. O esposo a bater o joelho, qual máquina de costura.

— Está ótimo! Pronto para aquela viagem?

— Doutor, estraga-me a surpresa.

Elvira sorriu. "Virou, virou, virou", a frase de ordem dos desportistas a perder golos. Uma viagem organizada pelo marido. Um presente? Um pedido de desculpas? Viraria a sua vida conjugal? Mudanças à vista, recolheu-se ao silêncio, augurando um futuro próximo risonho, na companhia do marido.

— Gostaste da ideia de conhecermos a Austrália? Um mês para nós.

— Já marcada?

— Claro! Se estivesse com problemas, íamos na mesma. Poderia ser a última.

— De saúde "para dar e vender", reiniciamos o gosto de viajar.

Dias de preparação: roteiro; hotéis; sítios a visitar; roupas e calçado adequado. Entusiasmo de naufragos na sua própria embarcação a clamarem por uma oportunidade de redenção.

Presos em si como novelos de lã a desembaraçar. Uma vez soltos os fios, tricota-se a primavera, abrindo mão do inverno tristonho. Plantaram rosas não querem colher cardos. Embora perfumadas, os espinhos hábeis surgem ao menor toque por entre o odor e a beleza. Serão girassóis em busca de sol. Continuarão a percorrer o fio do tempo até à finitude.

POR AMOR À ARTE

MIA
MARQUEZ

24 de dezembro, tocou o alarme. Desliguei-o. Dia CINZENTO e nu- blado escurecia os dígitos do apa- relho, impiedoso e pontual. Voltei a aninhar-me na cama mais uns minutos, mas, passado menos que isso, o alar- me tocou outra vez. Desliguei-o. Santo Deus, invoquei. Pedacos de lã unidos, em forma de malmequeres, divina obra de arte, pousava sobre o meu corpo. O vale das mantas, coloridas e tricotadas à mão pela minha irmã Matilde, iria arrefecer. Virei-me, voltei a virar-me e, não, não queria sair do leito quente e com intenso cheiro a lavado, a lavanda. Preparava-me para me levantar da cama, mas ainda não eram sete horas e os olhos teimavam em não despertar, pesados e com a perfeita ardência habitual, resultado direto da sucessão de noites mal dor- midas. Andava inquieta. Em tempos, o Natal foi a altura do ano preferida. Hoje em dia, representa apenas um dos meses de maior faturação do sa- lão, sinónimo de embonecar clientes. Minhas amadas clientes. Permanen- tes, madeixas, *nuances*, *balayages*, californianas, com prata, touca, papel vegetal ou trabalhadas com simples

«Cheguei ao salão. A agenda estava preenchida. Um corte seria o meu primeiro trabalho.»

pincel, terminologia que varia consoante o tempo da téc- nica de aplicação do descolorante nos fios, nada mais pra- zeroso de se executar. E as pinturas de vários tons de tinta, todos os que se possam imaginar, todas as combinações que a roda cromática, ferramenta fiel, explicadora exímia da relação entre as cores, permite, eu tenho. Do AZUL ao ROXO, passando pelo VERDE, gelo quando os uso. Gosto mais do VERMELHO, AMARELO, LARANJA e ROSA. Estão na moda as cores quentes. VERMELHO COM BOLAS BRAN- CAS, desenhadas num cabelo curto com patilhas pretas, fi-lo a uma jovem espanhola. Divina criação! Fartei-me de chorar. A minha fonte de inspiração foi o vestido da Minnie que sonhei usar no Carnaval, quando era pequena. Com cinco ou seis anos, lembro-me de o retirar do guarda-rou- pa da minha irmã. Passei horas diante do espelho, com ele vestido, maquilhada, nariz e os bigodes de rato, pintados com lápis PRETO, empoleirada nos sapatos de verniz e ta- cão alto da minha querida mãe. Diverti-me imenso naquela tarde. O meu pai, quando me viu, disse-me que o disfarce

me assentava bem e sorriu, elevando o seu bigo-de-farfalhudo. Ao contrário, a minha mãe deu-me uma valente palmada no rabo. Doeu-me. Tinha mão pesada. Com voz estridente, ordenou-me que o despisse, pois o disfarce carnavalesco era de menina, da minha irmã. Desde tenra idade, que aprecio o mundo da beleza feminina, a arte que dele advém. A nostalgia do Natal reaviva-me memórias longínquas. Levantei-me. Pus os pés no chão, vesti-me, comi uma torrada com manteiga e saí em direção ao salão. Fui trabalhar. Pelo caminho, vi um jovem de cabelo solto, franja picotada e, de forma consecutiva, escovava o cabelo, rua acima, rua abaixo. Uma catarse momentânea. Livre, sem ninguém, feliz. Arte, talvez. Loucura, para quem o viu a percorrer a rua, de certeza. Eu própria não sei o que foi aquilo, mas o que tenha sido, foi o momento do estado mais puro e genuíno de libertação daquele ser. Ainda hoje, não sei se teria coragem para fazer algo semelhante. De repente, um emaranhado de recordações teimava em vir-me à cabeça. Lembrei-me do dia em que rompi com tudo e vesti minissaia, meias de renda e casaco de cabedal. Perfumei-me com o que havia na casa-de-banho. Nesse preciso dia, à noite, descorei, pela primeira vez, as sobancelhas e pintei-as de ROSA. Foi o ponto de partida de tudo. Mais uma breve memória martelava-me o cérebro, ainda, lento.

Cheguei ao salão. A agenda estava preenchida. Um corte seria o meu primeiro trabalho. Cortes curtos, médios, longos, os indiscretos são os meus favoritos. Os sofás da entrada estavam repletos de clientes que aproveitavam o tempo para não fazer nada. Maria, a nossa relações-públicas servia café. Não fazia parte das suas atribuições, mas a afluência era tanta que não havia grande escolha. As clientes aborrecidas tornavam-se abusadoras. Mal pousei o casaco ROSA às riscas VERMELHAS, as luvas de pele, o gorro e a *clutch*, tocou o telefone.

— Fala da Gigi *Beauty* em que podemos ajudar? Do outro lado, uma voz masculina identificou-se como sendo médico cardiologista e perguntou-me.

— Tenho uma paciente que está prestes a falecer e deseja que seja a menina Gigi a arranjar-lhe o cabelo. É o último desejo da senhora. Tem disponibilidade?

— Por amor à arte, vou — respondi.

Desliguei o telefone. Quer-me a mim e só a mim. É provável que tenha sido alguma cliente para a qual trabalhei em tempos. Perdi a conta a quantas atendi. É mais fácil elas lembrarem-se de mim do que eu delas. A minha memória vai deixando de conseguir reter tudo o que vivenciei. Só as coisas que me marcaram se transformam em memórias que não dormem e não me deixam adormecer à noite. São de tal forma cruéis que me consomem sempre durante o dia de Consoada. Eu mereço! Ora, atender uma pessoa antes do último suspiro não é coisa de que goste em particular, mas é o mínimo que posso fazer por respeito à arte que escolhi. Com o salão cheio, não hesitei. Anotei a morada na agenda, despi a bata ROSA e vesti uma blusa e umas calças BRANCAS, em bordado inglês, para dar alguma serenidade. Peguei num cravo VERMELHO, a flor preferida da minha querida mãe, que tinha na jarra do balcão, pu-la ao lado da mala e do estojo de corte que me acompanhavam aos domicílios. Cheguei ao portão de uma casa minimalista no centro da cidade. A anotação da morada indicava que foi dali que solicitaram os meus serviços. Toquei à campainha. Os portões abriram-se. Entrei. Um jardim desprovido de cor, com somente duas franzinas árvores e um vasto chão em cimento, causou-me algum desconforto visual. Fui induzida a pensar que os seus moradores seriam, por um lado, pessoas abastadas, pelas generosas dimensões do jardim, da casa, pelos carros de grandes marcas estacionados em fila, perto da piscina exterior, por outro, seriam pessoas entediadas e tristes, pois ninguém aguenta aquela morbidez plantada. CINZA, VERDE, AZUL. Se o tempo voltasse atrás, levaria aquela gente à minha infância para que vissem os fantásticos dias que passei na piscina de casa de campo dos meus pais. Todavia, à medida que cresci, comecei a desinteressar-me por chapinhar. As regras infundáveis da minha querida mãe afastaram-me da água que tanto gostava. Suplício dos suplícios, calção de banho, chinelos PRETOS, cor neutra que era obrigada a usar. Triste memória, mas o dia estava cheio delas. Preparava-me para ter pela frente uma pessoa jovem e não uma pessoa idosa como pensei que encontraria quando

atendi a chamada. A ideia padronizada de que a morte só bate à porta dos mais velhos, e que têm casas velhas e por aí adiante, não a devia ter tido. A porta de entrada abriu-se. Fui recebida por um homem alto, corpulento, cabelo grisalho, rosto delicado, ornado por óculos de massa redondos, fato elegante, perfume forte e amadeirado, dos seus cinquenta e poucos anos, cujo tom de voz era o mesmo que ouvi ao telefone. Larguei um suspiro. Ui! Controlei-me para não parecer oferecida. Que homem bonito! O médico enca-minhou-me para uma sala e pediu-me que aguardasse. Sentei-me num sofá BEGE com grandes almofadas, que serviam para recostar as costas e adormecer. Estava a precisar. Se demorassem a chamar-me, aconteceria pela certa. Enterrei-me confortavelmente no sofá, que era daqueles que nos engolem sem pedir licença. Fiquei parada, meio a medo de adormecer, não era nada profissional, mas vontade não me faltava para fechar os olhos. Um cheiro familiar entrava-me pelas narinas e vinha de qualquer compartimento ao qual não tinha acesso. Lembrava-me o bolo de cenoura com chocolate que a minha querida mãe fazia. Que saudades daquele bolo tão fofo e cremoso. Nunca me contentava com uma só fatia. Três, quatro, cinco... E comia-o à colher. A forma era daquelas de buraco no meio, onde a cobertura de chocolate ficava generosamente reservada até se partir a primeira fatia. Bolo vulcão, chamam agora. Chamo-lhe bolo de cenoura e chocolate com buraco da minha querida mãe. Nenhum bolo de cenoura superou aquele que comi na infância, feito pela dona Antonieta, assim como qualquer prato ou iguaria que ela preparava para os almoços e jantares em família nunca foi superado pela técnica gastronómica mais sofisticada de *chefs* ou pasteleiros renomados. Longos anos passaram desde que a perdi. Imagino que para ela não terá sido fácil perder um filho crescido. A minha morte foi necessária para que entendesse que não deixaria de ser quem sempre fui, a Gigi. A perda dilacerante deixou-me mar-

cas profundas. Tudo teria sido mais fácil se não o tivesse feito. Deambulações, difícil não as ter nesta época do ano. Faz cinquenta anos que renasci. Sem contar, pressenti passos a aproximarem-se da sala. Olhei em frente. Fiquei imóvel, mas não pude deixar de prestar atenção ao centro da mesa de jantar. Uma jarra cilíndrica com cravos VERMELHOS. Por detrás, uma parede cheia de fotografias que davam um toque mais pessoal àquele espaço desolador, fez-me levantar do envolvente sofá e bisbilhotar quem seriam os donos da casa. Eis que ouvi a mesma voz grossa chamar-me.

— Gigi, pode acompanhar-me?

Levantei-me e segui atrás do médico. Um cheiro a doença pairava desde o corredor. No quarto, virei o rosto em direção a cama com a testeira forrada a veludo. Baixei o olhar. Caiu-me das mãos o cravo VERMELHO, a mala e o estojo de corte. Não pestanejei. Não suspirei. Não sei o que fiz. Magra, pálida, deitada sobre os lençóis BRANCOS, definhava. Não desejava vê-la, nem mais um minuto. Porém, fiquei sem forças para fugir. Para mim, lembrar-me-ia dela daquele jeito moribundo e, para ela, seria a última vez que me teria por perto. Tive de ficar. Olhou-me e eu olhei-a. Baixou a cabeça e eu igualmente. De seguida, levantou-a e eu também. Ergueu o sobrolho e eu o meu. Chamou-me. Mal percebi que palavras pronunciou. Cheguei-me perto da cama. A voz fraca, quase sumida, fez-me ajoelhar diante dela. A sensação era estranha. Boa e má. Permaneci quieta. Aguardei que dissesse algo, mas o quê? O que haveria para se dizer naquele momento? Tanta coisa foi dita e deveria ter ficado por dizer e tanta coisa deveria ter sido dita e ficou por dizer. Observou-me bem fundo com os olhos azuis, encovados pela magreza extrema, tossiu. Um silêncio tumular instalou-se no quarto. Pegou-me na mão e perguntou-me.

— Arranjas-me o cabelo, Gigi, minha querida filha?

PoR AMoR à ARTe, assim o fiz.



À ESPERA DO BARCO QUE NÃO CHEGA

OLINDA
GIL

Os barcos não chegam e as semanas passam. Milhares de pessoas acampam nas dunas, por quilómetros, do melhor modo que podem. Umas trouxeram com elas equipamento de campismo, caravanas, outras tiveram de encontrar materiais nas redondezas para construir cabanas improvisadas. Não há casas de banho, por isso existe uma faixa de imundice, a cercar os campismos. E, para lá, os corpos enterrados. Não sabemos que radiação apanhámos. Estávamos distantes das bombas, mas sabemos bem como a radiação se pode espalhar. Talvez seja por isso que morremos. Ou das doenças provocadas pela insalubridade em que vivemos. Ou ainda da fome, a comida para pilhar está cada vez mais longe dos acampamentos. Comida enlatada, pouco saudável, sabemos que pode estar contaminada. Como a água, que escorre pelas rochas das fragas das praias e bebemos. Como a água salgada do mar onde nos banhamos. Nos primeiros dias, éramos cada vez mais pessoas, chegavam sempre mais do que aqueles que morriam.

**«Vim para aqui,
porque nos falaram
dos barcos que
estavam a levar
pessoas. Mas muitas
já cá estavam, muitas
chegaram depois,
e não tive lugar nos
que partiram
naquela altura.»**

Mas depois deixaram de chegar, apesar de se continuar a morrer muito.

Vim para aqui, porque nos falaram dos barcos que estavam a levar pessoas. Mas muitas já cá estavam, muitas chegaram depois, e não tive lugar nos que partiram naquela altura. Foram poucos e saíram nos primeiros dias. Houve promessas de que voltariam ou viriam outros. As semanas passam sem que mais algum chegue. Muitas pessoas vieram, muitas pessoas morreram. Mas ninguém nos vem buscar.



GUIA DE VIAGEM

PATRÍCIA
GOMES LUCAS

Saiu da cidade quando o Sol ainda estava escondido atrás de algumas nuvens. O ar fresco da manhã entrava pela janela entreaberta do carro. Inspirou com força, enquanto se encaminhava para a autoestrada. No assento do pendura, dentro da caixa transportadora, o gato miou. — Eu sei. São só umas horas. Daqui a pouco dou-te um petisco — disse ela, tirando uma mão do volante para tentar acariciá-lo através da grade da caixa. Ele recuou e virou-se de costas. O trânsito foi diminuindo ao mesmo ritmo a que a distância em relação à cidade aumentava. Por cada quilómetro que o mostrador marcava a pressão no seu peito parecia diminuir. A vibração do carro tinha um efeito calmante, quase como se a sensação emanasse de dentro dela, através das pontas dos dedos. Na mente conseguia ver a casa, tão nítida como se tivesse lá estado ontem: após subir o empedrado de acesso ao terreno surgiam paredes em tom de rosa velho, cobertas em alguns lados por trepadeiras teimosas. No topo do edifício, a janela do sótão observava quem chegava

**«A vibração do carro
tinha um efeito
calmante, quase como
se a sensação emanasse
de dentro dela, através
das pontas dos dedos.»**

como um olho sábio, oráculo, do qual nada nem ninguém se podia esconder. Em torno da casa havia sempre uma sensação de sombra e frescura, mesmo que o Sol brilhasse alto no céu. Era inquietante; era perfeita.

A casa teve outros proprietários, numa vida anterior, que nunca a tinham habitado. Os avós tinham-na comprado e transformado, acrescentado divisões, e ganhara não só tamanho como solidez. Tentar imaginá-la antes disso era difícil, como se fosse, de alguma forma, transparente, ou talvez ainda não tivesse completado o processo de se materializar nesta realidade. Uma casa só existe por completo quando cumpre a função de abrigar vida.

Desocupada há vários anos, desde a morte dos avós, acabara por cair no esquecimento, pelo menos para ela. Ir lá implicava uma viagem longa e a vida e o trabalho acabavam por se intrometer nos planos. Mas, nos últimos meses,

«Sintonizou noutra estação, abriu um pouco mais a janela, e deixou-se envolver pela música e sensação do vento que batia na cara.»

a ideia de voltar surgira com mais frequência no seu pensamento. Dava por si a recordar momentos passados, cristalizados como fotografias: a noite de Natal com a casa cheia de gente, em que dormira num colchão debaixo da grande mesa da sala, embalada pelo aroma a canela e madeira; vezes em que parara à porta da cave, as mãos a sentir a rugosidade da parede, o ar frio e um ligeiro cheiro a humidade, que escapava por debaixo da porta; o dia em que escorregara e caíra no jardim, ferindo o joelho, e depois de a avó fazer um curativo passara o resto do dia a fingir ser um pirata com uma perna de pau, por não conseguir andar normalmente.

Mais recentemente, sonhava quase todas as noites com a casa. A maior parte das vezes o sonho não era muito diferente daquele dia, a viagem e a chegada iminente, mas algumas noites sonhava estar no interior, numa versão a preto e branco, como se nevoeiro se tivesse infiltrado no sono e os movimentos se tornassem tão lentos que passaria uma eternidade até conseguir chegar à porta da rua. O gato despertou-a do transe com um miado.

— Quando chegarmos, se te portares bem, deixo-te passear um pouco na rua. Parece-te bem? O gato miou novamente.

— Não tens uma floresta inteira à disposição, mas há bastante mais espaço do que tinhas antes. Não podes é fugir, porque nunca se sabe se algum cão vadio te apanha. Ou coisa pior.

Na rádio, o noticiário informava sobre um incêndio de grandes dimensões que deflagrava num prédio no centro da cidade; as recentes previsões económicas das autoridades para a segunda metade do ano; e a grande expectativa em torno da final do campeonato de futebol. Sintonizou noutra estação, abriu um pouco mais a janela, e deixou-se envolver pela música e sensação do vento que batia na cara.

A última visita à casa fora pouco depois do falecimento do avô, para acabar de organizar roupas e papéis. A quantidade de tralha que os mortos deixam aos vivos é assustadora, pensou na altura. Guardou alguns objetos para si, como o relógio de pulso do avô e meia-dúzia de peças de roupa, mas o restante foi encaixotado para ser levado para doação. Não fazia sentido guardar coisas que ninguém iria usar.

Ainda pensou em contratar alguém para tratar da fechadura da cave, da qual o avô perdera a chave há anos, porém, havia demasiadas tarefas para tratar em pouco tempo. Carregou o carro com o que conseguiu e deixou a casa para trás, pensando regressar poucas semanas depois. Tinham passado três anos.

Decidiu sair da autoestrada e fazer o resto da viagem pelas estradas nacionais. Apreciava quando a paisagem era feita de pequenas vilas, campos de cultivo, o campanário de uma igreja visível lá ao longe.

Do Sol não havia sinal, preso atrás de uma parede de nuvens cada vez mais escura. Colocou a mão do lado de fora da janela e conseguiu sentir a mudança no ar, a humidade que se adensava e o tornava mais pesado.

Ainda faltava algum tempo de viagem, decidiu abastecer-se. Parou numa vila que teria pouco mais de trinta casas a ladear a estrada, em posições desenhadas por uma mão invisível. A meio do casario via-se uma loja, híbrido de café e mercearia, o toldo amarelo desbotado sobre a fachada caiada. Sentados do lado de fora estavam dois homens, de idade indefinível, um deles embalava um cigarro que já ardera quase até ao filtro, esquecido.

Saiu do carro e, inclinando-se novamente lá para dentro, falou com o gato:

— Não demoro. Tenta não ser demasiado dramático, para não pensarem que te deixo a morrer de fome.

Recebeu em troca um olhar desinteressado através de pálpebras semicerradas.

Passou pelos dois homens à entrada do café com um leve aceno de cabeça, e demorou-se uns segundos à porta, à espera que os olhos se habituassem ao espaço escuro. Lá dentro, iluminados por uma lâmpada fluorescente, estavam mais três homens, um deles atrás do balcão.

Do lado oposto ao balcão viam-se prateleiras com bolachas, latas de conserva, refrigerantes e vinho, e produtos de limpeza. A ordem de distribuição parecia aleatória.

— Bom dia.

Em resposta obteve apenas alguns murmúrios. Enquanto se aproximava das prateleiras e escolhia o que queria levar, sentiu olhares acompanharem os seus passos. Pegou em duas garrafas de água e alguns pacotes de bolachas, e seguiu para o balcão. Pelo canto do olho viu que um dos homens que guardava a entrada estava debruçado na cadeira, observando-a. Pousou as coisas no balcão e perguntou se podia utilizar a casa de banho. O funcionário pareceu confuso, olhando para o ar em redor da cabeça dela.

«Quando olhou com mais atenção para o espelho, reparou que tinha o cabelo do lado esquerdo da cabeça queimado, formando pequenos caracóis rebeldes que despontavam em direções contrárias.»

— Ah... sim, é ali aquela porta.

A casa de banho, que era também armazém de produtos e arrecadação, tinha ainda menos iluminação. No teto, uma lâmpada amarela coberta de pó cumpria a função, mas engasgava-se de poucos em poucos segundos.

As vozes calaram-se no momento em que abriu a porta da casa de banho. Tirou uma nota do bolso, recebeu o troco e saiu, encaminhando-se para o carro, enquanto caíam as primeiras gotas de chuva.

— Ainda dizem que as pessoas são mais simpáticas nas aldeias – murmurou para si própria.

Ligou o motor e regressou à estrada, vendo desenhar-se no céu, ao longe, o trajeto branco de um relâmpago. A chuva tornou-se mais forte, vibrando contra o tejadilho num ritmo musical. A estrada foi-se tornando mais estreita e mais sinuosa, sinal de que estava no caminho certo. Em miúda adorava aquela viagem, parecia quase a passagem para outra dimensão. Tudo mudava durante aquelas horas: as cores tornavam-se mais intensas, os cheiros mais ácidos e adocicados, os sons mais graves. Em determinado momento passavam debaixo de uma frondosa zona de árvores e, quando emergiam do outro lado, era como se tivessem chegado a outro planeta, outro mundo, em que as paisagens tinham textura.

A chuva tornara-se torrencial e, talvez por isso, ou pelo tempo que passara e que lhe desfigurara as memórias, só se apercebeu que tinha chegado ao destino quando os faróis do carro iluminaram o muro e o portão. A imagem à sua frente deixou-a uns segundos sem reação.

As trepadeiras que forravam uma das paredes tinham crescido descontroladamente, avançando pelo telhado e afogando a casa em folhas verde-escuro. As árvores que ladeavam o empedrado estavam enormes, densas, com os ramos pendurados, formando cortinas negras com a chuva que caía. Os espaços de terreno que não se achavam cobertos pelas lajes de pedra eram um mar de ervas, arbustos, flores selvagens e gran-



des tufos de urtigas. A casa estava rodeada pela natureza em ebulição, mas adormecida, aguardando serenamente.

— Afinal até tens uma espécie de floresta para ti – disse, olhando de lado para o gato, que por esta altura miava bem alto.

Abriu com alguma dificuldade o cadeado que trancava o portão da entrada, e estacionou o carro. Quando a chuva acalmasse levaria as malas, para já bastava conseguir chegar com o gato. A fechadura precisou de alguma pressão para ceder e teve de encostar o ombro à porta para fazer uso do seu próprio peso. No momento em que a porta se abriu foi atingida por uma mistura de cheiros: o de mofo, que já sabia que iria encontrar, mas também de madeira, e de algo mais doce e enjoativo, que não conseguiu identificar de imediato. Ficou uns segundos parada debaixo da ombreira da porta, ouvindo os ruídos ténues da casa, que quase pareciam o som de ar a ser sorvido, enchendo lentamente os pulmões nas fundações do edifício. Silenciosa, adormecida, a casa respirava.

Empurrou com o pé a caixa do gato, que miava furiosamente, e apalpou as paredes às cegas à

procura de interruptores. Quando encontrou um, a lâmpada mais próxima de si piscou e apagou-se logo depois de acender. Mas a segunda, do outro lado do corredor da entrada, ganhou vida e, com esforço, manteve-se acesa. O chão e as paredes à sua volta iluminaram-se levemente, mostrando uma espessa camada de pó, uma boa quantidade de teias de aranha e um móvel tapado por um lençol velho. Lembrava-se daquele móvel, um aparador estreito com espelho embutido, que costumava estar ocupado por bibelôs e objetos de pouca utilidade. Retirou o lençol e o espelho devolveu-lhe uma imagem turva.

Quando olhou com mais atenção para o espelho, reparou que tinha o cabelo do lado esquerdo da cabeça queimado, formando pequenos caracóis rebeldes que despontavam em direções contrárias. Tentou achatar os cabelos com a mão molhada de chuva, sem sucesso, enquanto pensava que nem se tinha apercebido que uma fagulha a tinha atingido quando, naquela manhã, pegara fogo à sua própria casa.

À sua esquerda, para lá de outra porta, a respiração da casa parecia mais intensa. No chão, dentro da caixa, o gato já não miava.

ESTAVA MAGRA

PATRÍCIA
LAMEIDA

Estava magra e a pele que formava os seios pendia, seca. Era pele a mais.

Encostada aos destroços de casa, mantinha-se quieta. O movimento ainda lhe obedecia, e o controlo que estar quieta lhe permitia era essencial. Controlar alguma coisa. Depois, se não se mexesse, não doía.

Estava marcada. Os pedaços de si que os olhos alcançavam estavam marcados. Arranhões, cortes, nódoas negras. Nada que mate, mas marca. Havia mais, sentia-as, sentira-as enquanto lhas infligiam.

Sabia que não havia regras. Há muito tempo que não existiam regras, e os homens, e as mulheres, faziam o que queriam. Não havia regras e faziam o que podiam para viver. Faziam o que podiam para sobreviver. Sobreviver sob o limite de humanidade, abaixo do limiar que nos permite erguer, aproxima-nos dos animais. Sobreviver por muito tempo aproxima-nos das bestas. E não há regras, sobrevive-se e a besta que nos habita desde tempos imemoriais ergue-se.

«Sobreviver por muito tempo aproxima-nos das bestas. E não há regras, sobrevive-se e a besta que nos habita desde tempos imemoriais ergue-se. Homens e mulheres faziam o que queriam. Entravam em portas que não eram suas e roubavam. Na necessidade por abrigo ou alimento, batiam.»

Homens e mulheres faziam o que queriam. Entravam em portas que não eram suas e roubavam. Na necessidade por abrigo ou alimento, batiam. Na necessidade batiam... e matavam. Isso dependia da necessidade. A sobrevivência permite que a besta dentro dos homens se erga e a besta tem gosto pela dor, pelo medo. Na necessidade, violam. Corpo e alma.

Sentira enquanto lhe infligiam dor. Rasgavam carne, rasgaram alma, e fizeram do seu corpo um saco. Fizeram do seu corpo um saco onde despejaram a raiva das bestas que eram, e ali ficou, com tudo o resto que sobrou, que não era nada. Porque o que de si sobrou não era nada. Mantinha-se quieta. Sabia que quieta menos lhe doía. Sabia que quieta menos sentia, mas sentia que estar quieta era vontade sua. Vontade torna-se realidade, diria a mãe. Diria, porque à mãe levaram-lhe a vontade. A vontade é a vida. Levaram-lhe a mãe e o pai. Levaram-lhe a mãe e o pai e a aldeia onde viviam foi queimada. Vieram as bestas que sobreviviam e queimaram a aldeia de seus pais e mataram quase sessenta pessoas, porque a sobrevivência das bestas ditava que os outros não existissem.

Era assim simples: eu e o outro equivalia a eu ou o outro. Na escolha, pouca escolha havia. Sobreviver respondia ao dilema, sem que houvesse necessidade de ativos raciocínios que enfraquecessem a chance de viver. Viver em vez do outro. Porque era eu ou o outro. E o outro tinha de morrer.

Mataram sessenta pessoas e queimaram a aldeia e ficou sem pais e sem família, porque a sua família era aquela aldeia. E agora, magra, seca, violada e cheia do ódio de outros, deixava-se estar quieta. Estava quieta há muito tempo, perdeu a conta. Contar o tempo deixou de fazer sentido quando as regras desapareceram. Perdeu a conta ao tempo e nem tinha bem a certeza se o tempo passava. Nem tinha bem a certeza se o tempo mudava. Perdeu a conta. Mas estava quieta.

Não tinha fome. Já não sentia sede. Estava cansada. Decidiu mover-se. Moveu-se o suficiente para se deitar. Moveu-se o suficiente para se deitar e deitou-se de lado. Deitou-se entre os cacos, entre os pedaços de tudo o que as bes-

«Não tinha fome. Já não sentia sede. Estava cansada. Decidiu mover-se. Moveu-se o suficiente para se deitar. Moveu-se o suficiente para se deitar e deitou-se de lado. Deitou-se entre os cacos, entre os pedaços de tudo o que as bestas partiram. Puxou ao peito os joelhos e deitou-se consigo mesma, com a dor e as feridas e os pedaços que as bestas deixaram espalhados»

tas partiram. Puxou ao peito os joelhos e deitou-se consigo mesma, com a dor e as feridas e os pedaços que as bestas deixaram espalhados. Deitou-se e ficou quieta, muito quieta. Porque podia não se mover, escolhia não se mover. Deitou-se quieta e esperou. Esperar era também decisão sua, e ela podia decidir. Decidir era controlo. Quando as bestas imperavam, tomavam, magoavam e matavam, ela ainda podia decidir. Decidiu deitar-se. Decidiu ficar quieta e decidiu esperar. »

» A espera. Não sabia dizer se era longa ou curta, porque havia perdido conta ao tempo. Era espera e estava quieta enquanto esperava. Ouvia, ainda. Não via, pois decidira fechar os olhos, mas ainda ouvia. Os sons surdos da madeira

«Dormir permitia-lhe esperar sem esperar propositadamente. Dormir permitia-lhe deixar o tempo escorrer, o tempo que já não contava, mas que imaginava ainda existir. O tempo que existia e que passava, mas demorava a passar e dormir ajudava a que passasse mais depressa. Queria dormir, pelo que não abriu os olhos.»

do chão, que estalava e cedia sob o peso do seu corpo. Ouvia as palavras que passavam pela sua porta, ríspidas ou sussurradas na pressa de não serem notadas. E das janelas chegava a sonoridade do caos: gritos de dor, palavras de ordem, sirenes de auxílio ou de confinamento. O que ouvia perdia sentido na quietude a que se impusera, tão quieta que deixara de se sentir. Sentia-se levitar e o som em seu redor ondulava, distorcido.

Adormecera. Percebeu que adormecera quando despertou, quando sentiu crescer a consciência do chão duro onde se deitava, dos brados por justiça que anunciavam uma multidão lá fora, do vazio caótico que as bestas deixaram para trás. Quieta, adormecera. E, agora que acordava, desejava voltar a adormecer. Dormir era-lhe favorável. Dormir permitia-lhe esperar sem esperar propositadamente. Dormir permitia-lhe deixar o tempo escorrer, o tempo que já não contava, mas que imaginava ainda existir. O tempo que existia e que passava, mas demorava a passar e dormir ajudava a que passasse mais depressa. Queria dormir, pelo que não abriu os olhos.

Não abriu os olhos e decidiu não ouvir, esforçou-se por não sentir e, ferreamente, manteve-se quieta. À consciência da multidão que se reunia no exterior disse: «Não são nada, não é nada, nada se passa. Não sou nada. Deixa-te estar aqui, deixa-te estar fechada aqui, deitada aqui.» À consciência disse que ficasse quieta. E a quietude ondulava, oscilava entre o material que a rodeava, e o nada que a preenchia. O nada era silencioso, cheio da mesma dor que sentia no corpo, mas vazio de gente, vazio de bestas, vazio de pais mortos e aldeias queimadas, e de regras que não existiam. O nada doía, mas era vazio. E o vazio parecia-lhe muito bem. Quieta, deitada no chão entre estilhaços, à margem de uma multidão que crescia e gritava, decidiu não existir.



A NÉVOA QUE NOS RÓDEIA

ROBSON
SIEBEL

Todos os domingos, as pessoas de Nova Baviera reuniam-se para a celebração do culto matinal. A igreja amarela, no alto de um morro bastante íngreme, era cercada por grama selvagem muito verde e, mais além, por uma mata densa e escura, que circundava toda a vila. O caminho que levava até à igreja era uma trilha sinuosa de terra batida que, nos dias de chuva, se transformava num barro lóbrego e pegajoso, forçando os fiéis a subirem numa marcha lenta e exaustiva.

Foi na igreja, ainda antes de o culto começar, que ouvi pela primeira vez sobre o desaparecimento do filho do criador de ovelhas. Estávamos sentados num dos bancos da frente: meus pais, Lukas, eu e Gisela. Tínhamos de nos sentar sempre em ordem, do filho mais velho para o mais novo. Eu balançava os pés, que ainda não alcançavam no chão. O meu pai notou a camada de barro seco por baixo do meu sapato, e mandou que fosse lá fora limpá-los.

Com a cabeça enterrada entre os ombros, fui até a frente da igreja, onde havia uma raspadeira. Enquanto limpava o meu sapato, ouvi um pouco da conversa da Norma, nossa vizinha, que

«Com a cabeça enterrada entre os ombros, fui até a frente da igreja, onde havia uma raspadeira. Enquanto limpava o meu sapato, ouvi um pouco da conversa da Norma, nossa vizinha, que falava com uma viúva, de cujo nome já não me lembro, uma mulher de cabelos brancos e muito ralos, magérrima, que andava sempre vestida de preto.»

falava com uma viúva, de cujo nome já não me lembro, uma mulher de cabelos brancos e muito ralos, magérrima, que andava sempre vestida de preto.

— Parece que fugiu o Norberto, dos Schäffer.

— Mas não! O mais novo? — indagou a viúva.

— *Ja* — Norma respondeu em alemão.
— Que coisa, um menino tão trabalhador.
Norma baixou o tom de voz.
— Aquilo não se dava bem com o pai, dizem.
— *Ach*, esse *Schäffer* fede a *schnapps*. Não, não.
As duas entraram sem notar a minha presença.
Quando voltei ao meu lugar, o pastor já estava no púlpito, vestindo a sua batina preta habitual. Chamava-se Tomas Neumann e era um homem jovem, devia ter menos de quarenta anos. Tinha os cabelos muito lisos e claros, e sorria sempre, apesar de ter os dentes bastante separados e amarelados. Gostava muito de crianças e fazia questão de cumprimentar todas, falando com elas como se fossem adultos: "Bom dia, *frau* Hilda, como está? *Frau* Gisela, que bom vê-la, elegante como sempre, como vai a família?"
Foi só alguns dias depois que ouvi novamente sobre o menino que fugira. Tinha-me levantado no meio da noite com sede, mas, ao sair do quarto, ouvi conversar na cozinha. Fiquei parada, atrás da porta entreaberta, à espreita. Falavam do filho dos Schäffer. O meu pai contava à minha mãe que Herbert Schäffer, o pai do menino, estava desolado. Não acreditava que o filho tivesse fugido. Desaparecera apenas com a roupa do corpo, não havia levado nada.
No dia seguinte, os meus pais perguntaram a mim e Lukas se sabíamos algo sobre o sumiço do menino. Norberto tinha a minha idade, mas era muito calado e solitário. Fisicamente, parecia-se muito com Lukas, tinham o mesmo cabelo dividido ao meio e a mesma altura, apesar do meu irmão ser mais velho. Era uma criança bastante magricela e pequeno para a sua idade. Dissemos que não sabíamos de nada e o meu pai disse, muito sério, que devíamos ter cuidado com estranhos que passassem na estrada. A qualquer sinal, deveríamos chamar algum adulto da aldeia. No domingo, o pai amanheceu com febre muito forte, e a mãe ficou a cuidar dele enquanto eu, Lukas e Gisela fomos à igreja. Era uma manhã fria e uma névoa espessa tinha assentado no vale. A igreja, lá no alto, ficara completamente escondida. A humidade do ar era tanta que sentíamos o rosto e as roupas molhados. Subimos o morro lentamente, tentando não nos atolarmos no barro. Em certo ponto, Lukas incomodou-se com

a nossa lentidão (eu ia especialmente devagar, porque tinha de ajudar Gisela) e decidiu ir à frente, a fim de garantir um bom lugar.
Lembro-me de chegar lá em cima exausta, porque acabei tendo que levar Gisela ao colo, na parte mais íngreme do caminho. Limpámos a lama no raspador e na grama molhada, e entramos, recebidas com um calor acolhedor. Não vi onde Lukas estava sentado.
No final do culto, ficámos do lado de fora à espera do Lukas. O pastor Tomas cumprimentava todas as pessoas à saída, compartilhando palavras de apoio e agradecendo a presença de cada um. Quando todos haviam saído, perguntei ao pastor Tomas se vira o nosso irmão e ele disse que sim, que o vira sair logo que o culto acabara, e que provavelmente já estaria em casa.
Descemos com cuidado para não ficar com as roupas sujas de barro. Quando chegámos a casa, a mãe já preparava o almoço.
— Onde está o teu irmão?
Quando respondi que já tinha vindo antes de nós, ficou furiosa, disse que era suposto andarmos juntos e, agora com o pai doente, quem é que ia sair para procurar por ele?
Tive que insistir com Gisela para que ficasse em casa, porque não a podia ter a atrasar-me. Chorou e ficou emburrada. Peguei um pedaço de *kuchen* em cima da mesa e saí para procurar o meu irmão. O sol nunca apareceu naquele dia e a névoa, que antes parecia iniciar uma retirada tímida, começava a ganhar nova força. Fui primeiro à casa dos vizinhos com quem o meu irmão brincava e depois aos lugares onde ele costumava ir: a cachoeira, a velha árvore tombada e o campo de futebol. Nada. Fui de casa em casa, perguntando se alguém sabia dele. Várias pessoas o haviam visto na igreja, mas ninguém o vira depois disso.
Já era fim de tarde quando bati à única porta que faltava, a da família Schäffer. Quem atendeu foi um dos irmãos de Norberto, não me recordo como se chamava. Perguntei se havia visto Lukas, mas ele balançou negativamente a cabeça.
— Quem é? — veio a voz rouca do pai dele lá de dentro.
— A Hilda! — O rapaz gritou para dentro. — Filha do Aldo Opfer.



» Ouvi o assoalho de madeira estalar com passos pesados e arrastados. O rapaz saiu e deu lugar ao pai. Herbert era um homem alto e magro, tinha a barba por fazer, cheia de fios brancos e os cabelos oleosos desarrumados.

— O que foi? — perguntou, e senti imediatamente o bafo de bagaço.

— Queria saber se viram o Lukas.

Olhou ao redor, para além de mim, para o campo tomado de névoa, como se procurasse alguma coisa.

— Sumiu?

— Não o vejo desde o culto. Já procurei em todo o lado. Ninguém o viu.

Herbert balançou a cabeça num movimento que me pareceu mais uma manifestação de indignação do que uma resposta à minha pergunta, porque nem sequer me olhava diretamente, parecia encarar o vazio. Em seguida, fez o sinal da cruz e pousou a mão no meu ombro.

— Sinto muito — disse, e depois entrou em casa, fechando a porta atrás de si.

Fiquei parada ali por alguns segundos, encarando a porta e tentando perceber por que as palavras dele me tinham dado vontade de chorar. Enxuguei os olhos e atravessei a longa varanda, abri o portãozinho de madeira e, quando pisei o degrau que dava para o relvado na frente da casa, apanhei um susto.

**«Quando dei por mim,
estava a segui-la pela
estrada de terra, cercada
por um mar de neblina e
pela escuridão da noite.»**

A pouco metros, parada no meio do caminho, estava uma ovelha, fundindo-se com a névoa. Tinha a cabeça muito preta e o pelo branco espesso, pronto para a tosquia. Os olhos, grandes e esbugalhados, miravam-me com ar inquisidor. Dei um passo hesitante à frente, intimidada pelo animal. A ovelha soltou um balido longo e estridente que ecoou pelo vale, um som triste que me encheu de pena.

Aproximei-me lentamente e, num movimento impulsivo, estendi a mão para tocar a cabeça da ovelha. Ela recuou e começou a andar na direção da saída da propriedade. Até hoje não sei o que me compeliu a fazer o que fiz em seguida, ou que tipo de ligação tive com aquele animal, naquele momento. Quando dei por mim, estava a segui-la pela estrada de terra, cercada por um mar de neblina e pela escuridão da noite, que havia chegado. A ovelha não olhava para trás, andava sem pressa. Passou o riacho com muita segurança e começou a seguir o caminho tortuoso que levava até à igreja.

Quase a meio da subida, tropecei no que julguei ser uma pedra. Ao olhar mais de perto, vi que era um calçado preso na lama, o sapato de Lukas. Estava voltado para o lado oposto, como se o tivesse perdido ou abandonado enquanto descia. Aflita, continuei a seguir a ovelha até que ela parou à frente da porta da igreja. Fitou-me com aqueles olhos esbugalhados, por um momento, e então começou a pastar.

Essa imagem ficou gravada na minha memória para sempre: a pequena igreja amarela de madeira, com uma torre estreita logo acima da porta de entrada; na sua frente, uma ovelha parada ao lado de uma cruz com a tinta descascada; tudo isso envolto por uma névoa espessa. E a porta da igreja entreaberta, com um feixe de luz a escapulir. O momento que entrei não está claro na minha memória, mas tenho ainda muito nítida a visão do alçapão aberto no púlpito, bem em baixo de onde costumava ficar o altar. Lembro-me de

descer silenciosamente os degraus de madeira que levavam ao porão e de ouvir uma voz familiar repetindo uma frase em alemão. Lembro-me de ver, à luz de um lampião, um homem com as costas nuas arqueadas sobre a mesa. E ainda o cheiro, um cheiro forte como jamais tinha sentido, algo que lembrava álcool misturado com um cheiro metálico enjoativo.

Percebi, pelo cabelo, que o homem de costas era o padre Tomas e entendi a frase que repetia: *"Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe."* Andei um pouco para o lado, enquanto me aproximava para conseguir ver o que estava sobre a mesa. Vi o meu irmão, nu e estirado sobre uma poça de sangue. Uma linha de suturas começava na sua virilha e seguia pela barriga e por todo o tronco, até à cabeça, onde passava perfeitamente no meio dos lábios, do nariz e entre os olhos. A seguir, entrava no couro cabeludo, onde o pastor mexia atentamente, segurando uma agulha curva.

— ... já não são dois, mas sim uma só carne.

Nesse momento percebi que não olhava para Lukas, apenas para parte dele. A outra parte era o menino Norberto. Vi, no chão, aos pés do pastor Tomas, um serrote ensanguentado.

— ... o que Deus uniu, ninguém separe.

Mas o pior, absolutamente o pior de tudo, foi quando vi que se mexeu. O braço de Lukas moveu-se como com um espasmo, e, então, notei o seu olho aberto e soube que me via. Vi no seu olho solitário a súplica pelo fim do sofrimento e uma tristeza imensurável, um pedido mudo de desculpas, uma ânsia pela libertação.

Senti um líquido ácido subir-me à garganta e fiquei tonta. Até hoje não sei como não desmaiei ali. O pastor Tomas estava tão concentrado, tão absorto no seu trabalho, que não se deu conta da minha presença. Saí tão silenciosamente quanto entrei, e quando abri a porta da igreja, encontrei Herbert parado ao lado da ovelha, segurando uma espingarda.

— Vai para casa — ele disse, se aproximando — e diz para o teu pai mandar chamar a polícia.

Depois disso, entrou na igreja. Desci aquele morro a toda a velocidade, deslizando pelo barro e pela grama molhada. Quando cheguei lá em baixo, ouvi um disparo ecoar pelo vale, e parei. Outro disparo, continuei a correr para casa.



Acordou como tantas outras vezes quando visitava a mãe, quando ouvia os passos dela a cirandar pela cozinha. Celebrava-se o São Valentim. Hoje seria um dia diferente. Pareceu-lhe ter escutado o padeiro apitar, haveria pão fresco ao pequeno-almoço. Deitado na cama de ferro, naquele quarto minúsculo que fora o leito matrimonial até à morte do pai, observou a luz que entrava pelas portadas de madeira ao fundo da cama. O filme da vida corria nos seus pensamentos: trabalho na lavoura desde a infância, pai alcoólico (isso haveria de o matar), emigração para o Luxemburgo, namoro com a mulher que amou toda a vida e com quem casou, filhas que tanto orgulho lhe davam e a mãe; as quatro mulheres que verdadeiramente preenchiam a sua vida. Percebeu que só elas importavam, afinal, apesar das inúmeras traições ao longo do casamento e que tinha acabado por confessar à esposa, no verão anterior. Acabou por se levantar e vestir, antes de ir à casa de banho, aparecendo na cozinha e surpreendendo a mãe: — Bons dias, minha mãe — a mulher

«Ouvia o som dos animais no pátio, que entrava pela janela. A mãe iria tratar deles a seguir.»

vestida de negro, cabelo apanhado em carrapito pouco acima da nuca, saltou à mesa onde tomava o café. Sentada não se notava como era pequena, menos de metro e meio, mas tinha garra. Passara por muito e a demência começava a dar sinais.

— Bons dias, meu filho. Já estás vestido? Queres que prepare o teu café? — disse, meio assustada, mas a sorrir. Era o único filho, o seu bem mais precioso.

— Sim, por favor. Vou só à casa de banho, não demoro. — Continuou a atravessar a curta distância, para se aliviar. Ouvia o som dos animais no pátio, que entrava pela janela. A mãe iria tratar deles a seguir. Abriu a torneira, para lavar as mãos e a cara, sentiu a água gelada a cortar-lhe a pele, mas estava habituado. Era normal naquela altura do ano. Ao fechar os olhos, para receber a água no rosto, viu imagens suas, da mãe e das filhas naquele mesmo lugar, quando ainda era galinheiro. Os tempos em que usavam o penico durante a noite e se aliviavam num canto do pátio, durante o dia, enquanto enxotavam as galinhas.

Sorriu, ao lembrar as filhas a correr atrás delas, o orgulho que sentiu quando a mais velha foi capaz de cortar o primeiro pescoço de uma e ajudar a depeñar o animal para ser cozinhado; quando, à mesa, estava vaidosa, porque tinha ajudado a preparar a refeição em todos os passos. Os coelhos é que ela não queria matar, fugia e chorava quando ele pegava num para lhe dar a pancada final.

Dirigiu-se à cozinha e a mãe serviu-lhe o café feito na cafeteira, negra de estar ali no borralho, razão do sabor ímpar. Recebeu o papo-seco, com queijo de cabra, que a mãe lhe estendeu. Sentiu-se reconfortado quando acabou de comer.

Vestiu-se, para ir dar uma volta aos terrenos, de trator. Abriu o portão verde, depois de pôr a máquina a trabalhar e o cão, no pátio, começou a ladrar, pedindo para ir também. Uma última vez.

Ao regressar, a mãe não estava. Devia ter ido a casa de alguma vizinha, como era costume. Prendeu de novo o cão no pátio e deu-lhe mais água e comida. Entrou pela cozinha e foi até à adega. Subiu a escada de cimento, depois os três degraus que levavam ao piso de madeira, frágil. Sorriu ao lembrar-se do medo que a miúda sentia cada vez que ali ia. Parecia que pressentia, há anos, o que ali teria lugar.

"A corda já está presa na trave. Tem comprimento suficiente para chegar lá abaixo e fazer o nó final.", pensou.

Desceu, para agarrar a ponta da corda, presa no atrelado do trator. Usou as mãos para medir e dar o nó firme, que iria deixar deslizá-la até segurar o seu corpo, suspenso. Colocou o laço no pescoço e ajustou-o, sentindo um nó na garganta, temendo o fracasso. Subiu para a trave. Abanou tanto que parecia quebrar-se. Mas não. Desequilíbrioou-se. O corpo estremeceu com a falta de ar e as mãos agarraram-se à corda, na tentativa vã de a tirar. Tarde demais. O peso do corpo suspenso provocou um estalo na cervical. Sangue escorreu pelas narinas até ao chão. "Afinal, resultou!", pensou ainda. O rosto frio e triste. Era apenas só uma tentativa.

"Filho, o que fizeste?", chorou a mãe, ao ver o corpo do seu tesouro suspenso.

O sangue no chão. A corda cortada. Os únicos vestígios físicos que a miúda veria, além do seu cadáver no caixão. O rosto tão triste. "Nos braços do anjo havia conforto e amor. Pai, o anjo voou e só a recordação ficou".



Naquela primavera, fiz-me rumo a Kervilahouen, aldeia no oeste da Belle-île en Mer, a maior ilha da bretanha francesa. Viajava com a mala pesada, telas, pincéis, cores e cavalete. A viagem tinha como principal propósito captar a luz da ilha na minha tela. Trazia vestida uma camisola azul anil, tão larga que devia ser dois números acima do meu, uns jeans velhos e um lenço *tie-dye* ao pescoço.

No peito, ainda me atordoavam as últimas palavras de E.. Ali, a bordo do barco que une Port-Navallo a Le Palais, com os olhos atentos ao movimento do oceano, a minha memória tentava encontrar instantes de refúgio, mas por mais que tentasse, só conseguia lembrar-me da sua última voz ao telefone. Tinha, por isso, decidido isolar-me do mundo, privando-me de telefone e computador. Um verdadeiro retiro artístico e espiritual. Apenas a minha irmã saberia da morada temporária, não fosse o diabo tecê-las.

Cheguei ao porto de Le Palais, satisfeita por finalmente me encontrar frente-a-frente com aquela majes-

«O bistrot era todo forrado a papel florido, com cores que levavam a pensar que noutros tempos teriam sido rosa e vermelho, mas que agora fugiam para um cinzento acastanhado.»

tosa cidadela, repleta de charme, com a sua arquitectura bicolor tipicamente bretã, paredes brancas e telhados pretos. A contrastar, aquele porto colorido, ponto de encontro entre barcos de passeio e barcos de pesca, onde, àquela hora da tarde, por fim, encontravam a paz. Ia hospedar-me na pensão Maurec, na parte ocidental e mais selvagem da ilha. Para lá chegar, apanhei um dos três táxis que esperavam residentes e turistas. Alguns minutos depois chegava àquela casa de três andares, de típico telhado preto e, encostada às paredes brancas, uma imensidão de fabulosas hortênsias azuis. A velar as hortênsias, em letras desenhadas em ferro forjado: "Auberge Maurec".

A porta grande e pesada encontrava-se entreaberta. Começava a sentir frio e ansiava por pousar a bagagem. Resolvi entrar sem avisar. Lá dentro, o ambiente quente e aconchegado contrastava com o exterior. Era pouca a luminosidade daquele lugar, que só contava com algumas lâmpadas bruxuleantes amarelo-alaranjadas e a luz de uma lareira, quase só em brasas. Logo à entrada, um pequeno balcão de madeira, escura minuciosamente trabalhada, separava as escadas que levavam ao primeiro andar de um pequeno bistrô, onde um gira-discos fazia soar "La Javanaise". Pousei as coisas e dirigi-me para lá.

O bistrô era todo forrado a papel florido, com cores que levavam a pensar que noutros tempos teriam sido rosa e vermelho, mas que agora fugiam para um cinzento acastanhado. Algumas mesas espalhadas pela sala. Os bancos eram forrados a tecido e as mesas de madeira, salpicadas por diferentes tons de castanho. Nas paredes, através de fuligem da lareira, consegui vislumbrar alguns quadros pintados a óleo, na sua maioria retratos de mulheres ao estilo de Toulouse-Lautrec. No bar estava Madame Maurec, mulher de estatura baixa, mas de forte presença. Usava um batom vermelho-vivo, que naquela época já se misturava com a carne dos seus lábios. Com a voz rouca e assertiva, discutia com o marido:

— És sempre a mesma coisa, estou cansada de dizer para trocares as lâmpadas fundidas!

Monsieur Maurec era um homem extremamente alto e elegante, com umas pernas tão longas que se viam do outro lado do balcão. Vestia umas calças pretas e eu só conseguia imaginar duas belas pernas de pau por baixo daquele tecido.

— Então é a menina que vem de Toulouse. Preparei-lhe o quarto no último andar, como pediu.

— disse Madame Maurec, mal me viu à entrada. Subimos as escadas de madeira que rangiam, o quarto ficava ao fundo do corredor e era o último. Havia uma simplicidade esplêndida naquele espaço que me acalmava os sentidos. Cama, cómoda, mesinha de cabeceira e cadeira de baioço. Na parede, um espelho com flores secas à volta. A luz provinha apenas de um candeeiro

a óleo sobre a cómoda. Agradei a Madame Maurec, pousei finalmente a bagagem no chão, meti-me entre os lençóis brancos e adormeci profundamente.

Levantei-me antes de o Sol nascer. Queria chegar aos rochedos antes dele para conseguir captar os primeiros raios de luz. Tomei um duche rápido, vesti os velhos *jeans*, uma *t-shirt* branca e o casaco que tinha pertencido à minha tia-avó e sabia a abraço. Peguei no material – cavalete, tela, tintas e pincéis – e desci as escadas, lentamente, para não as fazer ranger. Àquela hora ainda não cheirava a café, mas havia um saco de pão pendurado na porta. Tirei uma mini *baguete* e fui comendo pelo caminho.

Os rochedos ficavam na falésia mais próxima, a uns quinhentos metros da Auberge Maurec, por isso, nem que quisesse me conseguiria perder. Pousei o cavalete, as tintas e a tela. Ainda estava escuro. Esperei deitada sobre aquela erva húmida e fria. Apertei o casaco contra o peito e fiquei a admirar o céu, enquanto a escuridão se mantinha. De olhos fixados naquela cor tão compacta e ao mesmo tempo tão fugaz, a mente fugia e questionava-me se aquela também seria a cor do céu de E.. Meditava dentro dela, ao som de um oceano bravo e suave.

Assim que o primeiro raio de luz se mostrou, levantei-me e, de olhos bem abertos, fiquei a assistir àquele espectáculo de cor: a luz que nasce tímida e depois se emancipa, erguendo-se destemida sobre o oceano e os rochedos. Afinal, havia mais de poético naquela cena do que nas suas palavras. Peguei no pincel, queria transpor aquelas cores para a tela, mas não conseguia, tinham demasiado volume, muitas ainda sem nome. Não era cião, magenta, amarelo. Era explosão de tons misturados com sensações, nuances poéticas suspiradas por um novo arco-íris que jorrava do interior da Terra. Ali fiquei, num estado catatónico, com o pincel na mão e a sentir que acabava de desaprender toda a técnica de pintura que pensava dominar. Voltei para a pensão com a tela virgem. Nesse dia, e nos quatro que o sucederam. Talvez tivesse perdido a capacidade para distinguir as cores ou talvez o talento fosse algo que nos é concedido temporariamente e, depois, de-

pendendo da forma como o utilizamos, é-nos mantido ou retirado. Pensava nisso enquanto entrava na pensão, com mais uma discussão dos Maurec sobre as lâmpadas fundidas em ruído de fundo. No *bistrot*, um homem grande e pesado, com uma barba branca que roçava o balcão, terminava o copo de *whisky*, dizendo: — Ponha na conta, Madame.

Levantou-se, dirigindo-se depois à porta onde me encontrava, estática com a minha tela branca por baixo do braço. Ao passar por mim, olhou-me nos olhos e disse:

— Enquanto não compreendermos a dança dos rochedos, nunca conseguiremos captar a sua luz. Não tive tempo de responder, não consegui sequer ter uma reacção, pela rapidez e estranheza daquele instante. Subi as escadas a matutar naquelas palavras. Como poderia ele saber? Talvez me tivesse visto, nos dias anteriores, regressar à pensão com a tela virgem, ou pudesse ter presenciado as minhas tentativas falhadas na encosta. Contudo, o que queria dizer com a “dança dos rochedos”? Adormeci, por fim, a tentar decifrar aquela mensagem. No dia seguinte, rumei ao mesmo lugar na encosta e esperei por um sinal que desvendasse o sentido daquelas palavras. Não conseguia

«Fiz a mala, estava pronta para regressar à realidade. Pedi a Madame Maurec que chamasse um táxi para me levar ao porto.»

perceber o que aquele homem queria dizer, e ali fiquei, uma vez mais, imóvel com a tela vazia. Depois veio a tempestade. Peguei nas coisas e corri para a pensão. Apesar da minha vontade de ficar a sentir a chuva molhar o cabelo e apagar o vulcão da memória, não queria apanhar nenhum resfriado. Mal entrei na pensão, disse Madame Maurec, com a sua voz rouca:

— Menina, chegou correio para si.

Era um envelope em formato A5 e a chuva tinha apagado a tinta mesmo na parte da identificação do remetente. Subi as escadas, entrei no quarto, e, ainda antes de despir a roupa húmida, decidi abri-lo. Lá dentro um CD com uma mensagem de E.:

Pedi à tua irmã a morada, pois não consegui esperar que voltasses para te dizer que lamento tudo aquilo que disse ao telefone. Fiz-te esta música, espero que gostes.

O meu coração disparou e o corpo ferveu por baixo daquela roupa fria. Despi-a e preparei um banho quente. Meti-me na banheira, ainda incrédula com o que acabava de acontecer. Inclinei a cabeça, fechei os olhos e a minha mente viajou. Ali estava E. e a arte, os dois dentro de um caleidoscópio. Teria perdido o talento por sua causa? Gostaria dele a esse ponto? O caleidoscópio explodiu, abri os olhos e esbocei um sorriso disfarçado de malícia, mas que, na verdade, era eu a dar uma dentada na maçã que é o mundo. Saí da banheira, sequei-me e adormeci por cima dos lençóis. Não me lembrei de ouvir a sua música. No dia seguinte, rumei para a encosta e, quando o primeiro raio de sol nasceu, tímido, e mergulhou naquele rochedo, algo de surpreendente aconteceu. Era como se estivesse a ver aquela luz pela primeira vez. E a luz ganhou força, com ela nasceram outras e com estas novas cores. Os rochedos ganharam vida. Nos meus ouvidos o som das ondas, de repente, misturou-se com cordas e sopranos, e os rochedos deram voltas e mais voltas, ao som daquela música que

era minha. Depois deu-se a explosão de cores. Tudo ao mesmo tempo e misturado com os meus olhos lacrimejantes e a minha pele de galinha. Peguei no pincel e nas tintas e, alcoolizada pelo momento, captei aquela luz, aquelas cores, o que ouvia e o que sentia. De repente, a tela transformou-se em mim: um grito de liberdade.

Nesse dia, voltei para a pensão leve e só pensava no quão certas eram as palavras daquele homem. Procurei por ele no *bistrot*, para lhe contar e perguntar se tinha assistido ao mesmo. Mas, sobretudo, para lhe agradecer. Na verdade, depois daquele dia, nunca mais o tinha visto, talvez estivesse só de passagem na ilha. Assim como eu.

Fiz a mala, estava pronta para regressar à realidade. Pedi a Madame Maurec que chamasse um táxi para me levar ao porto. Despedi-me dela e do marido – que tinha finalmente trocado as lâmpadas fundidas – e perguntei, enquanto tirava o quadro da mala:

— Madame, pode dar este quadro ao homem de barba branca, que estava sentado ao balcão, no outro dia?

Ao que ela respondeu:

— Não percebo, qual homem? Há mais de um mês que a menina é a nossa única hóspede.

Aguardei uns segundos em silêncio, na esperança de que se lembrasse de alguém, alguém da ilha, não necessariamente um hóspede. Mas, percebendo que era em vão, deitei os olhos ao chão e voltei a guardar o quadro. Agradei-lhes, a ela e ao marido, enquanto me dirigia para a saída, onde o táxi esperava.

Ao passar a porta do *bistrot* apercebi-me, pela primeira vez, graças àquelas lâmpadas brancas, de um retrato pendurado na parede. Ali estava, com a barba branca comprida e o olhar misterioso. Em baixo do retrato a legenda: "Claude Monet. Foi hóspede nesta pensão em outubro de 1886."



MAS TAMBÉM

INÊS
MONTENEGRO

A rua, usualmente, era movimentada. Ao anoitecer, morria. As lojas silenciavam-se, os veículos esfumavam-se; os candeeiros largavam uma iluminação amarelada. Ela ergueu os olhos, surpreendida, quando a luz do mais próximo estremeceu e se apagou, reacendendo-se logo em seguida. Toda a santa vez que ali passava... Ouviu-lhe o raspar dos passos. Retesou-se. Espreitou a montra à sua esquerda, sem deixar de andar. O seu próprio reflexo, o seu próprio vulto: teria de parar se quisesse um vislumbre de quem caminhava atrás de si.

(e vais sozinha? a estas horas? sim, é perto, mas nunca se sabe. não achas que devias...)

Acelerou o passo; ele também. A quietude pesava-lhe, feita percepção recém-adquirida. Não se atreveu a abrandar, a arriscar a esperança de que ele a ultrapassasse e se afastasse. O cruzamento que marcava o início da sua rua surgiu logo adiante, os semáforos actuando para uma estrada vazia. Verde. Amarelo. Vermelho. Enfiou a mão na carteira, tacteando pelas chaves. Sentiu-lhes a frieza e o tilintar. Apertou-as, uma entre cada dedo. Três, no total.

(ando sempre com uma latinha de laca comigo, nunca se sabe. não achas que devias...)

O enjoo ameaçava-a do fundo da garganta. Atravessou o cruzamento a direito, ignorando passeios e passadeiras. Correu os últimos passos. O coração pulsava-lhe pelas veias enquanto se apressava em volta da fechadura. A porta



cedeu; entrou no prédio num rompante. Viu-o passar pelos semáforos e virar noutra direcção. Um candeeiro iluminou-o: calças jeans e auscultadores nos ouvidos; caminhava distraído, sem alterar o ritmo.

Ela recuou, aliviada. O cansaço pesou-lhe, mais do que a caminhada ou a hora tardia. Arrastou-se pelas escadas até ao apartamento e ao quarto arrendado. Descalçou as sapatilhas e deixou-se cair na cama, a cabeça num nevoeiro e os olhos cansados.

Não fora nada. Estava bem.

(mas também, com a roupa queavas, não achas que devias...)

Por mais uma noite.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

SEGMENTOS

RICARDO
ALFAIA

Pequena morte. Deleitante, doce, querida e intensa pequena morte. O meu mais desejado suspiro, o meu mais aconchegante gemido.

Sopro de vida ao fim.

Acaricio a tua face enquanto a minha mão desce ao meu ventre. Sinto-me. As minhas coxas perguntam-me por agrado, os meus sentidos por atenção. Passo os meus seios soltos pelo teu peito liso e levo os teus dedos ao mais húmido de mim.

Diz-me, como te chamas, perguntaste, e antevi os acontecimentos. O teu cheiro a erva-moura provocou uma alteração do espectro de cores. O teu odor levou um preto-e-branco a encher o espaço e tudo passou a ter uma só razão. A única cor perante mim — a tentar seduzir-me, a pensar que o conseguia, a alimentar uma ilusão de superioridade macha — eras tu. Mas fui eu! Fui eu que o quis! Fui eu que te levei ao deixar-me levar!

O orgasmo espera somente por obedecer. Aguarda as minhas ordens enquanto atraso o tempo e prolongo o meu prazer. Eu mando! Também em mim, eu mando! ➤





» Encho o peito de ar lascivo para os derradeiros momentos vibrantes. Espero. Roço-me nos teus dedos, molho-os de mim. Paro.

Recomeço.

E paro.

Até...

Ah, por fim. Por fim. POR FIM!

Pequena morte que me abraças, amas, seduzes e possuis. Bem-vinda sejas, libertadora da carne, dádiva do Universo. Choques vibrantes pelo corpo adentro, fluidos sensuais pelo corpo fora.

Já não mando mais em mim.

Despe-te!, exigiste.

Era só uma peça, foi fácil a submissão.

Coraste ao ver o meu corpo nu quando o vestido se mirrou até ao chão. Não esperavas tanta audácia. Meu homem menino, traído pelo próprio sangue. Aqui, sou eu que dou as ordens.

Ainda o não sabes?

Ainda o não sabes.

Primeiro, bebemos e dançamos nus, disse-te. Levei as mãos ao teu pescoço, passei a língua pelos teus lábios e continuei. Temos tempo, relaxa, vou fazer-te um cocktail. Depois, vou-te foder todo!

Tiro os teus dedos de mim. Inspiro fundo o ar quente e doce. Levanto-me e abro a janela. Alta, com vista para a cidade. Ouve-se a vida de milhares de vidas e, ao longe, uma sirene apressada. Com ela, como para me socorrer, surge uma aragem que me envolve e acalma o suor no pescoço, axilas, seios. Viro-me com um sorriso.

Quero mais!

Pouso a tua mão no parapeito e dirijo-me às tuas pernas. Alinhadas no sofá, esperam que me sente nos teus pés. Bonitos, elegantes, dedos longos e perfeitos.

Tenho sede. Do copo de cristal que a minha madrinha me ofereceu no crisma, bebo um bom gole do teu sangue e sigo as ordens da minha excitação. E um tudo-nada antes de me oferecer de novo à loucura do meu sexo, noto que na mesa da sala, na tua cabeça, bem arranjada entre dois vasos com cravos, o teu penteado permanece perfeito.

Bom cocktail, apreciaste, pouco antes de adormecer.

**«Tiro os teus
dedos de mim.
Inspiro fundo
o ar quente e
doce. Levanto-
me e abro a
janela. Alta,
com vista para
a cidade.»**

PÉS QUE OLHAM O ABISMO

SUSANA
SILVA

Forget-me-not. Alguém decorou o meu quarto com papel de parede amarelo mergulhado nestas minúsculas flores azuis, um cortinado rosa para esconder todos os pés que passam pela minha janela e me espreitam no escuro, e um cavalo de ba-loiço pintado como aqueles na feira para quando eu crescesse. Um mar de lápis de carvão e folhas embala-me. Escondo a longa fita do cavalo no fundo da gaveta. Deram-me um relógio. Está parado. Ensinaram-me que aqui o tempo não passa. Aprendi a contar as sombras que vivem nos cortinados. Tantas, por vezes. Em muitos dias, apenas o rosa me sustém. Cresci, balancei, o cavalo perdeu as cores. Só me resta um lápis. A fita já não mora na gaveta.

Os pés transeuntes marcam o meu tempo, mas são sempre cinco horas. E todos os dias o laço de fita vermelha me olha, dependurado.

Abro o estojo ferrugento e traço a carvão mais um dia.

Amanhã, terei todos os lápis.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.





O TEMPO DAS DESCOBERTAS

TELMO
AMARAL



Aquele era para Adolfo o glorioso tempo das descobertas. Junto à sua aldeia, havia um lago, e dizia-se que, para o sul, era possível chegar através da água a sítios peculiares, sítios com pessoas azuis. Poucos se aventuravam a perder o pé nas águas do lago Atlas, mas Adolfo herdara conhecimentos que justificavam a sua ambição. Quando era pequeno, mandava na aldeia um homem vindo do Sul chamado Ahmed, de quem ouvira ideias para construir um tipo de bote de madeira com uma vela triangular, bem como noções sobre ventos e astros que permitiriam navegar o dito bote através do lago sem naufragar. Junto a um ribeiro a que os locais chamavam Estago, Adolfo erigiu uma cabana que se tornaria a sua oficina e estaleiro ao longo de um ano. Aí, experimentou obstinadamente com diferentes combinações de madeiras, tipos de pano e resinas, testando cada iteração do seu invento nas águas relativamente tolerantes do Estago. Um dia, por fim, entendeu ter aperfeiçoado aquilo que queria. Carregou o batel revolucionário com mantimentos, um cobertor e uma faca grande e

zarpou do ribeiro que desaguava no lago ameaçador, sem saber se ou quando voltaria.

A natureza do lago era tal que as mais pequenas ondulações sacudiam o bote de Adolfo, com uma violência que facilmente afundaria embarcações menos sofisticadas. Qualquer que fosse o rumo escolhido (e era o sul que Adolfo queria), o lago parecia sentir aquela unha estranha que o sulcava, logo respondendo com ventos e correntes no sentido contrário. Se uma estrela era escolhida para auxiliar a navegação, rapidamente desaparecia atrás de nuvens vindas do nada. A passagem do tempo resultava distorcida por estas contrariedades, e tornava-se difícil distinguir horas de dias inteiros, e dias de semanas ou meses. Foi assim que, tendo por único calendário uma barba que se tornara longa, Adolfo avistou certa noite uma fogueira muito ao longe, numa margem que começava a desenhar-se no horizonte. A margem das terras do Sul.

Adolfo atracou numa zona escondida da praia, e o seu primeiro instinto foi procurar uma pedra, gravar-lhe à faca uma cruz e plantá-la na areia, reclamando secretamente aquela margem para si. Depois, pôs-se a rastejar, de forma a aproximar-se sub-repticiamente do fogo que crepitava ali perto.

Um homem seminu, cuja pele à luz das chamas parecia quase azul de tão negra, abraçava uma criança também azul e apontava-lhe estrelas no céu, com palavras suaves e ternas ditas numa língua estranha. O homem chamava-se Azibo, e a sua filha, Adanna, embora Adolfo nunca viesse a querer aprender estes nomes. Afinal, o importante é que esta terra era agora sua, e queria regressar com algo que demonstrasse o valor da sua descoberta para lá do lago traiçoeiro. Um homem como aquele junto ao fogo, primitivo, mas bem constituído, poderia fazer na aldeia do Norte todo o trabalho pesado que Adolfo lhe exigisse, custando pouco mais do que água e feijão com arroz.

Adolfo surpreendeu Azibo pelas costas e levou-lhe a lâmina afiada ao pescoço, conseguindo assim levantá-lo e torcer-lhe um braço, para o empurrar aos solavancos na direcção do areal onde deixara o bote. Mas Azibo era ágil. Conseguiu libertar-se. No meio da luta que sucedeu na areia, a faca mudou de mãos, e Adolfo já não esperava sair dali vivo quando sentiu ao seu alcance a pedra gravada que deixara na praia. Azibo não resistiu a uma pancada forte na cabeça. Quando acordou, estava já atado e amordaçado na proa da embarcação.

Ao longe, junto ao lume, Adanna chorava em desespero. Adolfo, primeiro, plantou novamente na areia a sua pedra, agora adornada com sangue estranho. Depois, avançou arfando na direcção da menina, para se ocupar dela. As adversidades que enfrentara para ali chegar vivo investiam-no de certos direitos.

Do regresso, que pareceu mais longo ainda do que a ida, Adolfo recorda até hoje a fúria redo-

brada do lago. A meio caminho, com o bote cheio de água e quase a afundar-se na tormenta, nada mais restava para atirar borda fora senão o próprio Azibo. Na ânsia louca de salvar ao menos uma prova palpável da sua descoberta longínqua, ocorreu a Adolfo livrar-se do corpo do seu refém, mas conservar-lhe a cabeça. Azibo acordou dum torpor exausto com a faca do outro já meio enterrada no pescoço. Horrificado, encontrou forças para se contorcer, erguer-se e atirar-se à água raivosa e opaca. No mesmo instante, a tempestade morreu, e o lago tornou-se tão estático e transparente que Adolfo quase perdeu o equilíbrio: dezenas de metros abaixo de si, via o fundo do lago, tão nitidamente como se o bote flutuasse no ar. Algures entre o bote e o fundo, o corpo ferido de Azibo descrevia uma espiral de sangue, atraindo de todas as direcções enormes peixes nunca vistos.

Qual a mecânica da justiça divina, acaso exista? Ninguém sabe. Fadas e demónios são feitos da matéria dos sonhos e do descanso eterno. É bem provável até que sejam uns e outros a mesma coisa, diferentes só no nome consoante o sonhador e o propósito.

Perto do fim, Adanna avistara contra o fundo de estrelas uma criatura alada tão bonita como recordava ser a sua mãe. Pedira-lhe: «agarra-me nem que seja pelos cabelos e leva-me para longe daqui».

Adolfo, esse, seguiu a sua vida e, desta viagem da juventude, a ninguém conta o lado podre. Porém, para ele, a criatura alada não é bela nem traz alívio. Aparece a meio das noites e carrega-o através das nuvens até àquela margem escondida no Sul. Puxa da areia, pelas raízes dos cabelos, o corpo intacto da menina a quem Adolfo roubou o pai, a inocência e a vida e arranha os dentes serrilhados de peixe macabro, ainda sujos de sangue. Depois, leva-o de volta para o seu quarto na aldeia do Norte, enquanto lhe sussurra ao ouvido coisas numa língua mineiral que os ossos entendem. Este é ainda, para Adolfo, o tempo das descobertas.

A REVOLTA DOS LÁPIS DE COR

ALEXANDRA
MARIA DUARTE

— Roxo!

— Presente.

— Verde-claro!

— Presente.

— Verde-escuro!

— Presente.

— E, por fim, Violeta!

— Presente.

— Então e eu? Eu venho antes do Violeta.

— Ai, desculpa Vermelho, sim, tens razão. Vermelho!

— Presente.

— Agora sim, parece que estamos todos.

— Antes de começarmos, gostaria de dizer algo, pode ser?

— Diz lá Violeta.

— Sem querer ser mal-educado, não percebo o que as telas em branco estão aqui a fazer. Esta reunião não é só para os lápis? — Virou-se para as telas. — Nada pessoal, sim?

As telas acenaram, como que a dizer «tudo bem».

Paleta, o presidente da reunião, começou:



— Eu pedi-lhes que estivessem presentes porque, na verdade, também estão envolvidas no assunto. Então vamos lá. Veem que tenho aqui comigo uma carta e um jornal?

Os lápis acenaram com a cabeça. Não tinham dado grande importância aos papéis.

— Esta carta foi encontrada pelo Azul-claro, durante uma das suas deambulações pelo sótão da casa.

Algumas cabeças de lápis olharam para ele, curiosas. As telas também.

— Pois, é verdade. Desculpem lá, mas já estava a sentir-me claustrofóbico dentro da nossa caixa, sempre tão juntinhos, lado a lado. Apeteceu-me dar uma volta e acabei por ir dar ao sótão.

— E a carta estava lá? — O Verde-escuro interrompeu. — E diz o quê? É de quem? Para quem?

— Estava endereçada aos lápis de cor do futuro

— continuou o Azul-claro. — Não sei se sou do futuro, mas como sou lápis, e sou de cor, tomei a liberdade de abrir o envelope.

— Conta, conta! — O Laranja estava em pulgas.

— Ó Paleta — grita o Castanho, — já que estás a presidir a reunião, abre lá a carta e lê, vá, estamos aqui todos curiosos.

— Muito bem, aqui vai.

Pega na folha e começa a ler:

Sótão da Casa Amarela. 1 de Junho de 1954

A todos os que possam ler esta carta: lápis de cor, lápis de cera, aquarelas, tintas acrílicas, marcadores ou outros. Espero que vos encontre com boas cores.

Escrevo-a na esperança de ajudar os lápis a entenderem a sua missão. Quando não entendemos o nosso propósito de vida, nada faz sentido e corremos o risco de perder a oportunidade de fazer algo grandioso.

Antes de mais, permitam apresentar-me: sou a caixa que albergou, em tempos, doze lápis de cor. Estivemos juntos muito tempo. Habitua-mo-nos a isso. Foi, portanto, estranho, quando fomos comprados e trazidos para esta casa. Os lápis não queriam ser usados, sabiam que se isso acontecesse iriam desaparecer. Ora, ninguém quer desaparecer, não é verdade? Aqui em

casa havia duas crianças. Uma não nos ligava muito, a outra sim. A que gostava de nós tirava os lápis da caixa e desenhava: não sei bem o quê, eram uns rabiscos, mas ela insistia. Riscava, pintava e afiava. Os lápis iam ficando mais pequenos. Quando estavam a chegar a cerca de metade do tamanho original decidiram fazer greve. A criança pegava neles para pintar e nada acontecia. Ela pressionava-os, carregava na folha, mas eles mantinham-se quietos e não saía cor alguma. Após algum tempo, foram postos de lado, afinal para que se quer uma caixa de lápis de cor se eles não dão cor a nada. Os lápis pensavam ter vencido. Estavam felizes, já não iam desaparecer, iriam viver na caixa, felizes para sempre.

— Fizeram eles muito bem — murmurou o Cinzento, para quem o quis ouvir.

— Sim, senhor — concordou o Laranja.

Os lápis pareciam compreender as razões dos companheiros mais antigos, que se recusaram a aceitar o seu fim.

— Vou continuar — disse o Paleta. — Ora, onde é que eu ia?... na caixa, felizes para sempre.

Assim foi. Mas o tempo foi passando, passando e nada acontecia. Pudera, o que é que havia de acontecer? Os lápis começaram a aborrecer-se. Já não tinham assunto de conversa. Nos velhos tempos havia sempre novidades: "olha, hoje fui usado para desenhar uma flor"; "ah, eu pintei um gato"; "e eu o telhado de uma casa". Era assim o normal funcionamento de uma caixa de lápis de cor. Nessa época eram felizes. Começaram, então, a questionar-se: teriam tomado a decisão errada? A sua missão era pintar. iam desaparecendo, mas renascendo nas folhas, nas telas, em qualquer superfície por onde passassem. Deveria ser esse o seu legado. A afiadeira assustava-os um pouco, é certo: contudo, perceberam que também ela servia um propósito. Cada vez que os lápis eram afiados ficavam mais fortes e as cores mais vivas. Amigos, futuros leitores destas minhas palavras, achei que devia contar esta história, para que não cometam o mesmo erro. >

» Quando cancelaram a greve era tarde demais. A criança já tinha uma caixa nova e eu acabei perdida no sótão, junto de outros objetos sem utilidade. Com a humidade os lápis foram-se estragando, tal como eu, pois sou feita de cartão. Não durarei muito mais. Em breve, alguém virá limpar o sótão, suponho. Temo que, dentro de algum tempo, terminemos no caixote do lixo.

Deixo esta carta escondida, confiando que seja encontrada por algum lápis, pincel ou marcador. Não cometam o mesmo erro, deixem-se usar e façam nascer maravilhosas obras de arte. Assim, viverão para sempre.

Saudações coloridas.

Atenciosamente,
Caixa de lápis de cor

**«Uma tela em
branco não
passa disso. É
convosco que nos
transformamos e
revelamos a nossa
personalidade.
Juntos podemos
ser o sonho
de alguém.»**

O silêncio durou alguns minutos. Os lápis não sabiam o que pensar. Também eles estavam em greve e, veja-se a coincidência, pela mesma razão; e era, também, o motivo pelo qual a reunião tinha sido convocada.

— Vamos lá ver — começou o Vermelho, um pouco exaltado, — aqui a situação é diferente, não vamos ter problemas com a humidade, a nossa caixa é de metal, não é de cartão.

— Concordo — apoiou o Amarelo.

— Não sei — observou o Cinzento. — E se a caixa enferruja?

— Bem vistas as coisas, até faz sentido o que diz a carta — o Laranja mostrava-se pensativo.

— Mau, então agora querem cancelar a greve?

— O Castanho levantou-se, de mãos na anca.

— Vamos ter calma, senhores, ainda há muito para falar — o Paleta olhou na direcção das telas, já que uma delas levantara a mão.

— Se me permitem, gostava de dizer umas palavras — a tela de maior tamanho levantou-se.

— Falo por mim e em nome das minhas colegas

— olhou para as outras telas, que concordaram,

— da nossa parte estamos disponíveis para colaborar com vocês. Uma tela em branco não passa disso. É convosco que nos transformamos e revelamos a nossa personalidade. Juntos podemos ser o sonho de alguém.

Os lápis agitaram-se, alguns pareciam até comovidos. O Rosa não conseguiu evitar uma pequena lágrima.

— Eh lá, ainda pintas o chão — murmurou o Violeta. — Pega lá no lenço.

O Paleta tomou a palavra.

— Ora bem, peço-vos que tenham em mente as palavras da colega Tela, enquanto vos mostro o conteúdo deste jornal — e abanou-o no ar.

— Já nem me lembrava do jornal — sussurrou alguém para o colega do lado.

— Também estava no sótão? — perguntou o Rosa, já composto e sem lágrimas.

O Paleta mostra a primeira página.

— Não, este veio de outro sítio. Olhem bem aqui na frente, conseguem ver?

O Amarelo, na primeira fila, focou os olhos e leu:

— Diário Mil Cores, o seu jornal matinal, de dia 25 de Agosto de... espera lá que estou a ver mal...

— Então, o que é que diz? Aqui atrás não dá para ver — o Vermelho gesticulava batendo levemente nos olhos.

— Deixa estar Amarelo, eu prossigo — proferiu o Paleta. — É isso mesmo que viste, este jornal saiu... sairá... — estava hesitante — daqui a vinte anos!

Os lápis riram.

— Essa agora.

— Tens piada.

— Isso é lá possível.

— Então foste buscá-lo onde? Tens uma máquina do tempo?

— Eu não — o Paleta abre o jornal, — mas se calhar alguém tem. Enfiaram o jornal debaixo da porta do meu quarto, enquanto eu dormia.

Muitos *ohhh* e alguns *ahhh* tilintaram pela sala. E ainda uns quantos *Como? Mas quem? Mas não pode ser, pois não?*

— Depois da carta, achei que também tinha de mostrar o jornal.

— Mas, ó Paleta, vamos lá ver, isso não é possível — o Verde-claro, calado até então, decidiu trazer alguma seriedade ao assunto. — Afinal, quem é que foi o engraçado que inventou este jornal?

Levantou-se e olhou para todos, até para as telas, mas ninguém se acusou.

O Azul-escuro argumentou:

— E se lêssemos o jornal primeiro? Depois, decidimos se a data é importante ou não.

— Sr. Paleta, tem alguma notícia interessante?

— Uma tela quis saber.

— Tem sim, aqui na página cinco. Ora escutem com atenção:

Foi hoje inaugurada a primeira exposição a solo de Lucas Vasconcelos, jovem promissor da nossa cidade. Vasconcelos participou, anteriormente, noutros eventos, em companhia

**«Muitos ohhh
e alguns ahhh
tilintaram pela
sala. E ainda
uns quantos
Como? Mas
quem? Mas
não pode ser,
pois não?»**

de outros criadores, onde as suas obras já tinham sido notadas. As críticas ao trabalho do jovem artista têm sido positivas, enaltecendo os quadros, que revelam grande sensibilidade estética. A exposição estará aberta ao público na Galeria Arco-Íris, até final do ano.

Não foi preciso dizer mais nada. Os lápis entenderam, por fim, qual era a sua missão de vida. A reunião terminou e a greve foi cancelada. Regressaram a casa sem grande alvoroço e dirigiram-se ao quarto. As telas encostaram-se à parede e os lápis voltaram, ordeiramente, para dentro da caixa de metal que estava em cima da secretária; na cama ao lado, o pequeno Lucas Vasconcelos dormia profundamente.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Risos, gritos, correrias e poeira no ar eram sinal de que a hora do recreio chegara. Naquela pequena escola do 1º ciclo, só havia quatro turmas e, no espaço envolvente, o campo, as crianças corriam desenfreadas atrás da bola. O Martim passava o tempo livre ali, desde que não chovesse, pois a dona Matilde não deixava ninguém molhar-se. Todos os dias, chegava a casa com as sapatilhas cheias de areia e os joelhos esfolados.

— Ó mãe, foi a recuperar a bola, tive de me atirar ao chão — argumentava, perante o desespero da mãe, que lhe tratava as feridas.

— Não te dói?

— Um bocadinho, mas não faz mal! — respondia, cerrando os olhos para aguentar melhor.

O pai assistia e abanava a cabeça. Não gostava que o filho aparecesse sempre assim. Todos os dias, arranjava um novo ferimento por causa da bola. Certa vez, foi levado para o hospital, pois fez um golpe tão profundo numa mão, que teve de levar dois pontos. O Martim não se queixou das dores nem do desconforto de ser obrigado a fazer tudo só com uma mão durante uns dias. Pelo menos, tinha lesionado a esquerda. Se fosse a direita, é que seria o cabo dos trabalhos, como dizia o avô. O pai decidiu que era altura de parar com aquela loucura pelo futebol e proibiu-o de jogar durante um mês.

— Não é justo! — protestou, em vão, o Martim. E fechou-se no quarto, onde ninguém o iria ver a chorar.

À noite, quando o foi deitar, a mãe, passando-lhe a mão pelo cabelo, consolou-o:

— O pai fica preocupado contigo, tem medo de que te magoes a sério. Viste o estado em que ficou a tua mão? Tenho a certeza de que te doeu bastante.

— Só um bocadinho...

— Até aqui, magoavas-te nas pernas e nos braços, mas desta vez a mão ficou em muito mau estado.

— Só um bocadinho... Já está quase boa. Eu quero jogar, mãe. Sem o futebol a escola é uma tristeza... — lamentou-se, fazendo beicinho.

A mãe sorriu, aconchegou-o e deu-lhe um beijo na testa.

— Dorme bem.

O Martim demorou a adormecer e, quando finalmente conseguiu, sonhou que voltava a jogar futebol com os amigos.

Mas, na realidade, não jogou, não podia. Nos intervalos, para se entreter, folheava um livro que a mãe lhe dera sobre os ídolos do futebol. Como ainda sabia ler muito pouco, distraía-se a observar as imagens. Sempre ficava menos difícil ver os colegas a jogarem e a divertirem-se. O mês que o pai decretara passou e o Martim, depois de muitos avisos, lá pôde voltar a jogar. No início, tinha cuidado, tentava evitar as quedas, mas com o passar do tempo, voltou a entregar-se por completo ao jogo e os arranhões e esfoladelas regressaram. De cada vez que o pai o ia esperar, encolhia-se todo, pois receava novo castigo, o que acabou por acontecer, quando um ferimento mais grave fez infeção e demorou a cicatrizar.

Entre os ralhetes do pai e os consolos da mãe, o Martim andava triste. Queria jogar, só pensava nisso.

Um dia, o avô foi buscá-lo à escola. O Martim ficou muito feliz com a surpresa. Ele sabia o que se passava com o neto, por isso, levou-o até ao parque da cidade e sentaram-se a lanchar numa das mesas no meio do arvoredo.

— Sabes, Martim, és igual ao teu pai. Ele também adorava jogar futebol.

— A sério? Então por que não me deixa jogar? O avô baixou a cabeça, franziu o sobrolho e confessou:

**«De cada vez
que o pai o
ia esperar,
encolhia-se
todo, pois
receava novo
castigo.»**

— Eu não o deixava jogar, porque andava sempre a magoar-se. Se reparares, tem as pernas e os braços cheios de cicatrizes.

— Ele tem muitos pelos, não dá para ver bem...

— disse o Martim, fazendo uma careta.

O avô riu-se.

— Tens razão, mas garanto-te que tem. Tal como acontece contigo — constatou, fazendo-lhe uma festinha nos braços —, cada cicatriz tem uma história para contar e significa que a dor foi ultrapassada, que andava a divertir-se quando se magoou, que tinha amigos... Cada cicatriz é uma vitória.

O Martim observou os braços e as pernas. Sabia bem como se tinha magoado, esquecera a dor, mas não a diversão, a emoção do jogo, o colega que fintara, o golo que marcara... O avô tinha razão, cada cicatriz guardava uma história.

— Avô, eu quero continuar a jogar. Podes pedir ao pai?

— Acho que encontrei a solução — disse, com um grande sorriso, entregando-lhe um saco.

O pequeno abriu-o e arregalou os olhos quando nele encontrou: joelheiras, cotoveleiras e luvas. Iria parecer um astronauta, só lhe faltava o capacete, mas não se magoaria com tanta facilidade e estava disposto a tudo. Será que assim o pai o deixaria jogar? O Martim mal podia esperar para saber. O avô não duvidava de que seria o começo de uma outra história.

TUCA – A CANETA MÁGICA

MARIA BRUNO
ESTEVES

Tuca, a caneta com bico roxo, está triste com a ausência de Micas, a menina de olhos cor de mar. Aguarda que ela a segure com delicadeza e, juntas, escrevam histórias incríveis.

Nisto, surge uma presença inesperada: Macarrão, o gato branco com olhos de lince. Salta com suavidade e aterra na secretária.

– Olá, Macarrão. Não esperava ver-te por aqui.

– Vim dar uma espreitadela – responde ele, com um ar de quem sabe mais do que diz.

– Ah, entendi. Tinhas saudades das minhas histórias, não é?

– Claro, Tuca. Adoro uma boa história, em especial se envolver sardinh... quer dizer, aventuras emocionantes.

– Ah, ah! Muito engraçado, mas hoje estou um pouco triste, Macarrão. Sem a Micas por perto, sinto falta de inspiração.

– Não digas isso, as tuas ideias dão vida às histórias – ronrona Macarrão, como se estivesse a afiar as suas palavras.

– Queres ajudar-me a escrever?

– Eu? Escrever? Bem, já ouvi falar de gatos com muitos talentos, mas a escrita não é a minha especialidade. Prefiro caçar ratos de ideias.

– Oh, não te preocupes, Macarrão. Não necessitas escrever, apenas virar as páginas do caderno. És o meu assistente.

– Ah, isso posso fazer. E quem sabe, talvez até dê uns palpites.

– Ótimo! Então vamos começar. Prepara-te para testemunhar o meu talento.

– Estou pronto para surpresas. Mas, por favor, sem histórias sobre gatos aventureiros — acrescenta Macarrão com uma grande gargalhada.

Então, o gato estende a pata e empurra delicadamente a caneta para cima das páginas em branco do caderno. Devagarinho, com esforço, ela levanta-se e, num equilíbrio arriscado, começa a escrever.



Imagem gerada por inteligência artificial

Com o incentivo de Macarrão, Tuca sente-se inspirada.

– Começar é a parte mais difícil – murmura Tuca, enquanto luta para formar as primeiras letras e dar voz às ideias.

– Já em perfeito equilíbrio, começa a escrever a história.

«*Um elefante dançava na rua à chuva...*»

– Que maluqueira! – interrompe Macarrão. – E aviso-te, se essa história do elefante incluir um gato herói, serei forçado a contestar.

– Ah, ah! Prometo manter os gatos fora do enredo.

– Obrigado, Tuca. Mas, posso fazer uma soneca enquanto escreves?

– Claro, desde que vires as páginas no momento certo. Não podemos parar a história a meio, não é?

– Entendido, chefe! Estou no comando da viradela de páginas. Nada me escapa.

Apesar da interrupção de Macarrão, Tuca continua a escrever entusiasmada, a escrever... O ➤

gato, sempre atento, abre um olho, estica a pata... e zás, vira a folha do caderno. Os olhos de lince brilham enquanto vira as páginas. Sente-se um verdadeiro herói.

De repente, ouvem um som estranho vindo do caderno. Intrigados, observam uma pequena figura a surgir da tinta ainda molhada.

– Quem és tu? – pergunta Tuca, curiosa.

– Sou o Pipo, um viajante do universo em busca de aventuras. Posso juntar-me a vocês?

Tuca e Macarrão trocam olhares animados e sorriem.

— Claro que sim, Pipo. Adoramos novas experiências e tu pareces ser um bom companheiro de aventuras — responde Macarrão, entusiasmado.

— Vai ser incrível — diz Tuca. — Vamos descobrir muitas coisas juntos.

No instante seguinte, Tuca começa a brilhar com intensidade e as palavras escritas no caderno ganham vida própria. Uma luz suave envolve Tuca, Macarrão e Pipo e, por magia, são transportados para dentro da história.

– Uau! Onde estamos? – pergunta Pipo, ao olhar ao redor.

– Ohhh! Estamos numa floresta encantada – diz Tuca, surpreendida.

– Vamos! – diz Macarrão, com um brilho nos olhos.

Juntos, caminham pela floresta. Nisto, ouvem um som que parece a voz de uma senhora idosa. Parados, olham ao redor, mas não veem ninguém.

– Podem ajudar-me a encontrar a minha semente mágica? – pede Faia, a imponente árvore com uma grande copa e folhas muito verdes.

Os três amigos aproximam-se da árvore, ainda intrigados.

– Quem está aí? – pergunta Tuca, um pouco hesitante.

– Parece alguém a chamar por ajuda – responde Macarrão, com as orelhas em pé e os olhos de lince atentos a cada movimento.

– Sou eu, Faia, a árvore mais antiga desta floresta – responde a voz, agora claramente vindo da imponente árvore à sua frente.

– Uma árvore falante! – exclama Pipo, com os olhos arregalados.

– Sim, e preciso da vossa ajuda. O vento travesso roubou a semente mágica e sem ela não posso continuar a proteger esta floresta.

– Claro, senhora Faia! – diz Tuca, cheia de determinação. – Nós vamos procurar.

Macarrão, curioso, sobe às árvores e verifica as folhas uma a uma.

De repente, Pipo vê algo brilhar.

– Está aqui a semente! – grita Pipo. – Estava presa entre as folhas de um alecrim.

– Obrigada, amigos. Sem sementes não crescem novas árvores e a floresta desaparece – informa a velha Faia.

Tuca, Macarrão e Pipo sorriem, felizes por terem ajudado.

– Debaixo da minha casca está um sulco onde guardo um mapa mágico – diz Faia. – Ofereço-vos como agradecimento pela vossa ajuda. Mas cuidado, pois o mapa leva a lugares cheios de mistérios e desafios.

Tuca pega no mapa e sente a magia entre as suas mãos. Os três amigos preparam-se para a próxima aventura, sem saberem as surpresas e os desafios que os aguardam.

O mapa leva-os ao próximo destino, um labirinto submarino. Mergulham nas profundezas do oceano, onde a luz solar se transforma em suaves raios azulados.

Ao seu redor, encontram criaturas marinhas misteriosas que os desafiam a provar a sua

coragem e astúcia. Os murmúrios do oceano criam uma melodia tranquila e enigmática. — Este lugar é incrível! — diz Macarrão, enquanto nada ao lado de peixes coloridos que brilham como arco-íris no azul profundo. — E estas criaturas são tão amigáveis! — acrescenta Pipo, enquanto um polvo simpático lhe acena com todos os braços e as suas ventosas fazem pequenos estalidos na água. A cada curva do labirinto, descobrem novas maravilhas, desde cavernas cobertas de corais luminosos a cardumes de peixes que se movem em perfeita harmonia.

Com Pipo ao seu lado, Tuca e Macarrão descobrem que a imaginação não tem limites; juntos, podem criar aventuras inacreditáveis. E assim, continuam, página após página, a encher o mundo com magia, cor e alegria. Quando acabam de escrever a última aventura, os três amigos sentem-se felizes com as histórias que criaram e as aventuras vividas.

Então, uma luz mágica envolve o caderno e transporta-os de volta ao mundo real.

– Uau, que viagem incrível! – exclama Pipo, radiante.

– Sim, foi uma jornada inesquecível – concorda Tuca.

Macarrão solta um miau de satisfação e aconchega-se entre os amigos. Pipo, de sorriso travesso, sente-se em casa, sempre pronto para mais aventuras com os novos amigos.

– Macarrão, sei que és um gato cheio de mistérios. Mas acredita, nenhum mistério é tão fascinante quanto a nossa amizade – diz Pipo.

Nesse momento, Micas volta para casa. Quando entra no quarto, fica surpreendida por ver a sua caneta de bico roxo a escrever sozinha com a colaboração do gato Macarrão e de um novo companheiro. O coração de tinta de Tuca dá um salto de alegria ao ver a amiga.

– Micas! – exclama Tuca.

A menina sorri ao ver a cena encantadora.

Curiosa e maravilhada, aproxima-se da secretária, sentindo a magia no ar.

**«O mapa leva-
-os ao próximo
destino, um
labirinto
submarino.
Mergulham nas
profundezas do
oceano, onde
a luz solar se
transforma em
suaves raios
azulados.»**

– Tuca, adoro as histórias que nos levam para lugares mágicos. É como se viajássemos sem sair do lugar!

Emocionada com a felicidade de Tuca, Macarrão e Pipo, Micas envolve os três num grande abraço. De seguida, com um gesto cuidadoso, pega no caderno e fecha-o com delicadeza.

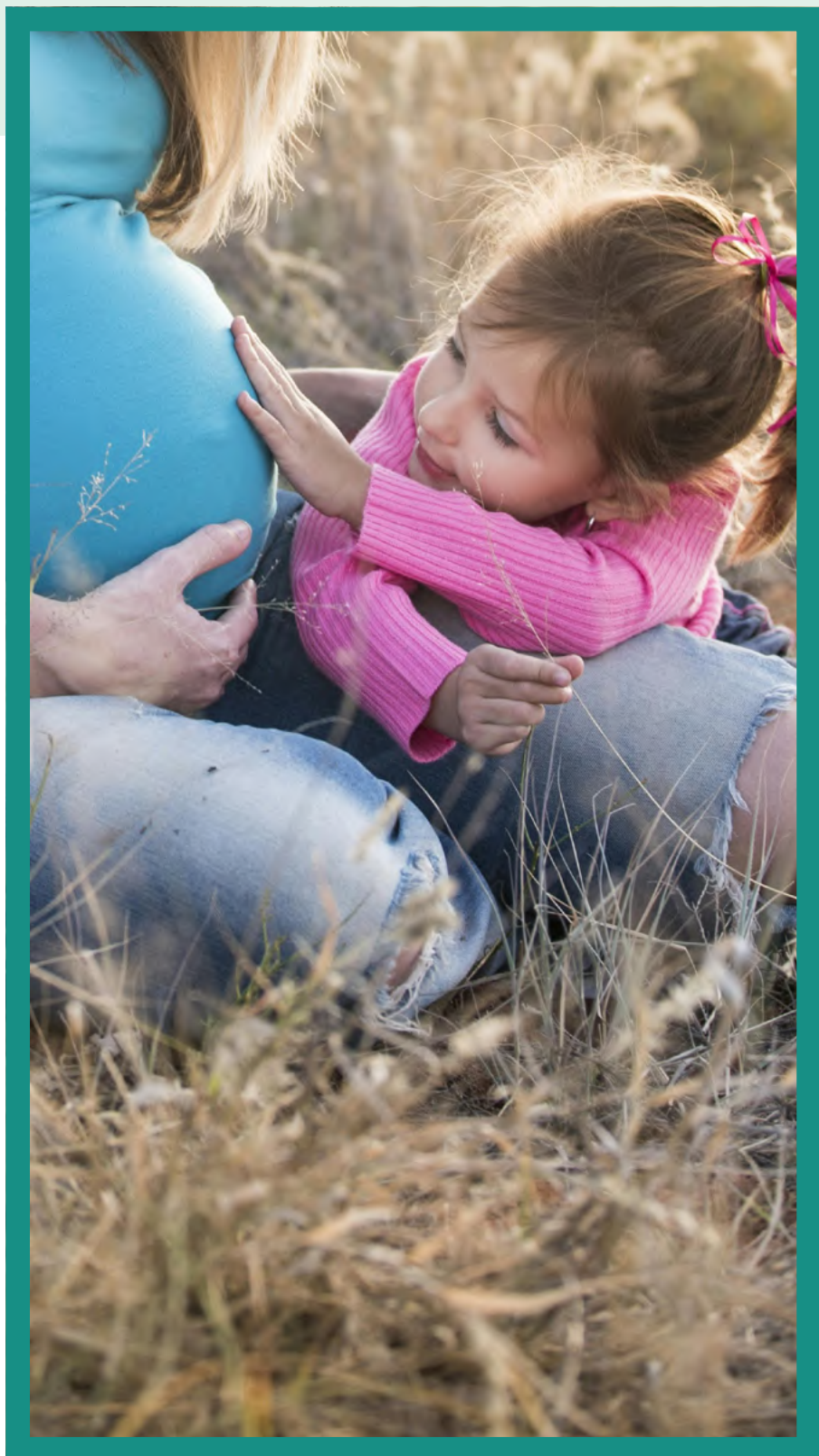
– A verdadeira aventura está na partilha com os amigos – acrescenta Micas.

Só o tempo dirá, mas uma coisa é certa: com Tuca, a caneta mágica, o mundo das histórias nunca mais será o mesmo. Acima de tudo, eles sabem que a amizade é a maior magia de todas.

A FLOR DE ROSA

SIMONE
MOURÃO

Quando a minha irmã mais velha, a Rosa, nos disse que já não era um corpo só, a cozinha ficou de pernas para o ar. Primeiro, os crescidos desocuparam os lugares, deixando a sobremesa na travessa da amargura. Depois, a tristeza sentou-se para comer. Mas tristeza não gosta de doce, então, o pobre gelado de chocolate, esquecido no centro da mesa, desfez-se em lágrimas castanhas. Restou apenas o sabor aborrecido do gelado a derreter, o cheiro a mesa abandonada à pressa. Sem entender porquê, decidi copiar os movimentos dos adultos, levantei-me da cadeira com os ombros encolhidos. Infeliz da vida, fui para a sala com a barriga vazia de doce, a dar pontapés nas pantufas.



Sentada no sofá, à espera de alguma brincadeira, estava a Maria-de-Pano, a boneca feita de tecido fofinho, a mais linda de todas as bonecas de pano que vivia no meu armário. Deu-ma a Rosa no Natal passado. As minhas amigas riram-se. *É brinquedo de criança!* Pois, conto nove anos nos dedos, por acaso, ainda sou uma criança do tipo criança, gosto de bonecas de pano, principalmente, das que possuem um sorriso pintado na cara.

A Maria-de-Pano sorri com a boca fechada. Não fala, eu falo por ela, mas vê e ouve tudo o que se passa no universo da casa. Naquela noite, viu e ouviu os sapatos dos adultos a riscarem o chão de madeira, de um lado para o outro, como se fossem patins de gelo. É verdade, os nervos andavam à mostra, a tremelicar como se estivessem com frio, notava-se de longe. A minha mãe apertava as mãos contra o peito, o meu pai levava as mãos à cabeça, a minha avó repetia palavras minúsculas, enquanto olhava para o nada e segurava um fio com bolas pequenas e brilhantes, o fio que costuma levar para a igreja aos domingos. Tanta coisa por causa de umas palavras ditas pela Rosa. Que exagero.

As bolinhas coloridas do fio da avó são iguais às missangas do meu colar preferido. Perdi-o num dia qualquer, num lugar não sei onde. Adorava-o, mas não gosto do fio da avó. Cheira a febre, a dor de garganta, a falta de sossego, a coisa complicada, dessas que os adultos preferem não explicar, mesmo quando insisto em perguntar: — A Rosa vai ter um bebé?

Apenas o silêncio e vento, a entrar pelas frestas das janelas, tentaram sussurrar-me qualquer coisa. Não consegui decifrar. Então, comecei a falar para a minha própria cabeça. Vejamos. A minha irmã saiu de casa aos dezoito anos completos, pois preferiu morar sem companhia. Agora, aos vinte e dois incompletos, diz que deixou de ser um corpo só. Se ela assim o diz, é porque existe "outro alguém" a viver no corpo da Rosa. Ora, esse "outro alguém" deve ser um bebé, pois os bebés crescem dentro das barrigas das mães e começam a viver com elas. Quero dizer, dois corações passam a morar no mesmo corpo. Este

«Apenas o silêncio e vento, a entrar pelas frestas das janelas, tentaram sussurrar-me qualquer coisa. Não consegui decifrar. Então, comecei a falar para a minha própria cabeça. Vejamos. A minha irmã saiu de casa aos dezoito anos completos, pois preferiu morar sem companhia.»

corpo, agora acompanhado, deixa de ser um corpo só. Simples assim. Estás a compreender? Como sei disto? O livro explicou-me. A mãe deu-mo. Certas perguntas complicadas andavam às voltas da mãe, a chatear-lhe a cabeça. Eu queria saber de onde vim, como nasci, por onde sai o ovo da galinha. O livro respondeu-me. Pensando bem, aquilo da Rosa não podia ser um bebé. O avô costumava dizer que a tristeza é a mãe do choro. O bebé, sendo o filho da alegria, não pode ser a mãe das choradeiras. Ou pode? A pensar nas perguntas sem respostas, levei a boneca para a cama mais cedo do que era costume. Em seguida, deitei a minha cabeça em cima da almofada. Enquanto o sono não me

» segurava pelos pés, voei até às nuvens, deixei-me estar no meio delas, a matutar. Neste vai e não volta, o pensamento quase adormeceu por lá. Então, o medo pequenino aproximou-se: *a Rosa está doente?*

Tapei os ouvidos com a almofada e desafiei-o, comecei a pensar nos unicórnios, no jogo do "macaquinho do chinês", nas "apanhadas", empurrei o pensamento para adiante, para que

«Um belo dia, a Rosa disse-me que as plantas estavam com sede. Ela adorava cuidar do quintal, cheirar as rosas do jardim. Mas a barriga, enorme, tão cheia de cor, redonda como o sol nos dias de verão, já não lhe deixava fazer certas coisas. Fiz por ela. Dei água às flores.»

corresse, pois "se o pensamento permanecer parado, o medo cresce", diz a mãe quando o vê aproximar-se de mim. Cheguei a ficar com medo de que o medo tomasse conta do quarto inteiro. Mas, felizmente, ele desapareceu no mesmo instante em que o pensamento começou a esticar as asas, já ia longe quando compreendi tudo. Ou quase tudo. Havia uma-qualquer-outra-coisa a ocupar espaço, a teimar em crescer dentro da barriga da Rosa. Mas o que?

—Não vai haver casamento? O corpo aos pecados. Isso é a semente do pecado!

—Não diga isso, mãe.

Foi o que eu ouvi, certo dia, sem querer. Estava a passear pelo corredor, à procura do que fazer. De repente, a porta do quarto da Rosa abriu-se. Primeiro, saiu a voz da mãe, sozinha, separada do corpo, a deixar fugir algumas palavras. Depois, veio a da minha irmã, a cortar o que lhe saía da boca. Por fim, as duas vozes tentaram aprisionar letra por letra, mas já era tarde. Leves, soltas, as palavras entraram direitinhas na minha cabeça.

Ai, as malandras causavam comichão nos ouvidos. Semente, eu sabia o que era, por isso mesmo, fazia-me confusão as lágrimas do pai. Um crescido a perder-se no meio da choradeira só porque a filha achou por bem plantar uma semente do pecado dentro dela própria. Plantar vidas não é fazer o bem? Mas, e se não foi a Rosa a plantá-la? Então quem foi? De que forma iria sair? Cortar-lhe-iam a barriga para tirá-la de lá? Uma coisa era certa, eu não fazia a mínima ideia do que se tratava. Também não conseguia libertar o pensamento dele, do tal do pecado. Alguém um dia o viu? Tem cara, olhos, nariz, boca de gente? Por vezes, diz o que não deve? É pena. Podia ser uma bebé, digo, uma menina. Dava-me jeito uma sobrinha. Olha, que engraçado, ser tia do pecado. Ser tia é sempre bom, não é? Deve ser.

Dia após dia, fui tentando encaixar as peças do puzzle abandonadas pelos cantos da casa. Esta-va difícil resolver o mistério, a Maria-de-Pano às vezes ajudava, mas eu precisava de algo como... a minha lupa de investigadora!

Deu-me imenso jeito, comecei a observar a bar-riga ao pormenor. Crescia demasiado depressa, tal e qual acontecera com a Rosa. Ainda ontem me pegava ao colo e brincava às escondidas, agora, ando desacompanhada, à vista de todos, a procurar pistas não sei do quê.

Mas o "pecado" dobrava de tamanho a cada dia, como o bolo da avó dentro do forno. Não satisfeito, fazia a Rosa devorar tudo o que via pela frente. Pior, a comida apanhava o caminho inverso com igual velocidade, mal dava tempo de a coitada correr para a casa de banho. Uma cena assustadora. É melhor saltar esta parte e ir direta à minha fantástica descoberta.

Um belo dia, a Rosa disse-me que as plan-tas estavam com sede. Ela adorava cuidar do quintal, cheirar as rosas do jardim. Mas a barriga, enorme, tão cheia de cor, redon-da como o sol nos dias de verão, já não lhe deixava fazer certas coisas. Fiz por ela. Dei água às flores. O impressionante veio a seguir, palavras começaram a brotar na minha cabe-ça. Palavras iam nascendo, uma atrás da outra. Juntei-as, plantas, rosas, sementes. Estava tudo dito. De tanto cheirar as flores, a Rosa respirou, sem querer, uma semente, dessas que o vento carrega pelo ar. Quero dizer, a Rosa guardava dentro da barriga uma semen-te de flor. Desatei a correr, não via a hora de partilhar a minha descoberta.

Caí no vazio. Ninguém me emprestou um único ouvido. Repetiam a mesma cantiga. "o pecado do corpo", "o corpo aos pecados". Definitiva-mente, não conseguia compreender. Será que todo o crescido é assim, troca palavras, esque-ce-se de ser quem é? Ser adulto deve ser uma chatice. É o que eu acho. A certeza não tenho, nunca fui adulta.

Também não tinha certeza sobre aquilo que crescia na barriga da Rosa. As perguntas perma-neceram sem respostas até à noite do aconte-cimento. De súbito, fui acordada pela correria.

Esfreguei os olhos, calcei as pantufas, segui pelo corredor a tocar na escuridão, a contar os passos no chão invisível. Finalmente, alcancei o quarto da Rosa.

A cama parecia uma ilha, cercada de água por todos os lados. Ouvi vozes como se estivessem a fugir do interior da casa. Corri e abri a porta da rua. A minha irmã estava dentro do carro, em companhia do pai e da mãe. A avó abraçou-me assim que me viu, chorava e sorria ao mesmo tempo. Pelos vistos, a alegria também é mãe do choro. Soube disto naquele instante.

A vontade de querer saber de todas as outras coisas deu-me uma comichão valente, quis coçar-me dos pés à cabeça, tentei perguntar à avó sobre aquilo que me deixava o corpo impa-ciente. Na última hora, escondi a curiosidade, sei bem o que aconteceu ao Cusco, o gato de com-panhia do meu primo, o Tó Zé. A curiosidade tirou-lhe as sete vidas, disseram. Pelo sim, pelo não, afastei-a do pensamento, afinal, saber do acontecido era questão de tempo, mais cedo ou mais tarde.

Soube mais tarde. No dia a seguir. A avó levou-me ao hospital para ver a Rosa. A Maria-de-Pano foi comigo. Tentei arranjar-lhe as tranças umas quantas vezes. Não sabia o que fazer com as mãos.

Por encanto, a porta do quarto abriu-se.

— Mas...é uma bebé!

— E deveria ser o quê?

— A-Flor-de-Rosa.

Expliquei. Choraram, depois riram-se. Fiquei sem perceber se eles compreenderam ou não, se entenderam metade da história. Percebi que deixaram de falar no tal do "pecado", ainda bem. Via-se mal, a bebé, de tão tapada que estava. Os bebés precisam de estar protegidos do frio, são frágeis como as plantas de estufa, dizem. Aproximei-me. Cheirava a flor acabada de nas-cer, a perfume de jardim de primavera. Tinha as bochechas pintadas de um rosa tão cor-de-rosa como as pétalas das flores que a minha irmã tan-to adora. Os bebés são todos lindos, não é ver-dade? É. Porém, as flores não são todas iguais. A bebé, a minha sobrinha, é diferente, é especial. Para mim, é, e sempre será, a-Flor-de-Rosa.

O MEU AVÔ DEVE ANDAR POR AÍ

SUSEL
PEREIRA GASPAR

Um dia, o avô desapareceu. Não se despediu de mim nem de ninguém.

Nunca mais veio a minha casa. Nunca mais fez caminhadas matinais. Nunca mais me recebeu no seu portão, de braços abertos e com um *estás cada vez mais crescendo, rapaz*, enquanto me despenteava com uma das mãos.

Na casa do meu avô, agora, moram outras pessoas, as janelas já não têm cortinas de renda e as sardinheiras dos alegretes secaram.

Sei que adora passear, devagar, a assobiar baixinho e a olhar para os barcos no rio, mas não me ocorre onde possa ter ido.

Talvez tenha decidido partir num dos navios que por aqui passam, daqueles grandes que vão diminuindo de tamanho, até serem um simples ponto que se esvanece no horizonte.

Talvez se tenha perdido na melodia do seu assobio ou ido atrás de um sonho de menino.

No entanto, não acredito nisso.

Há uns dias, quando pedalava numa subida muito íngreme, pareceu-me que o meu avô estava ali, a dizer *força, rapaz*. Era assim que costumava fazer, quando me ensinou a andar de bicicleta.

Esta semana, tropecei na calçada da minha rua e esfolei um braço.

Estava a começar a choramingar, mas depois quase senti um beijinho do meu avô, mesmo em cima da ferida. Era o que fazia, quando eu me magoava, para a dor passar num instante.

Ainda hoje, estava sem coragem de convidar a Maria para brincar, quando tive a sensação de ouvir a voz do meu avô a dizer-me *tu consegues*. Era desta maneira que ele me encorajava quando me sentia envergonhado.

Por isso, desconfio que o meu avô deve andar por aí, bem perto de mim.

Aposto que está refastelado na sua poltrona castanha, com um olho no jornal e outro em mim, bem no centro do meu coração.



A COROA DO REI

TERESA
DANGERFIELD

O Conselheiro real, um homem idoso sempre sensato nos conselhos dados ao longo da sua vida, observava o monarca com uma mistura de preocupação e paciência. Achava natural ele estar nervoso, pois aproximava-se o dia da coroação. Viera lembrá- -lo disso mesmo.

— Vossa Majestade parece-me não estar muito feliz com a ideia de usar a coroa que pertenceu ao seu falecido pai e a outros seus antepassados, mas... — disse, quase em segredo.

O rei interrompeu-o colocando-lhe a mão à frente, num gesto de desagrado.

— Não é nada disso! Não venhas com a conversa de tradição, simbolismo e sei lá mais o quê. Essa coroa não é adequada para mim.

— Mas, Vossa Majestade, esta cerimónia é muito importante para os seus súbditos. Que diria o rei seu pai?

— Não quero ouvir mais!

Dizendo isto, o rei apontou para a porta de saída dos seus aposentos e o Conselheiro saiu, cabisbaixo.

O monarca começou a andar de um lado para o outro, muito agitado. O manto de veludo adornado de bordados arrastava-lhe pelo chão. Quase tropeçava. O suor escorria-lhe pelas mangas largas e compridas da túnica de seda. Deitava as mãos à cabeça, despenteando os finos caracóis longos e alourados.

— Não pode ser, NUNCA irei usá-la no dia da coroação. Afinal, sou o rei. Eu decido — vociferou, batendo com um punho na mesa mais próxima.



Imagem gerada por inteligência artificial

Exausto, sentou-se na cadeira de espaldar alto. Limpou o suor da testa e mandou chamar o camareiro-mor. Este chegou daí a pouco, fazendo uma vénia. Acompanhava-o desde pequeno e estava habituado às suas teimosias.

— Vossa Alteza Real parece não estar bem. Não será melhor chamar o físico-mor?

— Não preciso de físicos. Preciso de auxílio num assunto urgentíssimo.

Esperam que, no dia da coroação, coloque na minha cabeça a coroa usada por meu pai, meu

avô e outros antes dele. Mas eu NÃO QUERO, é muito **PESADA**.

— Vossa Majestade tem a certeza?

— Que disseste? Como ousas contrariar-me?

— Perdoe-me, Vossa Majestade. Estava a pensar no dia da coroação de seu pai. Lembro-me da sua cara quando pegou na coroa. Ainda era criança.

— Era criança e agora sou adulto! E sei bem como é pesada. Há outras coroas. Por que razão não posso escolher outra?

— Eu... >

» — Chega! Não quero aquela 'coisa' na minha cabeça e não vale a pena tentares convencer-me. Tens três semanas para arranjar uma coroa igualzinha, mas mais leve. E penso não ser preciso lembrar-te: tem de ser tudo feito em segredo. Sabes bem quais os castigos por traição.

**«O monarca
começou a andar
de um lado
para o outro,
muito agitado.
O manto de
veludo adornado
de bordados
arrastava-lhe
pelo chão. Quase
tropeçava. O
suor escorria-
-lhe pelas
mangas largas
e compridas da
túnica de seda.»**

Agora era o camareiro-mor quem transpirava. Aquele pedido era demais para os seus préstimos. Onde iria arranjar uma coroa igualzinha, mas mais leve?

Já faltava pouco para o dia da coroação. O rei queria dar a maior festa jamais vista naquele reino. As ruas estavam a ser decoradas com estandartes e bandeiras coloridas. Em breve chegariam alguns dos convidados de outros países. O seu pedido era mesmo urgente.

Estava quase a findar a primeira semana e o camareiro-mor não dava notícias. Até que pediu audiência ao rei. Trazia numa bandeja um volume coberto com um pano de veludo.

— Vossa Majestade, consegui que fizessem esta coroa em papel, melhor, *papier-maché*. Como vê, parece real — disse, mostrando-a ao rei. — As joias são verdadeiras, pois falei com o ourives e pedi-lhe rubis e safiras.

— De papel? Não pensaste que pode chover! Que patetice!

— Mas... Vossa Majestade irá no coche real!

— Não me contraries! Depois da coroação tenciono ir a pé pelas ruas, para cumprimentar os meus súbditos. Leva esse objeto daqui para fora e que ninguém saiba disto! Rápido! Tens duas semanas para resolver o assunto!

O camareiro-mor estava a ficar desesperado. Pensou numa coroa de tecido — afinal as coroas estão forradas com tecidos. Mas também se podia molhar. Não era boa ideia. E de prata dourada? Também seria pesada.

Depois de muito pensar, no meio da segunda semana, pediu de novo audiência ao rei. Apresentou-lhe uma nova coroa.

— Vossa Majestade. Esta é feita de madeira. Ninguém diria. Encontrei um marceneiro que faz milagres. Veja como parece de ouro!

— De madeira? E se estiver calor? A madeira pode expandir. E se rachar? Até pode pegar fogo! Que ridículo! Como foste pensar numa coisa dessas? Tens mais uma semana. Arranja solução, senão arranjo eu uma para ti!

O camareiro-mor sentiu as pernas como gelatina. Saiu a correr. Estava sem ideias. Chegou a última semana e o rei estava cada vez mais impaciente. Falava alto, passava muito tempo a andar de um lado para o outro e até deixara de dar os seus habituais passeios a cavalo. Ouviam-se rumores de que deveria estar doente.

Até que... faltavam três dias para acabar a semana, o camareiro-mor voltou a pedir audiência ao rei.

— Vossa Majestade. Não posso dizer quem fez esta coroa, pois é segredo, mas veja lá se não é tal e qual a sua. E não é pesada! Experimente-a. O dia marcado para a coroação estava mesmo a chegar. O rei não tinha grande escolha, mas deu razão ao camareiro-mor. Colocou a coroa e suspirou. O seu desejo fora satisfeito. Bom, pelo menos assim pensava.

Quando chegou o grande dia, foi coroado. Seguindo a tradição, passou pelas ruas no coche adornado com brasões da família, puxado por quatro cavalos, fortes e bem treinados. Encheu-se de alegria quando ouviu a multidão gritar 'Viva o Rei! Porém, quando se lembrou da decisão de ir a pé saudar todos, sentiu um nó na garganta. Quis voltar ao palácio e mandou chamar o camareiro-mor.

— Traz-me a coroa usada por meu pai e por outros antes dele — pediu.

O camareiro-mor ajoelhou-se, juntou as mãos temendo o pior e disse:

— Vossa Majestade perdoe-me, essa coroa está na cabeça de Vossa Majestade!

«Quando chegou o grande dia, foi coroado. Seguindo a tradição, passou pelas ruas no coche adornado com brasões da família, puxado por quatro cavalos, fortes e bem treinados. Encheu-se de alegria quando ouviu a multidão gritar 'Viva o Rei! Porém, quando se lembrou da decisão de ir a pé saudar todos, sentiu um nó na garganta.»

O rei fitou-o com os seus profundos olhos verde-esmeralda, ao mesmo tempo zangado, envergonhado e agradecido. Colocou-lhe uma mão num ombro e disse:

— Não há nada a perdoar! Fizeste o teu melhor. Levanta-te! Vamos festejar!

Naquele momento, a coroa parecia brilhar como as estrelas. O rei voltou à rua, desta vez sorrindo, feliz por manter a tradição.

Conforme prometido, a festa da sua coroação foi a melhor jamais realizada. Assim ficou registado pelos cronistas reais.



Luís Aguiar nasceu em Oliveira de Azeméis, em 1979. Vive há duas décadas em Águeda. Em 2018 obteve o grau de Mestre em Línguas e Relações Empresariais ao terminar o curso com a dissertação "«A Escalada do Dragão» e a Nova Rota da Seda – A China em Portugal. Que futuro?", dissertação que incide sobre a crescente presença da China em Portugal, e que evidencia o substancial aumento de investidores chineses em diferentes segmentos e setores de mercado em Portugal.

A sua educação artística estende-se a vários domínios, estudou música clássica no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Aveiro; guitarra portuguesa na Escola de Fado de Coimbra; guitarra eléctrica e acústica na GuilhermeGuitarCenter, em São João da Madeira e fotografia no Centro de artes de São João da Madeira. Em 2021 venceu a 3.ª Bienal de Arte da Vila de Fânzeres, na área de fotografia, e em 2023, uma Menção Honrosa no Concurso de

Fotografia "Entrelinhas – Festa do Ferroviário", na categoria "Infraestruturas", concurso de âmbito nacional promovido pelo Município de Valongo.

Ao nível desportivo é atleta federado de Karaté Shotokan, onde desenvolve a prática no Núcleo de Karaté de Sangalhos (NKS), sendo, em 2023, 1.º Kyu (cinto castanho).

Praticou Karaté Goju-Ryu na Associação Portuguesa de Okinawa Goju-Ryu Karate Do (APOGK) até 2020, tendo obtido, ao nível de graduação, o 3.º Kyu (cinto castanho). Ao nível profissional, Luís Aguiar é *Supply Chain Manager* na Loja do Shampoo (Onlifarma Unip. Lda), um dos maiores *players* portugueses, empresa de prestígio que se dedica à venda online de marcas de produtos de *haircare*, perfumaria, cosméticos e bem-estar.

No que diz respeito à sua experiência com a literatura, Luís Aguiar, em 2023, foi jurado do Prémio Nacional de Poesia da Vila de Fânzeres. É, também, jurado do Concurso de Poesia Agostinho Gomes, desde 2020.

Foi coordenador da antologia «São Cravos, 50 Anos de Abril, 100 Poemas», colectânea publicada pela Editora Labirinto, em Abril de 2024, alusiva às comemorações dos 50 anos da Revolução dos Cravos.

Foi colaborador assíduo do Diários de Notícias (DN Jovem), suplemento cultural onde publicou dezenas de poemas, entre 2001 e 2007.

Dedica-se à poesia desde 1999, tem poemas dispersos por antologias e revistas literárias. Tem catorze livros de poesia publicados até 2023.

Foi galardoado em dezenas de prémios literários de índole nacional e internacional desde 1999. Entre estes destacam-se o Prémio de PoesiaPlural (2023); Prémio Literário Manuel Maria Barbosa du Bocage (2022); Prémio Literário Pedro da Fonseca (2022); Prémio Literário Cidade de Almada (2021); Finalista do *Premio Internacional de Poesía Jovellanos – El Mejor Poema del Mundo – Ediciones Nobel* (2021); Prémio Literário Mariano Calado (2021); Prémio Nacional de Poesia da Vila de Fânzeres (2019); Prémio de Poesia Judith Teixeira (2017); 2.º lugar no Prémio Internacional Sepé Tiaraju de Poesia Ibero-Americana – Brasil (2009); Prémio Literário São Domingos de Gusmão (2007); Menção Honrosa no Prémio Literário Florbela Espanca (2007); Prémio Literário Afonso Lopes Vieira (2006); Prémio Nacional de Poesia Idanha-a-Nova – 800 anos (2006); 1.º lugar no *Premio del Concorso Internazionale di Poesia Castello di Duino – Trieste, Itália* (2005); Prémio Nacional de Literatura Juvenil Ferreira de Castro (2000).

Ergo-me, imaturo, da prisão do mundo. Confesso que gostaria de saber sorrir. Não sei, a minha perspicácia é anónima. Escuto o vento que desliza pelo teu corpo curvado, bem sei que tem o nome de uma colina, bem sei que tem o sabor de um figo maduro – ditongo negro, longo, que aflige o ventre essencial.

Não me arrependo de ter colhido a melancolia na liberdade expatriada, impelida pela fragilidade da noite. As mães não têm hora de escrever.

Não há esforço que provenha dos deuses, embora os sinais indiquem que há sempre uma luz que deforma a outra luz até à escuridão, a mesma que destitui, que desprende o que é antigo, que afirma, enfim, a dureza da infância e o desejo mais precioso.

Talvez seja esta a indulgência do segredo. Sim, sim, já que é o amor que sombreia o absoluto abandono – delidas lágrimas que se escondem nas searas longínquas. ➤



Entrego-te a derradeira confiança numa carta vazia –
quero a nudez da tua carne para sorver nela o verso puro,
cheio de significado, transparente, rasgado na orla da rosa –
assim eu nasci,
pequena metáfora que se renovou perante a aquiescência da luz,
enquanto a madrugada vasculhava outro tipo de margem,
lívida e ígnea porta – belíssima perante o mundo –,
mundo esse que admito, agora, ter a cor de uma hortênsia.

Não falo para os miseráveis,
as ruas de alcatrão são ambíguas, amarelas,
pelo menos as que eu perscrutei na tua voz
onde a ciência se adensa.

As horas passaram devagar
e as putas foram-se renovando com o fumo dos bares.

Não compreendo a razão de Deus ainda me cumprimentar –
o poeta, o filho da puta do poeta,
será sempre velho e risível perante o esperma divino.

Com o tempo a morte anunciará a ausência da luz.
Este será o cancioneiro dos cães vadios, a balada das casas amarelecidas,
já que tudo cabe numa ferida, e as feridas são, certamente,
rumorosos sangues,
inscritos nas veias dos homens tão cheios de solidão,
homens que procuravam nas montras as giestas amargas,
e a capacidade de abrir o vento, em compasso ternário,
frio vento, brando, que nos mede a língua e a linguagem das volantes cidades,
onde só há prédios devolutos, e crianças perdidas
com fome nos olhos e no espírito,
enquanto Gregory Porter, audaz, soletrava séculos disformes na voz.

Um dia, hão-de insinuar que a vida era um violento sol, pouco nítido,
mas que rompia o lençol das nuvens e a transparência da água,
a mesma que principiava o estio nas extensas agras ainda por **lavar.**

IMPÚDICAS VONTADES

AGOSTINHA
PÓPULO

Impúdicas vontades se impõem
à minha bem-querença
pelo teu corpo esquálido, delgado
onde aporto freneticamente o meu sangue
através das veias, artérias e capilares
sempre que nos esventramos simbioticamente
com as armas que a líbido legitimamente nos confere
em manifestas loucuras e delícias
em exacerbado arroubo e absoluta **entrega.**



POEMA SEM PECADO

ALEXANDRA
FERREIRA

— **Senhor** padre, que dizeis?!

Eu não sou uma pecadora.

— Deu o seu corpo à luxúria

A cada êxtase gozado.

— Senhor padre, eu não pequei,

Meu marido muito ameí.

— Deu o seu corpo ao excesso

Com sua gula voraz.

— Senhor padre, eu não pequei,

Provei o que cozinhei.

— Deu o seu corpo à inveja

Com aromas sensuais.

— Senhor padre, eu não pequei,

Minha casa aromatizei.

— Deu o seu corpo ao orgulho

Exibindo os seios fartos.

— Senhor padre, eu não pequei,

Meus filhos alimentei.



— Deu o seu corpo à preguiça

Com gargalhadas profanas.

— Senhor padre, eu não pequei,

De vida me inebriei.

— Deu o corpo aos pecados,

A sua sina está traçada.

No Inferno vai expiar

Cada regra ultrajada.

— Senhor padre, eu não pequei,

Não poderei ser castigada.

Nada tendes a apontar,

Sou esposa e mãe **dedicada.**

O pecado

Fruto do corpo estilhaçado
Que em mim se demorou,
Tatuado me deixou
O pecado.

Cada ruga, cada vinco
Faz do corpo o meu destino.
Sinto na pele
O pecado.
Como se faltasse um bocado
Do que agora é
Decadente e deformado
Grande e decadente.

E a cada toque
As ondas voluptuosas
Se abirão em sulcos
Sempre que no corpo entrar
O pecado.



Hoje sou pedaços
Neste momento eterno
Em que o corpo me soa a inferno
Escondendo a loucura
Num prazer desmedido
Num descontrolo irrefletido
Do tempo que escorre
Nas sombras discretas
Que ao corpo trouxe
O pecado.

MAIS DO QUE UM PECADO

ANA
RIBEIRO

Seria um pecado não percorrer as curvas do teu templo sagrado sem sequer te olhar nos olhos.
Mais do que um pecado, uma infâmia seria passear-te a céu desimpedido, como se tivesse de recolher do caminho os abrolhos.
Conter o desejo da carícia, para um afago meu no teu corpo não habitar.
Se soubesses a delícia que há em todas as noites contigo, sonhar...
Passear pelas nuvens ardentes do desejo, evocando as serpentes da paixão.
Seria um pecado não percorrer as curvas do teu templo sagrado sem sequer te pegar **na mão.**



SOBERBO DESEJO

ANA
SILVA

Vou de rua em rua,
como a bola no labirinto
num tonto ziguezague.
Não procuro a saída,
sigo o rasto de um perfume
efêmero, volátil
que me submerge
na absurda memória
de uma outra vida
em que tu te abrigavas
nos meus braços.
Vou de rua em rua,
como velho andrajo,
num trôpego passo.
Arrasto o pecado,
soberbo desejo **de ti.**



Onde começa o sopro da vida,
A fonte de onde tudo jorra,
A corrente vivificante, que quando sentida
Abre o olhar para nova obra.

Fará algum sentido
A preocupação, o tempo gasto,
Quando a diferença está no passo vivido,
No mergulhar e nadar no horizonte vasto?

Edificar sem magoar,
Por mais pequena que pareça,
Em caminho, a andar
Ponderando que boa semente aconteça.

Para além da informada vontade,
Por mapa em labor conquistado,
Há navegante liberdade
De fluir, de amar e ser amado.

Sem distinção, nem divisão,
Sem apartar, nem separar,
Apenas a fundida respiração
De, em cada momento, o horizonte **abraçar.**

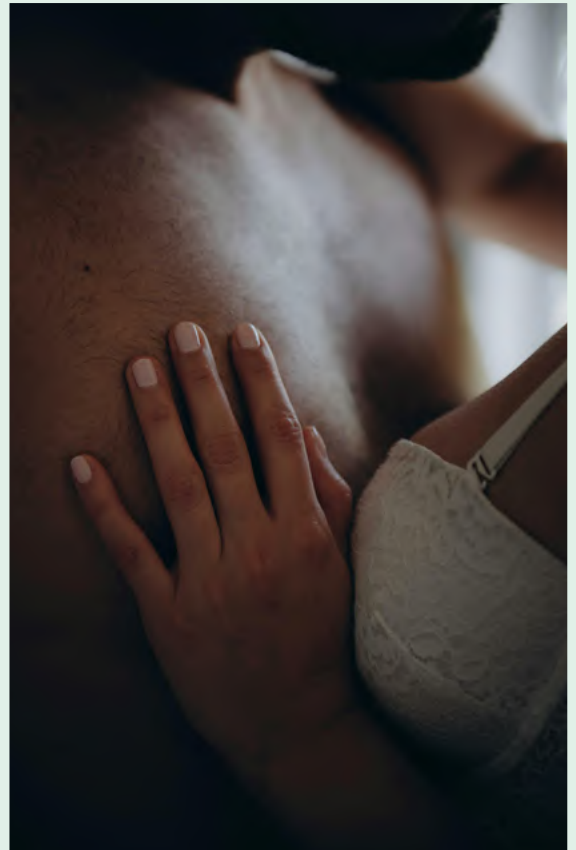


A FISSURA

CLÁUDIA
AZAMBUJO

Na lascívia da carne

Onde pecados se aninham
O corpo é altar de desenhadas tentações
Riscadas a dedos
A dois
Entre sombras e luzes
Entre o prazer desmedido e a entrega em heresia
A alma rodopia sob estranha agonia
É dança quase perfeita
Entre culpa e euforia
Os olhos, escotilhas da luxúria
Abrem-se concupiscentes
Como sementes lançadas ao vento
Com a evidente previsibilidade do intento
Enquanto lábios sorvem o néctar
Bebido em tragos crescentes
As mãos, ferramentas de prazer e pecado
Exploram na pele segredos, sem freio ou cuidado
São cicatrizes de deleite deliciosamente infligidas
O corpo torna-se palco de batalhas sem fim ou início
Entre céu e o abismo
Mas na escuridão dos desejos mais profanos
Há suprema chama de redenção
Que o corpo não seja apenas bocados de pecados
Mas de amor em cada olhar
Em **cada mão**



RESISTENTIA POETICA

O OITAVO PECADO

CLÁUDIA
PASSARINHO

Somos luxúria
uma mão de desejo
pensamentos freudianos de hábitos impulsivos
e a mente mente

Somos gula
untados no ócio,
babados no enjoativo do álcool
e a mente mente

Somos avareza
no dólar pintado e não partilhado
uma barriga de moedas de ouro
e a mente mente

Somos ira
raiva consentida
dentes arreganhados na mágoa
e a mente mente

Somos preguiça
pesada de músculos
da crónica necessidade sedutora
e a mente mente



Somos inveja
derretendo as conquistas
lambendo as feridas da comparação
e a mente mente

Somos soberba
cansados da mediocridade
Perdidos sonhos de chicote na mão
e a mente mente

Somos hipocrisia
viajantes do norte com vento do sul
divisíveis entregues ao oco da decisão
e a mente mente

somos corpo **aos pecados**

CARTA DE ALFORRIA

DULCE
PEREIRA

Cresce grosseiro

O meu medo do escuro.

O corpo tem as suas tiranias!

Cresce grosseiro

E rebenta a vedação

Depois da luta diária

Na arena da perfeição.

Cresce grosseiro,

Afunda-se na carne

Exuberante e profundo

Como uma árvore milenar.

O medo é um carrasco,

Quieto e em sentinela

Pronto a lançar o golpe.

Pressinto perto,

Na planície aberta da noite

O teu coração puro a galope.

Sorrio diante da minha carta de **alforria.**



DE CARNE E OSSO

ELIZABETE
FERNANDES

Em carne e osso, a poesia reside.

Em cada músculo, em cada veia
O corpo, palco das paixões,
Desenha uma teia de emoções,
Onde os pecados dançam em sinfonia,
Em harmonia.

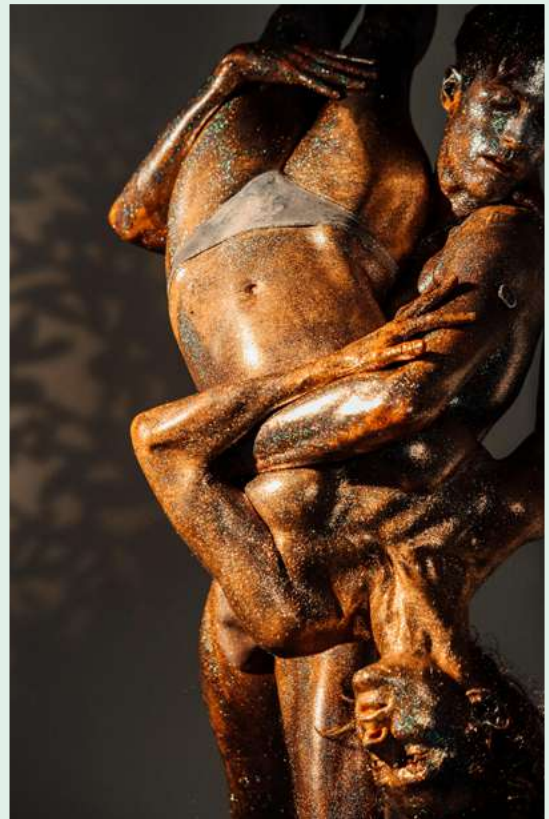
É profundo o orgulho erguido, de músculos firmes,
E o ego revelado em gestos e olhares,
Sublimes.

Com jactância exibem a Luxúria
Que vagueia em arroubos de desejo,
Numa voracidade de Gula insaciável
De cortejo.

Nas marcas indeléveis deixadas pelo caminho,
A Ira irrompe, numa tempestade furiosa,
Onde o corpo fica sozinho
E a consciência silenciosa.

Ele que acende e se rende à solidão,
Que se entrega à paixão.

Mas a Avareza insinua, mesquinha e cega,
Provoca a Inveja
Que se oculta, nua
E afunda na inércia que navega
E flutua.



Foi sempre Preguiça
A nossa casa, corpo e alma,
Um campo de batalha entre o divino e o profano,
Entre luz e trevas num abraço insano.
É eterno o conflito de um corpo dilacerado,
Um poema humano de puro **pecado.**

AS DORES

FILIPE
PITEIRA

Sinto demasiado as dores,
de quem só teve dissabores,
durante dias sem fim.

Mas quando se acabar o papel,
para escrever o que sinto na pele,
o que irá ser de mim?

Já não sou como de início,
em que me dedicava ao ofício,
ao meu único ganha-pão.

E é duro ter de pensar
que daqui a pouco, se calhar,
já me treme demasiado a mão.

Depois de noite quero descansar
mas dormir significa acordar
e de novo encarar o sofrimento.

Quem me dera a mim encontrar
algo que me fizesse aliviar,
as dores e o **desalento.**



SABES QUE PERECEM EM TENDAS

INÊS
DE CARVALHO EUSÉBIO

Sabes que perecem em
tendas

Juntos os corpos eram tantos
Juntas as mãos povoadas de cinza
São nada.

Para onde foram seus membros?
A pele os ossos o cabelo
As unhas sujas de lixo
Exaustas de suplicar pão
A atrocidade da sede
O caos a fome o grande ditame
Da humana podridão.

Não pecarás fazendo imolar corpos
Mas pecarás vendo imolar corpos
Calado impávido **sereno.**



RESISTENTIA POETICA

A PALAVRA FEZ-SE CORPO

ISAURA
CORREIA

A palavra fez-se corpo,
Corpo pensado,
Corpo sentido,
Corpo vivido
Corpo mental, emocional e físico.
Eu sou.

A Palavra fez-se Corpo.

Dualidade corpo e alma,
Que erro!
Que engano!
Penso, logo existo,
Existo porque penso, sinto, corporifico.
Eu sou.

A Palavra fez-se corpo.

E antes, o que existia?
O que originou a origem?

A Palavra fez-se corpo.

Eu sou.
Somos o Uno.

A Palavra fez-se corpo.



A consciência criadora.
Eu sou
Cocriadora da minha existência,
Corpo, expressão da consciência.
Crio-me e recrio-me,
Corpo, mente e espírito.
Eu sou.

A Palavra fez-se corpo.

A beleza criadora da existência,
Mente pensante e questionadora,
Emoções que dão cor e significado à vida,
Neurotransmissores, hormonas, banhando
cada célula,
Energia vivificante e vibrante.
Eu sou.

A Palavra fez-se corpo.

Eu sou humana.
Eu sou divina.

Eu sou.



A vida é apenas um intervalo entre nada.

O nada de ainda não termos nascido,
e o nada de já termos morrido.

A vida é escadas.

É uma ligação entre dois vácuos iguais, mas diferentes.

A vida é uma ponte entre a inexistência total
e a vastidão do não ser, brutal.

A vida é um caminho que, entrementes,
chega ao fim, sem nos ter levado para lugar algum,
e sem ter partido de lugar nenhum.

A vida é o que está entre dois mundos,
dois mundos, que não são nem mundos nem sequer dois separados.

O que é a vida?

Não sei,

nunca soube e também nunca saberei.

É talvez o dom de fugirmos do abismo do nada,
ou, porventura, o pesadelo de sairmos da tranquilidade imperturbada.

Só sei isto: ainda não premi nenhum gatilho,
não vejo sangue a correr pelo chão, como um rastilho,
para o Destino, para aquele Destino que ainda não consigo querer,
porque, se calhar, o nada sucumbe perante **o ser.**

Mil lágrimas colhidas, mil gemidos dados

Costas torcidas com o peso do fardo

Pulsos cerrados em costumes brandos

Muralhas, ameias, fossos e prantos

O medo é lei, continua a imperar

Na voz austera que a torna a vergar

Promete que morre

Desaparece, vai embora

O nunca é tão tarde

E a noite é masmorra

Talvez amanhã

Quando houver sol lá fora

Mas não amanhece

Ainda não **é hora**



RESISTENTIA POETICA

O CORPO DESCONHECE

LUCIANA
MORAIS



assim canta a morada da alma:

eu não conheço a gula
eu nutro-me com alegria

eu não conheço a ira
eu extravaso emoções

eu não conheço a inveja
eu amo o que sou

eu não conheço a avareza
eu tenho o suficiente

eu não conheço a preguiça
eu permito-me descansar

e depois do canto, o mantra:

eu não conheço a luxúria
eu sou o prazer

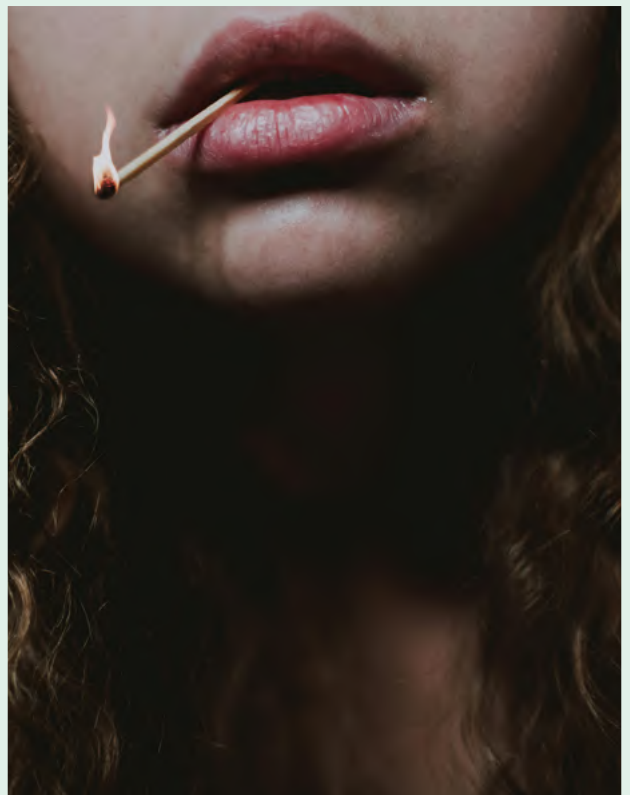
eu não conheço a soberba
eu respiro autoestima

que minh'alma relaxe dentro do corpo
que minh'alma relaxe dentro do corpo
que minh'alma relaxe dentro do corpo
que minh'alma relaxe dentro do corpo
que minh'alma relaxe dentro do corpo
que minh'alma relaxe dentro do corpo
que minh'alma relaxe dentro **do corpo**

NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

MARGARIDA
CORREIA

No princípio era o verbo,
e do verbo só conhecias a sede e a fome.
Trazias secura e no beijo buscavas a frescura,
como se o sol se abrisse à pétala.
Em descidas cadentes ao altar do corpo
vais mordendo o canto do lábio
e concitas, como quem entoa uma canção:
desliza a camisa, botão a botão.
Serves-te do vício insaciável e, na teia
das dobras quentes no branco do lençol,
aninhas suspiros na letargia de confortos
onde a ilusão dança na luz que te seduz.
Teces labirintos em olhares famintos
inflamando ecos no desassossego dos dedos
e sulcas a polpa orvalhada da pele.
Cálice entregue à boca,
líquido que pelo queixo escorre,
bálsamo para as feridas
na berma da solidão,
onde já só resta o ajoelhar da oração.
A taça e o pão
língua na língua
mão na mão,
por fim,
entregas-te ao palco da carne,
alcançada **a redenção.**



PEDAÇOS DE MIM

MARIA
GAIO

Sete pecados mortais

Sete pedaços de mim

Sete são os portais

Sete saídas assim.

No corpo, a lascívia

Na pele, o arrepio

Na tentação, a luxúria

O sangue, numa correria

Na boca, o salivar

No ventre, o absorver

No contínuo desregrar

A gula cometer.

Nos olhos, o desejo

Na inveja, o possuir

Na cobiça, o ensejo

De tudo fruir.

No ter, o defeito

No feito, o amontoar

Na avareza, o peito



Em constante pulsar.

No ser, a sobranceria

Na soberba, o ego

Na altivez, a ousadia

Em total desassossego.

No descanso, o relaxar

Na preguiça, o corpo

Num qualquer lugar

E em qualquer porto.

No coração, a raiva

Na ira, a exaltação

No gesto, a esgaiva

Na arma a **destruição.**

RESISTENTIA POETICA

MENTE SÃ EM CORPO SÃO

MARIA
SILVERIA MÁRTIRES

Dispo o meu corpo de todas as vestes
Mas cubro-o do meu espírito e mente!
Há quem murmure que tempos são estes
Onde o corpo aos pecados se desmente?

Não à luxúria, à mesquinhez e à feitiçaria
Quero estar livre de todo o mal e podridão
Viso retirar o que não gosto da memória!
Ter mais conhecimento com maior vastidão

Abomino a ira, a gula, a preguiça e a inveja
Por vezes sou amaldiçoada por estes males!
Senhor olhe-me e em tudo peço que me veja
A deambular por montanhas, planícies e vales

A soberba, a arrogância e a avareza são contrárias
Ao ótimo desempenho de um corpo saudável!
Toda a matéria é decomposta e são memórias
Que devem ficar para a posteridade inolvidável

Sou humilde, virtude de que muito me orgulho
Mansidão e generosidade são meu atributo
Na imensidade dos rios e dos mares mergulho!
De escutar a natureza em silêncio, **gosto muito.**



O meu olhar encontra o teu
e palavras não são
para serem ditas.
Fecho os olhos.
A tarde é insolente.

Deverias tocar-me,
vestir a minha pele
como tua, reclamar
o meu corpo como teu,
abraçar-me demoradamente.

Mas a minha pele são chamas.
São chamas que não consegues apagar,
que te tentam
e queimam,
continuamente.



SÃO DOIS DESTINOS

MATILDE
GARCIA

Quando os homens deixam as casas,
levam tudo:
Os móveis onde gastaram a pele,
Os vasos de plantas,
As loiças que não se quebraram ao longo da vida,
O tempo.
Ficam só as paredes onde inventaram um novo mundo.
Mas são dois destinos complicados: ou ficam os homens ou ficam as casas.
Os homens não ficam **nunca.**



RESISTENTIA POETICA

ELES NÃO SABEM

ONDINA
GASPAR



Lancei meu corpo aos pecados
À luxúria, o maior de todos,
Lasciva, prostituta, chamaram-me
Minha alma cortada em pedaços
O que resta de mim nada mais é
Talvez apenas um farrapo, sombra de um ser
Atirada às feras na arena
Entregue aos animais selvagens
Que do meu corpo se saciaram

Eles não sabem...

Que o meu corpo foi atirado aos pecados
Porque os meus pais partiram
Os meus irmãos me abandonaram
Era ainda pequena
E fiquei sozinha
Abandonada num beco sujo da cidade
Alguém me agarrou pela mão
Trouxe-me para aqui
Para uma casa vermelha com luzes que me
ferem os olhos
E espadas que me ferem as células

Eles não sabem...

Que dentro deste corpo marcado
Existe uma flor, um botão de rosa a florescer
Uma amora doce à espera de um beijo
Uma dor de paixão calada na noite
Um amor ressequido no ventre
A doce esperança de uma vida
A inocência de uma criança
Um sonho de amor por descobrir
Uma alma de anjo na noite

E o meu corpo ficou em **pedaços**

NO CENTRO DAS ONDAS, OS MESES DE NOVO

PEDRO
CHAMBEL

Pudera eu contar com a réstia azul,
branco, framboesa
do teu vestido marinho,
quando te vi nesse ano que não recordo,
pois a sombra do teu ígneo corcel tudo
encerrou.

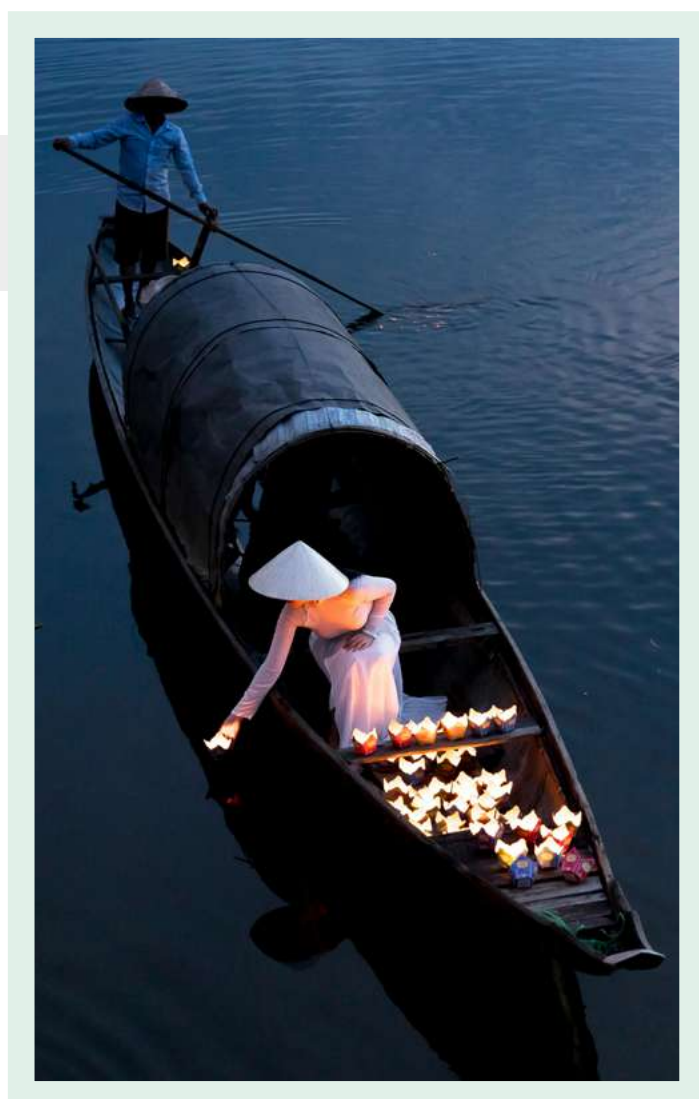
Numa época em que mais não eras
que um marginal horizonte,
aquela vasta terra
que tudo engolia
transportou-nos
para o centro das ondas
de um Outubro tardio.

Um pequeno barco de vela latina navegava, a
contragosto,
à volta de um pedaço de terra esquecida,
batido pelas marés agrestes
que nem nos importunavam
a nós escondidos, fechados, açambarcados.

Sentados num banco de pau
como num cavalo de feira,
esperávamos que o anjo trouxesse as
novidades
para nos encaminharmos para a areia
tão fina e suave que lembrava um domingo de
Julho.

Num meio-dia quente e abençoado,
abriram-se os portões do céu
aos desterrados de outros mundos
que alinhavam em jogos de sala
e sedução.

No futuro
saco do bolso uma moeda
e sigo para uma manhã de Abril.
De súbito, constato que ainda há a gente no
mundo.
Visto-me e alinho em mais um desespero
sonhado.
Pela manhã, num erguer desassossegado,
lembro-me de ti e de todos.
Arrumo-vos
num bolso escondido
e parto de novo
para os ventos da Hélade
por trilhos **adiados...**



Alimentada em veneração,
virou vício de perturbação.

O que é real?
Já não fazia distinção.

Marcada:
Era mel e fel,
melodia e fantasia,
sedução e rebeldia,
fogo e gelo,
loucura e obsessão.
Amor. Amor. Amor. Amor.
Exagero, fantasia e trama.
Ciúme, vexame e drama.

Quem disse que não se podia amar demais?
Estórias e literatura de cordel,
que nem estão descritas em papel.

Amantes,
seduzidos em Gala,
ao som das badaladas,
que se ouviam além Tejo,
transportadas para lá dos montes.

Onde havia fogo e ferro,
magia e purpurinas.
Onde se viam nebulosas de promessa,
e habitavam em abrigos de madrepérola.

Em que tempos se viveram?
Haveria reis ou princesas?
Lembro-me de ouvir um mito:
Um dragão que forjava tesouros.
Joias para cativar.
Declamava poemas para encantar.
Palavras para seduzir.
Tintas para expressar.

Bastaria o amor e governar-se-ia o mundo.

Quem era ele?
Quem fui eu?
Não sei responder.
Nem o que escrever.

Um mais um não foi igual a nós.

Mistura perigosa com explosões danosas,
as memórias são mentirosas.

Sincronismo intelectualizado
artisticamente fantasiado.

Qual Harrison,
assim diagnostico eu!

E o que sobra da estória de amor?

Lembro-me:

Havia unicórnios sim.

Fadas,

cornucópias,

nebulosas,

e auroras boreais.

Ouvia guitarras que dedilhavam ao fundo
mistérios por desvendar!



O sufoco...

A sofreguidão em me consumir.

A ausência de ar.

O peso em possuir.

As mãos no meu pescoço que insistiam em apertar.

Pois...

Agora me recordo, sei que não me lembro mais.

Mas hoje **respiro melhor.**

RESISTENTIA POETICA

**ANJO
CAÍDO**

**RÚBEN
MARQUES**

Um voo de satisfação fácil e imediata,
Dilata as sinapses, em caleidoscópio de sensações,
Intencionando o sol
De um êxtase ideal,
Que possa preencher o vazio.
Quase lhe cheguei,
Até o calor derreter a substância
Das asas
E cair quebrado no chão duro.
Na tentativa de mais uma vez
Talvez seja a última,
Talvez haja consolo
Para o despenhadeiro voraz,
Mas a vergonha do tombo
Vai cavando o buraco de onde me lanço
E nunca alcanço raio de sol
Como o primeiro.

A cada queda mais decaído,
Secando a carne e o meu redor
Para fazer novo par de asas.

Não há maior sacrilégio,
Para com Deus
E para comigo,
Do que na repetição dos pecados



Desmoronar este corpo de uso único
Em estragados bocados.
Não há maior perversidade
Do que destilar o potencial
Em éter venenoso
E corroer o tempo humanamente limitado
Com espiral autofágica,
Em vão.

ODE À SABEDORIA DA VELHICE

ANALITA
ALVES DOS SANTOS

Idadismo
nome masculino

atitude preconceituosa e discriminatória com base na idade, sobretudo em relação a pessoas idosas; etarismo

Fonte: Infopédia

Somos o que pensamos, pensamos o que lemos.

Se não é (ainda) um leitor frequente, esta frase pouco sentido fará para si. Ou então, não refletiu sobre como os livros que lê influenciam o que pensa. As páginas que folheamos, o que escolhemos ver na televisão e as conversas em que participamos, tudo deixa uma impressão. Aqueles que nos rodeiam também nos marcam a alma.

«Somos a média das cinco pessoas com quem mais convivemos», diz-nos Jim Rohn.

Leio bastante. Não tanto como gostaria (o demasiado será sempre o meu suficiente no que concerne à leitura), mas nas últimas semanas li mais do que as minhas horas de

«Vivemos hoje com um prazo de validade tatuado na testa que nos impede de fazer e ser o que desejamos (enquanto o corpo e a mente correspondem ao nosso comando)?»

vigília permitem. Leituras díspares que acabam por se tocarem e por me tocar.

Devido ao romance que me anda a devorar para ser escrito até ao final de 2024, comecei a ler *Ave Mary* e *a Igreja Inventou a Mulher*, da já falecida Michela Murgia, livro publicado pela Elsinore. No clube de leitura dedicado ao universo feminino do qual faço parte, foi proposto *Maus Hábitos*, de Alana S. Portero, da Alfaguara. »

» O conjunto destes dois fantásticos livros, nos quais as mulheres são protagonistas — e ter a consciência de que será difícil eu viver mais do que o tempo que vivi até agora —, tem feito com que esteja atenta às questões do idadismo. Confesso, as sucessivas observações aos quarenta e um anos de Pepe e de como o seu desempenho é exemplar, *apesar da sua idade*, ajudaram o caldeirão de ideias que impulsionou a escrita desta crónica. Quem escreve vive em constante alerta da tal inquietação que o leve a preencher a folha em branco. Não procuramos respostas, apenas novas questões.

Vivemos hoje com um prazo de validade tatuado na testa que nos impede de fazer e ser o que desejamos (enquanto o corpo e a mente correspondem ao nosso comando)? Os que passaram a fasquia dos cinquenta estão «acabados»? A menopausa retira-nos a feminidade?

A palavra «velho» surge disseminada com uma forte conotação negativa e não como uma etapa básica da existência humana — que é o que é.

Felizes os que alcançam a sabedoria da velhice.

«É verdade para todos os velhos, homens e mulheres, mas para as mulheres tem uma conotação pejorativa mais feroz, especialmente se à falta de juventude se juntar um aspeto que não corresponde aos cânones estereotipados da beleza feminina televisiva, à qual os homens velhos ou jovens não são obviamente obrigados a conformar-se», afirma Michela Murgia.

Se envelhecer é difícil, para nós é-o ainda mais. A «sociedade» (a indústria da beleza, da imagem, o cinema) exige-nos juventude eterna. Nos homens, o cinzento do cabelo é charme; as rugas, sabedoria; o *dad bod* (barriça de pai de família), estabilidade. No universo feminino, qualquer sinal visível do passar do tempo é desmazelo e decrepitude. «A ausência de um imaginário de velhice e de morte que resulte sereno e digno gera automatica-

mente processos de negação», diz-nos Murgia. Inspirada neste desassossego, tenho procurado, no quotidiano, exemplos reais de mulheres que envelhecem «bem». A família não se escolhe, mas podemos sempre procurar ver longe. Por sorte (ou estarei atenta?), tanto no ginásio que frequento, quanto na comunidade de autores que dinamizo, tenho encontrado essas mulheres: com mais de cinquenta, sessenta, setenta (uma quase a completar os maravilhosos oitenta anos de existência), mentalmente ativas, corpos em movimento com a vida marcada no rosto de forma visível.

Se for essa a escolha — envelhecer à sua maneira: «enquanto tivermos livros, amigos, apreciaremos a nossa companhia na alegria e na tristeza, e um corpo que se mexe, não temos idade», respondeu-me a colega de ginásio, do alto dos seus setenta e três anos, quando lhe perguntei: «*Como está a ser para si envelhecer?*»

Precisamos de exemplos constantes e inspiradores desta sabedoria feminina.

«Quando rimos com vontade não temos idade, fazemo-lo da mesma maneira durante toda a vida e pode adivinhar-se na nossa expressão a menina que fomos ou a velha que seremos», lê-se numa das páginas dolorosas de *Maus Hábitos*.

Mesmo com fatores biopsicológicos externos à vontade humana, a idade é apenas um número (e o aumento da esperança média de vida incrementou-o). Eis um lugar-comum que não me importo de repetir. Mas mais do que o número de anos que se vive, importa pensar como viveremos esses anos acrescidos. E aqui reside toda uma miríade de novos questionamentos, assunto para outra ocasião.

A versão original desta crónica foi publicada no *Sul Informação*.



O PODER DA (IM) PERFEIÇÃO

JULIA
DOMINGUES

Abro o Instagram e (já) não sei se tudo o que vejo me parece maravilhoso ou demasiado superficial. Resvalo os olhos pelo Facebook e fico com a mesma sensação. Adensa-se um sabor agri-doce na boca que me deixa desconfortável.

O problema da perfeição (dos outros) é que, à partida, faz de nós seres cada vez mais imperfeitos.

Vivemos numa sociedade em que quase todos são «obrigados» a exaltar a perfeição e a esconder as suas falhas. E não, isto não acontece só agora que fazemos das redes sociais uma extensão da nossa vida pessoal. Isto acontece desde sempre. Basta pensar na panóplia de expressões da nossa infância que ficaram eternizadas na nossa mente: «Se não comeres tudo, és um menino feio»; «os meninos com a tua idade já não usam chucha»; «Que vergonha, a chorar». Fomos habituados a reprimir as nossas emoções e a esconder a nossa vulnerabilidade. Fizeram-nos acreditar que nunca seríamos suficientes, que seríamos menos capazes se nos expressássemos livremente, que seríamos fracos se não fôssemos sempre fortes.

E o que é que fizemos?

Cumprimos escrupulosamente o que nos foi pedido e dito. Crescemos a querer ser perfeitos e validamo-nos imitando a perfeição dos outros. O problema é que nem nós somos perfeitos (e se tentamos sê-lo!), nem os outros o são, mesmo que continuemos a acreditar que sim.

Permitam-me deixar, desde já, uma coisa clara: as vidas *perfeitas* dos outros, que tantas vezes vemos publicadas nas redes sociais, não são mais do que um amontoado de filtros e ângulos escolhidos ao pormenor para compensar. Servem para compensar o vazio que, muitas vezes, ocorre do outro lado do ecrã. Pessoas que se autovalidam em conformidade com o número

de «gostos» que têm. Pessoas que precisam que os outros as achem perfeitas, para que elas continuem a esconder as suas próprias imperfeições.

E é isso que vem baralhar tudo!

O que é que nós, os que não conseguimos ser perfeitos, pensamos? «Se eu não consigo ser assim; se não sou capaz ter a mesma força, se não posso ir aos lugares da moda; se nem sempre sorrio; se não tenho dinheiro para viajar tanto, e se estas pessoas todas conseguem e parecem sempre felizes, então o erro é MESMO meu!»

E é aqui que, muitas vezes, se inicia o caminho para a depressão e para uma espiral sem fim.

Acredito que todos nós andamos a esquecer é que o que nos torna seres únicos e especiais, o que nos agrega valor, é a nossa própria vulnerabilidade.

Quantas vezes, achámos que não conseguiríamos e fomos encontrar força onde nem esperávamos, ou vimos o fim e, mais tarde, concluímos que isso foi o melhor que nos podia ter acontecido? Quantas vezes já repetimos: «Foi difícil, mas conseguimos?»

Lembrem-se: uma coisa é querer ser melhor do que ontem, outra, bem diferente é querer ser melhor que os outros ou igual a eles. Não precisamos de mostrar tudo da nossa vida, até porque, como um dia escrevi: «O que Deus não sabe, o diabo não cobiça».



DA PALAVRA À FORÇA

ESCREVA COM TOMATES!

JOSÉ
BATISTA

No dealbar do século XX, os proponentes da *gestão científica* observaram que longos períodos ininterruptos de trabalho resultavam numa produtividade médio-cre. Na década de oitenta, um estudante italiano em apuros deitou a mão à ideia para superar as suas dificuldades escolares.

Acabou com as longas e sonolentas sessões de estudo e passou a dividir os seus projetos em atividades que podia concluir em 25 minutos, após o que des-cansava 5 minutos. Depois de 4 sessões, fazia um intervalo de 15 minutos.

Deu à coisa um toque do estilo italiano, cronometrando-se com o viçoso tomate de plástico com que *la mamma* assegurava que o *tagliatelle alla carbonara* ficava *al dente* e batizando-a com o melodioso nome de *técnica del pomodoro*¹.

Nasceu assim a lenda dos *Tomates do Francesco Cirillo* que, como a do *Pé de Feijão do João*, tem lições não só para estudantes, mas para todos que labutam em projetos complexos.

Os fãs asseveram que a técnica ajuda a combater a procrastinação e o sentimento de impotência perante trabalhos de grande dimensão, que reduz as distrações, que aumenta a concentração e a produtividade, que combate a fadiga e o sedentarismo, que estimula a automelhoria e que induz uma dinâmica de vitória. Um escritor não poderia pedir mais!

Suponha que dispõe de 30 dias para entregar um texto com 2500 palavras. Consulta o calendário e constata que só poderá escrever em 20 desses dias, e não mais do que uma hora por dia. Grosso modo, tem 40 tomates para completar a tarefa, à média de

62,5 palavras cada 25 minutos.

Convencido da exequibilidade da empresa, senta-se ao computador, aciona o temporizador e ataca o teclado. Pouco depois, para, observa o que já escreveu e medita profundamente no que se poderá seguir.

O alarme emitido pelo tomate sobressalta-o, e dá-se conta de que escreveu apenas umas míseras 14 palavras. Indiferente ao parco resultado do esforço, a técnica ordena-lhe que se levante, caminhe, faça alongamentos, respire fundo, limpe o pó, beba água, mexa-se!

Após a pausa, que dura 5 minutos — e só 5 minutos —, volta à carga, e fica sur-preendido ao notar, no final do segundo tomate, que mais do que triplicou a sua produção: conseguiu escrever 50 palavras!

Conhece a estória do badocha que, desapontado pela falta de resultados três meses após a sua inscrição no ginásio, se espantou quando lhe disseram que não bastava o ato de registo, era mesmo preciso ir lá malhar?

Pois aqui é tal e qual: só pela insistência no processo (fixar datas-limite, estimar tempos, monitorar produção, respeitar o seu corpo, desafiar-se), é que a técnica dos tomates o auxiliará a atingir os seus objetivos.

1) Em português, em vez de *técnica do tomate*, usa-se habitualmente *método pomodoro*, como se desconhecêssemos o fruto.



DISCIPLINA DE ESCRITA

DAVID
ROQUE

A composição escrita da criança de dez anos, mesmo que genial, não é igual ao texto do escritor. A diferença reside no facto de a primeira figura escrever ao natural, com muita ocorrência da oralidade, e a segunda redigir com base num código literário assimilado ao longo de anos ou décadas. O oral tem um papel instrumental para a vivência do dia a dia, por isso, baseia-se em elementos simples e repetitivos, frequentemente auxiliado por expressões faciais ou certa gestualidade. A literatura é alavancada pela intenção do autor, a proposta de colocar alma dentro da escrita, sublimar o que primitivamente é utilitário e transformar a palavra em arte. A literatura é o que se conta e a forma como se conta. E a forma conta muito sobre o processo de aprendizagem do autor.

Primeiro, para produzir texto e, depois, para aprimorar a redação, o escritor necessita de uma disciplina incrementadora de novas faculdades. Como o atleta que treina diariamente



para alcançar determinado feito fisiológico, também a pessoa das letras deve disciplinar-se para produzir feitos literários e aumentar as suas técnicas de escrita. É possível fazê-lo sem disciplina? Sim, mas com dificuldades acrescidas. A disciplina não pode ser entendida como algo castrador, um muro de restrições que limita as liberdades. Pelo contrário, a autodisciplina é puro ato da vontade interior, o poder de intervir em si mesmo para ampliar determinadas valências ou atingir objetivos complexos. Numa época em que as solicitações externas são torrenciais e a praga dos ecrãs é o inferno da distração, a disciplina é um bálsamo libertador, porque permite a independência criadora. Sem disciplina, qualquer pretendente a escritor é títere nas mãos de estímulos persistentes e fúteis, que reduzem o produtor a consumidor e o agente criativo a "agido" degustativo.

Todas as artes, e não há dúvidas de que a literatura tem assento de destaque entre elas, são fruto da dedicação, de intenso labor, de entrega. O cálculo é simples. Vamos supor que a alma é equivalente a tempo. Retirando o tempo de sono, a nossa alma tem uma totalidade diária de dezasseis horas. A questão é saber quanto estarei disposto a dar para cumprir-me enquanto escritor. Vamos ao velho dízimo bíblico, dez por cento da minha alma para a escrita, ou seja, uma hora e trinta e seis minutos por dia. No entanto, sejamos exigentes, como poderei ser bom escritor sem ler, ler muito, ler do bom e em quantidade? Tenho de entregar a alma também para esse processo de aquisição de conhecimento literário, que passa por compreender os grandes monstros.

Stephen King datilografava no barracão do jardim, Gonçalo M. Tavares diz compor trancado no escritório, sem qualquer meio online ativo, para dar exemplo de dois escritores prolíferos e de qualidade. Ambos entregam tempo e alma para crescerem como executantes de arte da escrita e, por fim, doarem ao leitor o honesto esforço colocado em narrar com intenção e efeito. A escrita literária não é natural, é uma linguagem que sublima a palavra cansada do quotidiano.

«Todas as artes, e não há dúvidas de que a literatura tem assento de destaque entre elas, são fruto da dedicação, de intenso labor, de entrega. O cálculo é simples. Vamos supor que a alma é equivalente a tempo.»

QUERIA UM CAFÉ

MARCO
NEVES

JÁ NÃO QUER?

A mais famosa pergunta dos cafés portugueses permite-nos conhecer um dos erros linguísticos mais comuns e menos discutidos: o literalismo.

Que se acuse quem, depois de usar a palavra «queria», nunca enfrentou a pergunta: «Querias? Já não quer?». Uma inocente piada de café, dirão. Talvez. Mas não deixa de ser um bom exemplo de um erro linguístico muito comum: o literalismo.

Admito: quando estou a pedir um café com «queria» estou a usar uma forma verbal do passado para fazer um pedido no presente. Um horror! Mas a verdade é que a língua é assim, mais complexa do que parece à primeira vista. Usamos o pretérito imperfeito para fazer pedidos com mais delicadeza («era a conta, por favor»); usamos o futuro para falar de algo incerto do passado («ela terá lá ido ontem»); usamos o pretérito perfeito composto para falar do que fazemos várias vezes («tenho falado com ele todos os dias»)... Podia continuar!

A língua é assim: cheia de subtilezas que usamos sem reparar. Uma vez por outra, há quem interprete literalmente uma palavra ou expressão e declare que tal palavra ou expressão é um erro.

Se alguém pede um copo de água, só pode estar a errar, pois o copo não é feito de água — como se a preposição «de» não servisse para muitas coisas...

Se alguém faz a barba, está a errar também, pois a barba não se faz — o que dirão da cama, do tempo e do amor, tudo coisas que fazemos sem pudor?

E, claro, se alguém queria um copo de água, está a errar a dobrar. Na mente virada para as interpretações literais, a pessoa está a declarar que houve um

tempo em que queria um copo feito de água...

Um disparate? Sim, claro. Mas é assim que o literalismo funciona.

Estas correcções tontas são modas que pegam. Ninguém se chateia com o balde de tinta — só com o copo de água (e, no entanto, o balde não é feito de tinta). Ninguém se aborrece com o fazer a cama — só com o fazer a barba (e, no entanto, também não construímos uma cama). O «queria ou quer?» é apenas mais um desses tiros ao lado que se tornam modas.

Estes pequenos e inócuos disparates permitem-nos olhar, pelo contraste, para a maneira como a língua funciona. Se olharmos para estes erros que não são erros, encontramos subtilezas do português. O «de» em «copo de água» torna o copo numa medida da quantidade de água que queremos. Podia querer um litro, uma garrafa, um balde de água... Mas não: quero *um copo* de água. Já o «queria» dos pedidos mostra-nos uma das muitas maneiras como a língua permite amaciar uma ordem ou um pedido: «já agora, se não fosse incómodo, queria um copo de água».

Tenho mais más notícias para as mentes literais: a língua também se



faz de usos figurados que se cristalizam. O sol nasce porque aparece de novo todos os dias; a temperatura sobe porque o mercúrio subia nos termómetros; o tempo anda para a frente; o sangue ferve; o amor evapora-se; a língua pula e avança... As figuras de estilo como a metáfora e a metonímia não se restringem à literatura. Fazem parte da linguagem do dia-a-dia. De tão repetidas, algumas das expressões soam-nos a cliché e, por isso, devem ser evitadas em textos que se queiram originais — mas apenas por isso. Não sejamos literalistas ao interpre-

tar o que os outros dizem: é um grave erro de português.

Não é só do português nem é só de agora: a expansão dos significados das palavras faz parte dos mecanismos linguísticos essenciais da linguagem humana. Sem esta constante expansão semântica, as línguas seriam ferramentas bem menos úteis e, na verdade, menos rigorosas, pois não nos permitiriam falar tão claramente de realidades novas ou complexas. Seriam também ferramentas bem menos interessantes, arrisco dizer.

Pergunta W. G. Sebald, no ensaio "Uma tentativa de restituição" (in *Campo Santo*), "quais são as relações invisíveis que determinam a nossa vida, como se estendessem os fios" entre acontecimentos distantes ditados por uma estranha lei que nos escapa. O que liga a prosa anímica do caminhante Sebald ao rasto já há muito extinto do passeante Robert Walser, mas que continua visível no papel? Onde se cruzam as suas biografias?

Talvez no facto de Sebald ter vivido toda a sua infância com o avô materno, que não só tinha o hábito das grandes caminhadas como Walser, como, ainda, era muito parecido fisicamente com ele. Se não bastasse essa coincidência, também ele morreu na neve, quando passeava, solitário, numa paisagem semelhante àquela em que Walser sucumbiu fulminado e que distava apenas cem quilómetros de Herisau e, ao que parece, no dia anterior ao do último aniversário do escritor suíço.

Talvez, depois, por ambos remeterem para uma espécie de "poética da extinção", segundo a formulação de Enrique Vila-Matas.

Em Walser, através de elegantes fantasias poéticas que vai traçando, tenuemente, a lápis no papel para melhor desaparecer, uma frase fazendo sempre esquecer a anterior: "Declaro que uma bonita manhã, já não sei exatamente a que horas, ao sentir vontade de dar um passeio, pus o chapéu na cabeça, abandonei o quarto dos escritos ou dos espíritos, e desci a escada para sair em bom passo para a rua" (*O passeio e outras histórias*).

Em Sebald, sedimentada em camadas de esquecimento, nos escombros que ele vai escavando nos seus passeios solitários por passagens obscuras que descreve depois com uma prosa pausada e caden-

ciada para melhor dar conta do desvanecimento da história: "Demasiados edifícios ruíram, amontoou-se demasiado entulho, são intransponíveis os sedimentos e as moreias".

Talvez, ainda, porque, um e outro, entreviam o mundo envolto numa estranha quietude. Walser caminhando solitário sob a luz cristalina da manhã em busca do espírito da montanha. Sebald procurando resgatar uma moral da natureza.

Um e outro à procura de uma cintilação qualquer no tecido puído do tempo.

Seriam estas as causalidades que levaram Sebald, em 1997, na primeira sessão do ciclo de lições que proferiu na Universidade de Zurique, a evocar o passeio de Carl Seeling com Walser, nos arredores do manicómio de Herisau, no Verão de 1943 – passeio que, anos depois, relataria na biografia que lhe dedicou —, precisamente no mesmo dia do bombardeamento de Hamburgo, descrito em *História natural da destruição*? "Não são casualidades" – diria Sebald se lhe perguntassem sobre o que o liga a Walser —, "trata-se apenas de existir algures uma relação que de quando em quando cintila por entre um tecido puído."

Como também não foi casualidade eu ter acabado de ler os ensaios de *Campo Santo* e ter ficado admirado por não encontrar qualquer referência a Walser, como se a sua biografia fosse tão delicada e a sua prosa tão leve que tornasse quase impossível seguir-lhe o rasto, até mesmo Sebald tão habituado em fazer incursões através de territórios obscuros, cujos sedimentos vasculha nas camadas de esquecimento para onde os seus passos de caminhante solitário e de narrador interpelante o conduzem sempre que se dispõe a caminhar entre ruínas.

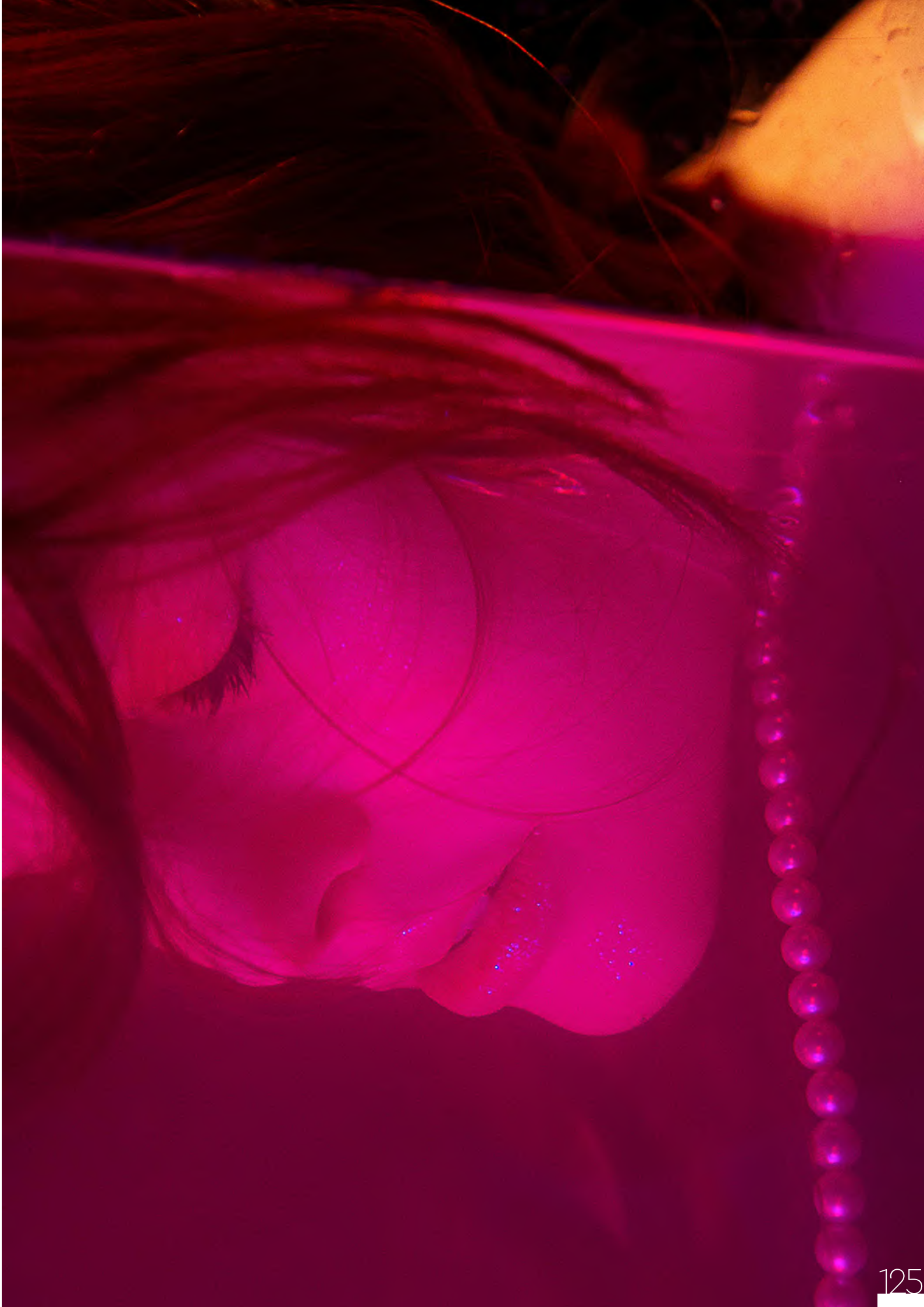
CARL SEELIGS WANDERUNGEN MIT ROBERT WALSER

Robert Walser
Zentrum

Foste entrando em mim discreta e silenciosa
com teus brilhos de água no olhar
tuas palavras medidas como promessas inacreditáveis
malha que foste tecendo simplesmente
impelida pelo teu coração

Eu via no ar uma rede de água
e nela mergulhei como um fauno temeroso e
contudo
temerário
disposto a descobrir o segredo dos teus gestos cuidados
e contigo construir com atenção um tempo intenso e único
de volúpia paixão
e amor reconstruído

Aqui estou amor
surpreso e resoluto
pronto a fazer do nosso encontro
um hino secreto que o universo inteiro
faça ecoar pelas ruas e praças da cidade adormecida



Há pecados que talvez devam permanecer encerrados em caixas misteriosas. Ou mesmo em algumas (poucas) memórias.

Nunca tinha lido este autor, que me foi dado a conhecer por outro escritor.

Mais um livro que fui buscar à Biblioteca Municipal de Coimbra. De salientar, sempre, o importante lugar que as bibliotecas ocupam na vida de um leitor.

A história passa-se em dois momentos diferentes — os anos da Segunda Guerra Mundial e 2017 —, com apontamentos de outras épocas pelo meio. Também os espaços se dividem entre Lisboa e os Açores, com incursões por vários pontos do mundo. Mas é este meridiano que atravessa os Açores o ponto fulcral da história.

Achei muito interessante a lista de personagens com que o escritor nos brinda, no início — tal como Gabriel García Márquez, na minha edição de *Cem anos de solidão*. Também aqui não nos perdemos e os nomes de algumas personagens passam a ser irrelevantes.



Na cosmopolita, culta e moderna cidade da Horta, durante os anos trágicos da Segunda Guerra Mundial, ingleses, alemães e portugueses convivem em perfeita harmonia. Apesar da base naval, com os navios de guerra atracados, também ali desembarcavam grandes estrelas de cinema de Hollywood. Passeava-se, dançava-se, jogava-se ténis. É aqui que vive Hansi Abke, que vai desenca-

dear toda a história. É neste local e neste tempo que, muitos anos mais tarde, o seu "sobrinho", José Filemon, vai encontrar as respostas que procura e as que nem sabia que procurava. Espicaçado por um milionário nova-iorquino, que lhe paga para escrever um livro sobre o tio, suposto caçador de nazis, envolve-se numa trama de *suspense* e viagens. Tudo isto entre caixas e diários misteriosos. Na verdade, este homem procura saber quem foi o tio, sem perceber que busca a sua própria identidade.

É um *thriller*, um romance de ação, uma narrativa de viagens e uma narrativa histórica. Trama urdida pelo autor, que vai deixando cair aos poucos, de forma imprevisível, episódios que nos agarram, histórias que se entrelaçam. Um enredo complexo, de expectativa crescente, com pistas enganadoras, lançadas para nos deixar imaginar desenlaces ilusórios.

No final, resolvem-se alguns dilemas morais que o livro nos foi apresentando e as respostas inesperadas aos enigmas trazem apaziguamento.

Da narrativa, retirei a ideia da fragilidade do ser humano, que é tão misterioso para os outros como para si, quando se enraíza profundamente nas suas convicções e se é vítima delas.

Mesmo para nós, tal como na história, nem sempre o que parece é. "Quem disse que o nosso futuro está nas nossas mãos enganou-nos — mesmo que se tenha enganado primeiramente a si mesmo."

Quer saber de quem são estas palavras? Leia o livro e deixe um comentário num dos espaços d' O prazer da escrita.

«É um thriller, um romance de ação, uma narrativa de viagens e uma narrativa histórica.

Trama urdida pelo autor, que vai deixando cair aos poucos, de forma imprevisível, episódios que nos agarram, histórias que se entrelaçam.

Um enredo complexo, de expectativa crescente, com pistas enganadoras, lançadas para nos deixar imaginar desenlaces ilusórios.»

A USAGANHA DO GERÊS

PORVENTURA
CORREIA

Primero foi no bar de Açnagarb, a enigmática serpente verduga a auxiliar-me na pesquisa jornalística, depois foi Anieska, há muito conhecida dos olhos, mas durante muito tempo impercetível ao meu coração. Agora, imagine-se, via o seu rosto nas volutas magras emanadas do cachimbo de arievilo. E, porque a loira Anieska contara que vinha das montanhas onde o Sol nascia para a restante Europa, lembrei-me de montes e vales, serranias e florestas. A memória é baile concorrido, começa-se com certo par e termina-se abraçados a outro alguém. Isto porque, atrelada aos retratos destas duas mulheres, assomou-se à dança uma figura da minha infância, a Usaganha do Gerês, filha da Grande-Usa. Recuso apontar seus nomes, sabê-los é possuir aptidão de as invocar, ferramenta desnecessária nas mãos de ignorantes. Invocando genealogias, adianto que a Grande-Usa é filha de Calisto e Endovélico. Da progenitora guardou forma de urso e porte régio da Arcádia, enquanto do pai, deus portentoso da península na extre-

ma do pôr do sol, herdou poderes de cura, de ligação à terra e de profecia. Durante séculos, a Usa vagou pelas serranias peninsulares, gigante como um carvalho e impercetível ao olho humano, até se consorciar brevemente com a deusa Atégina, a Fértil. Do enlace das duas, tal eram os poderes geradores da divindade, o ventre de Usa fermentou

Deparei-me com a pequena ursa, ou Usaganha, nas discorrências de infância, pelos sete anos. A minha casa era apontamento isolado nos vales acercados a Pitões das Júnias, aldeia longínqua do norte de Portugal. Naqueles bosques, qualquer criança pé-de-cabra podia expandir brincadeiras fortuitas, apesar das preocupações constantes dos pais. E não eram só humanos a inquietá-los. Ingénuo e despreocupado, partia com mochila às costas e a máquina fotográfica ofertada no Natal. Nesse mundo, que aparentava pertencer-me, vislumbrei a Usaganha do Gerês, ursa criança, pelos verdes, mesclados de erva e flores, e três vezes o meu tamanho. Aproximei-me sem temor e deparei com tristeza, porque, explicou-me mais tarde, acabara de enterrar uma cria de lobo, abandonada pela progenitora. A loba fora dominada pelo Amentador de Xendive, galego sinistro que sujeitava com magia a mente das feras e as arregimentava para as hostes do mal. "Se a minha mãe o apanha, ele vai ver!", exprimiu a



Imagem gerada por inteligência artificial

usaganha com raiva. A mãe era a Grande-U-sa, mas nem ela o alcançaria com facilidade, pois andava montado no Unicórnio Negro, arribando e partindo em velocidade. E fizemo-nos amigos, porque a consegui ver naquele momento de abatimento, e porque ela, depois, se engraçou do meu ar tosco e

amável, suponho. A partir daquele dia, até quando fui para o liceu, distante, os nossos laços foram inquebrantáveis. A ursinha verde o menino pé-de-cabra. Afinal, um jornalista não nasce profissional, foi petiz como todos os outros, mesmo sendo obrigado a usar grossas botas para disfarçar os cascos. A Usaganha foi a paixoneta de miúdo, a primeira de todas.

É RICA. MUITO RICA.

JAMES
MCSILL

Uma língua rica veste-se com as cores e adapta-se às terras onde escolheu, ou onde a levaram, a residir, como uma amiga que tem casas em Lisboa, Luanda, Rio de Janeiro, São Paulo e Florianópolis. Nunca a vejo com a mesma roupa, especialmente não na mesma época do ano! Tal como esta minha amiga, a língua portuguesa assume diferentes roupagens, refletindo a cultura, o clima e o espírito de cada lugar onde é falada. Essas diferentes "roupagens" mostram-nos como ela se transforma e se ajusta aos seus diversos lares ao redor do mundo. Ela pode fazê-lo. Afinal, é uma língua rica. Muito rica. Talvez a terceira, mas certamente não menos que a quinta, mais rica do mundo.

Começemos!

/texto em português do Brasil/ (A)

O português do Brasil e o de Portugal são o mesmo idioma porque compartilham uma origem comum, uma estrutura gramatical básica, uma tradição literária, e continuam a ser mantidos unidos por meio de reformas ortográficas e intercâmbios culturais. As diferenças que existem são características normais de uma língua falada em regiões geograficamente separadas e refletem a rica diversidade dentro da língua portuguesa. Apesar das diferenças nas variantes faladas e escritas nos dois países, por várias razões históricas e culturais:

/texto em português de Portugal / (B)

O português do Brasil e o de Portugal são o mesmo idioma porque partilham uma origem comum, uma estrutura gramatical básica, uma tradição literária, e continuam a ser mantidos unidos através de reformas ortográficas e intercâmbios culturais. As diferenças que existem são características normais de uma língua falada em regiões geograficamente separadas e refletem a rica diversidade dentro da língua portuguesa. Apesar das diferenças nas variantes faladas e escritas nos dois países, estas têm explicações em várias razões históricas e culturais.

Ou seria o contrário? O B em PT/PT e o A em PT/BR?

Não conseguiu distinguir?

Nem eu.

O primeiro foi escrito por um português e o segundo por um brasileiro a partir de um texto originalmente em inglês.

Surge-nos então a questão: por que o português culto é tão parecido?

Razões:

1. Origem Comum

- O português se originou na região que hoje corresponde ao norte de Portugal e à Galiza, na Espanha, no século IX. Com o tempo, a língua evoluiu e se expandiu com a formação de Portugal como nação independente no século XII. A língua portuguesa foi levada ao Brasil com a colonização portuguesa a partir de 1500.

2. Língua Oficial

- Em ambos os países, o português é reconhecido como a língua oficial. Isso significa que, formalmente, o português ensinado nas escolas, utilizado nas leis, documentos oficiais e na mídia, é o mesmo, apesar de algumas variações regionais. As reformas ortográficas têm sido implementadas para aproximar ainda mais as normas de escrita, como o Acordo Ortográfico de 1990, que buscou unificar as diferenças entre as variantes.

3. Estrutura Gramatical Comum

- A estrutura gramatical básica do português é a mesma em ambos os países. Embora haja diferenças na pronúncia, vocabulário e certas construções gramaticais, as regras fundamentais da língua, como a conjugação verbal, a sintaxe, e o uso de tempos verbais, são compartilhadas.

4. Herdeiros da Mesma Tradição Literária

- Tanto Portugal quanto o Brasil compartilham uma tradição literária comum, com escritores, poetas e intelectuais que, ao longo dos séculos, contribuíram para o desenvolvimento do idioma. Obras literárias de autores dos dois países são lidas e estudadas em ambos, ajudando a manter um vínculo cultural e linguístico.

5. Intercâmbio Cultural e Mídia

- O intercâmbio cultural contínuo entre Brasil e Portugal, seja por meio de imigração, mídia, ou relações comerciais, mantém as variantes do português em contato. Filmes, música, literatura e outros produtos culturais circulam entre os dois países, permitindo uma influência mútua e a manutenção de uma base comum na língua.

Ah! Mas...

Sim, há as diferenças regionais.

Embora seja o mesmo idioma, o português do Brasil e o de Portugal apresentam diferenças em termos de pronúncia, vocabulário e expressões idiomáticas. Por exemplo, certas palavras usadas no Brasil têm significados

diferentes em Portugal, e vice-versa. Além disso, o sotaque e a entoação variam significativamente entre as duas variantes. Como linguista, estou plenamente consciente das particularidades de cada variante, mas hoje não me vou aprofundar numa análise técnica. Em vez disso, quero partilhar a minha experiência pessoal sobre como essas diferenças podem ser superadas, as vantagens de o fazer, e por que, muitas vezes, adaptar o texto para uma ou outra variante pode ser um exercício desnecessário, dependendo do público e do propósito da escrita.

Lembro-me de uma vez em que mencionei que estava à procura de uma "vaga" de estacionamento, e fui corrigido para usar "lugar". Estas pequenas variações podem parecer insignificantes, mas, num contexto de comunicação, podem gerar confusões e mal-entendidos.

«Embora seja o mesmo idioma, o português do Brasil e o de Portugal apresentam diferenças em termos de pronúncia, vocabulário e expressões idiomáticas.»

Apesar das diferenças, aprendi rapidamente que a chave para superar essas barreiras não está em tentar forçar uma adaptação total à variante local, mas sim em compreender o contexto e o público para quem estou a escrever ou a falar. Se estou em Portugal, ajusto naturalmente o meu vocabulário em conversas informais, mas, ao escrever para um público amplo que inclui brasileiros e portugueses, percebo que a melhor abordagem é me focar numa linguagem clara e universal, que transcenda as peculiaridades regionais.

Superar as diferenças entre as variantes do português oferece uma série de vantagens. Em primeiro lugar, amplia a nossa capacidade de comunicação e conexão. Quando conseguimos expressar-nos de forma que tanto brasileiros como portugueses entendam, criamos uma ponte cultural que enriquece a troca de ideias e experiências e, sobretudo, abre-nos portas. Além disso, essa habilidade de transitar entre as variantes do português é um diferencial competitivo em diversas áreas, especialmente em negócios internacionais, educação e media. Ser capaz de adaptar, ou melhor, de unificar a comunicação, demonstra flexibilidade e respeito pelas nuances culturais, o que pode ser um fator decisivo em negociações e colaborações internacionais. Mais do que isso, superar essas diferenças linguísticas permitiu-me expandir a minha visão do mundo. O contacto com expressões, gírias e formas de falar diferentes fez-me valorizar ainda mais a riqueza da língua portuguesa e deu-me uma nova perspetiva sobre a importância da diversidade cultural. Ao longo dos anos, aprendi, sem medo ou preconceito, a ser flexível nas minhas escolhas de palavras e expressões dentro da MINHA LÍNGUA, dependendo do público e do contexto, esclarecendo uma palavra ou expressão específica, ou simplesmente escolhendo sinónimos que

sejam amplamente compreendidos em ambas as variantes. Simples assim.

Um bom exemplo, pois ali vejo o futuro da língua, é a Geração TikTok, que já demonstra uma abordagem inovadora e prática em relação à língua, especialmente no campo da comunicação. Para eles, a língua é vista como um elemento vivo e dinâmico, que precisa de ser usada de forma imediata e eficiente para atingir um propósito comum. Em vez de se prenderem às formalidades ou às discussões sobre a "pureza" da língua, essa geração prioriza a funcionalidade e a adaptação às necessidades do momento.

Para esta geração, a língua voltou a ser percebida com sempre deveria ter sido. Para eles, a língua serve para conectar pessoas e criar comunidades em torno de interesses e propósitos comuns. Se há um objetivo claro – seja entreter, informar, educar ou mobilizar –, a forma como a língua é utilizada ajusta-se a esse propósito. Estão menos preocupados em seguir regras fixas e mais interessados em como podem usar a língua para atingir resultados tangíveis. A comunicação torna-se um processo colaborativo, onde a língua é moldada e remoldada conforme necessário, para servir o propósito comum de forma mais eficaz. Enfim, a língua não é um monumento imutável, mas um instrumento vivo que deve ser utilizado de acordo com as necessidades e os objetivos do presente. Esta abordagem pragmática desafia as visões tradicionais e coloca a funcionalidade e a eficácia no centro da comunicação. Ao entender a língua como algo que precisa de ser moldado para atingir um propósito comum, esta geração redefine a forma como nos comunicamos, tornando a língua mais acessível, adaptável e, acima de tudo, útil para o agora.

De que país lê este meu artigo?

Em que «língua» escrevo este artigo?

Esta é a «minha» língua portuguesa. Como tem desenvolvido e aprimorado a «sua»?



DAR O CORPO AOS PECADOS

SANDRA
BARÃO NOBRE

Lembro-me daqueles anos, quando adolescente ou jovem adulta, em que acreditava que a vida podia ser bastante simples se nós, os humanos, não tivéssemos esta apetência estúpida para complicar tudo. Era uma ignorante que vivia no mundo do preto e do branco, alheia às infinitas hipóteses dos cinzentos¹. Se a natureza é altamente complexa, como poderia o Homem ser simplório ou linear? O facto é que sobre este acumulado de complexidades construímos, a partir de cada indivíduo, realidades coletivas sofisticadas e intrincadas que espelham tudo o que encerramos — das facetas mais elevadas, luminosas e altruístas aos ângulos mais egocêntricos, sombrios e abjectos.

Para ajudar a descrever, a entender e a lidar com esta oscilação perpétua entre luz e trevas, alguns de nós tornam-se artistas e fazem da sua arte um meio para reconciliar os desejos individuais com as exigências do colectivo. Assim, através das obras de arte, os artistas e os seus públicos têm oportunidade para dar vazão a "desejos banidos pela cultura, repudiados pela educação ou conscientemente reprimidos"². Como forma de expressão artística, as histórias de ficção abraçam

também essa função: enquanto leitores, ao aceitarmos adoptar os conteúdos ficcionados como nossos e como reais, ao identificarmo-nos com as personagens e as suas circunstâncias, ao fruirmos esteticamente de alegrias e dramas, podemos dar azo a "uma libertação espontânea e não censurada de emoções"³, podemos viver uma catarse que é fonte de prazer.

Para o processo biblioterapêutico, cujo grande objectivo é contribuir para o desenvolvimento e o bem-estar do ser humano, a identificação e a catarse são fulcrais. Enquanto biblioterapeuta, e pessoa que lê por prazer, vivo com particular interesse estes fenómenos através das histórias que nos levam ao encontro do lado mais escuso da nossa psique — por exemplo, a identificação com os anti-heróis, com os maus da fita, o regozijo perante tragédias e a consumação de transgressões éticas e morais que vemos como repositoras de um certo equilíbrio ou justificadas por um certo sentido de justiça, muitas vezes feita pelas próprias mãos.

Quando lemos sozinhos, em silêncio, e suspendemos por instantes a realidade com todos os seus constrangimentos e forças convergentes e uniformizadoras — as mesmas que sabemos, em boa consciência, serem necessárias para viver em sociedade e que defendemos com convicção quando as vemos ameaçadas —, sentimo-nos livres para dar asas a emoções, sentimentos e caracterís-

1) Alusão ao poema "A hipótese do Cinzento", de João Luís Barreto Guimarães em "Nómada", Quetzal Editores, 2018

2) "Bibliotherapy: A Theoretical and Clinical-Experimental Study", Caroline Shrodes, Universidade da Califórnia, 1949, pág. 2-3

3) Idem, pág. 36



ticas que são incompatíveis com o ideal do ego, que procuramos esconder, disfarçar, mas que serão sempre, em menor ou maior medida, parte integrante de nós: sentimentos de inveja, comportamentos mesquinhos, ataques de ira, desejos de vingança e de morte, desprezo pelas fragilidades dos outros, atitudes de soberania, etc. Neste laboratório que é a leitura de ficção, sabendo hoje, como demonstra a imagiologia moderna, que o nosso cérebro se alinha com a psique das personagens, damos, literalmente, o corpo aos pecados. E que bem que sabe!

Sim, que bem me soube, numa tira de Quino, o estalo que a Mafalda dá à Susana quando lhe faltam argumentos para explicar que ter muita cultura importa mais que ter um armário cheio de vestidos. Sim, que bem me souberam todos os golpes desferidos por Miss Piggy, nos bastidores d' Os Marretas,

para impor os seus caprichos artísticos (a sério, nunca vos apeteceu apertar o pescoço a um chefe ou esbofetear um colega de trabalho?). Sim, que bem me soube o final de "Apneia", de Tânia Ganho, um desfecho que eu desejei intensamente desde muito cedo na leitura daquele romance, porque há patifes que não merecem viver. Sim, admito com uma ponta de vergonha, vi na desgraça que se abate sobre Lila, da tetralogia napolitana de Elena Ferrante, uma forma de justiça, como se aquele sofrimento inominável a apresentasse, finalmente, ao sofrimento que infligiu a todos os que manipulou sem escrúpulos e com perversidade. E que bem me soube, no conto "A uma hora tão tardia", de Claire Keegan, o sovina Cathal ser espezinhado por Sabine poucas horas antes do casamento.

Portanto, leiamos para purgar a lista de pecados biliosos que carregamos. E sigamos mais leves e harmonizados na vida real, no quotidiano, sabendo que, ao menos, as histórias nunca nos julgarão.

CLUBE DE LEITURA



O clube de leitura **«O Prazer da Escrita»** tem como principal objetivo fomentar o convívio entre os amantes de livros, a democratização da cultura e o incentivo à leitura.

O encontro literário para discussão do livro escolhido acontece no último sábado de cada mês (ou no primeiro sábado, em função de eventuais festividades ou disponibilidade dos escritores convidados), das 21h30 às 22h30 (horário de Portugal Continental e Madeira).

Seguindo a dinâmica dos clubes de leitura das bibliotecas municipais, o acesso ao clube e a participação nos encontros através da plataforma Zoom é gratuita. Se desejar aderir a este clube de leitura online, basta solicitar adesão .

O prémio literário «O Prazer da Escrita» terá a sua primeira edição em 2024. Este prémio literário é promovido pelo projeto «O Prazer da Escrita», em colaboração com a Editora Visgarolho. O seu principal objetivo é incentivar a escrita e a leitura de um género tão português como o conto, contribuindo, assim, para o surgimento de novos contistas nacionais. Aos autores premiados, será oferecida a oportunidade de publicação através da Editora Visgarolho. A 1.ª edição do prémio literário «O Prazer da Escrita» decorrerá entre as 00h00 de 22 de abril de 2024 e as 23h59 de 27 de maio de 2024.

Mais informações: info@oprazerdaescrita.com

Podcast

LIVROS A TRÊS

Livros, leituras e escrita

Analita Santos

Cláudia Passarinho

Inês Pinto



DISPONÍVEL NOS PRINCIPAIS AGREGADORES DE PODCAST.



Ouçá no
Google Podcasts

A SUA
REVISTA
LITERÁRIA



PALAVRAR.OPRAZERDAESCRITA.COM

Um projeto:



Analita Alves dos Santos
O PRAZER DA ESCRITA